

REVISTA Bahia PRODUTIVA



O PROTAGONISMO DA JUVENTUDE RURAL DA BAHIA

GEOGRAFIA - AGRICULTURA FAMILIAR

- * USO DA TERRA;
- * FONTE DE RENDA;
- * SUSTENTABILIDADE;
- * EMPREENDEDORISMO.

GOVERNADOR

Jerônimo Rodrigues

VICE-GOVERNADOR

Geraldo Júnior

**SECRETÁRIO DE DESENVOLVIMENTO
RURAL DO ESTADO DA BAHIA**

Osni Cardoso

**DIRETOR-PRESIDENTE DA COMPANHIA
DE DESENVOLVIMENTO E AÇÃO REGIONAL (CAR)**

Jeandro Ribeiro

COORDENADOR DO BAHIA PRODUTIVA

Fernando Cezar Cabral Oliveira

EDITORA GERAL

Silvia Costa

EDITORA ASSISTENTE

Marta Medeiros

REVISÃO TÉCNICA

Ivan Fontes

TEXTOS

Karoline Meira

Rafael Barreto

FOTOS

André Frutuoso

Geraldo Carvalho

COLABORAÇÃO

Carla Ornelas

Marcílio Cerqueira

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

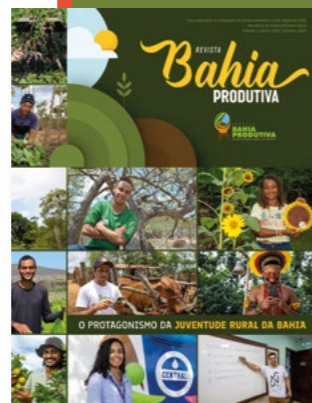
P55 Edição - André Portugal e Marcelo Portugal

IMPRESSÃO

EMGRAF

TIRAGEM

600 exemplares gratuitos. Venda proibida.

**Bahia Produtiva**

Uma publicação do Projeto Bahia Produtiva executado pela Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), empresa pública vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Rural do Estado da Bahia (SDR). Janeiro 2023.

Companhia de Desenvolvimento
e Ação Regional - CAR

Av. Luiz Viana Filho, 250 Conjunto Seplan
CAB, Salvador, Bahia - CEP: 41745-001



REVISTA

Bahia

PRODUTIVA



APRESENTAÇÃO

O protagonismo da juventude no desenvolvimento rural da Bahia

A tão necessária sucessão rural vem sendo estimulada nos últimos anos, paulatinamente, com a execução de políticas públicas do Governo do Estado, via Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), visando o fortalecimento da agricultura familiar e o desenvolvimento rural da Bahia. E os jovens, que são valorizados e inseridos nessas ações, destacam-se como protagonistas das transformações que acontecem no rural baiano.

A partir dos investimentos do Governo do Estado, por meio do Projeto Bahia Produtiva, resultado do Acordo de Empréstimo entre o Estado da Bahia e o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), executado pela Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), a juventude rural passou a contar com o apoio e estímulo para que possa contribuir e qualificar sua inserção nas comunidades de forma inovadora, criativa e com toda a disposição.

Por Meio do Projeto Bahia Produtiva, mais de 600 jovens foram identificados (as), selecionados (as) e capacitados (as) para atuarem em suas comunidades, a partir de associações e cooperativas apoiadas.

Outras centenas de jovens apoiados (as), direta ou indiretamente, sejam como agente de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), como gestor de organizações produtivas ou ainda como liderança em suas comunidades rurais apoiadas por outras políticas públicas, estão fazendo a diferença e mudando a história dessas comunidades e dos empreendimentos onde atuam.

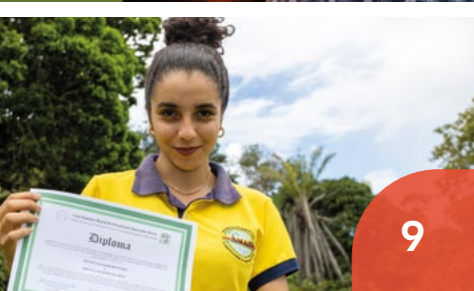
São algumas dessas experiências que você leitor terá a oportunidade de conferir nesta Edição nº 05 da Revista Bahia Produtiva. Que essas inspiradoras histórias possam incentivar outros (as) jovens a seguirem por esse caminho para conquistar a tão sonhada autonomia, sustentabilidade e qualidade de vida no campo.

SUMÁRIO



- 1 | Produção orgânica transforma a vida de jovem agricultor de Barro Alto • 10
- 2 | Atuação de tecnólogo em apicultura e meliponicultura contribui para garantia de renda no campo • 20
- 3 | Classificador de café promove elevação da comercialização de cooperativa do Sudoeste Baiano • 28
- 4 | Contratação de Agentes Comunitários movimenta comunidades rurais e gera renda no campo • 38
- 5 | Cooperativa de leite de cabra é reerguida com a força e a determinação de jovens do Sisal • 48
- 6 | Engenheiro agrônomo incentiva produção sustentável e o resgate de sementes crioulas • 56
- 7 | Artesã transforma coco de piaçava e sementes da seringueira e do açaí em biojoias de luxo • 64





8 | Cafés especiais produzidos por jovens agricultores de Piatã são premiados e ultrapassam fronteiras • 72

9 | Cooperativismo promove empoderamento e autonomia para jovens mulheres rurais • 84

10 | Frutas típicas da Caatinga se transformam em cervejas artesanais nas mãos de jovem mestre cervejeiro • 94

11 | Mulheres de Alagoinhas são protagonistas no processo de sucessão rural • 106

12 | Presidente de rede de cooperativas baianas da agricultura familiar se torna referência em gestão • 114

13 | Produção de laranja orgânica é o caminho para o desenvolvimento de jovens do Litoral Norte da Bahia • 126

14 | Produtor de leite promove melhoramento genético de bovinos com a utilização de biotecnologias • 136

15 | Protagonismo de Agente Comunitário Rural impulsiona a bovinocultura de leite no Semiárido • 146

16 | Redes sociais são ferramentas utilizadas por jovem Pataxó para visibilizar a cultura e tradição do povo indígena • 154

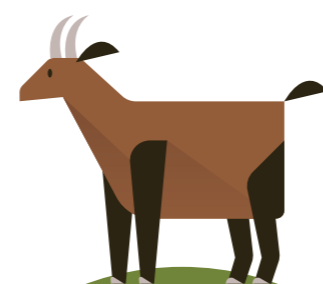
17 | Renovação do cultivo é a aposta de novos produtores de cacau do Litoral Sul da Bahia • 164

18 | Técnica agrícola mostra que é possível viver com qualidade no Semiárido baiano • 174

19 | Técnico em agropecuária une conhecimento científico à ancestralidade e revoluciona forma de produção de comunidade quilombola • 182

20 | Contribuir para chegar água de qualidade em comunidades rurais é propósito de gerente de Central de Águas • 192

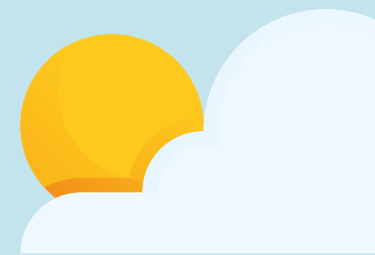
21 | Lidera BP incentiva jovem a se desenvolver enquanto liderança na sua comunidade rural • 202





**Produção orgânica
transforma a vida
de jovem agricultor
de Barro Alto**

Antônio Aloísio de Oliveira



Povoá Ma

Cuidado com o meio ambiente e com a produção de alimentos, tendo como meta plantar e colher alimentos em harmonia com a natureza, em vista de proporcionar melhor qualidade de vida para a sociedade atual e para as gerações futuras. É nessa perspectiva que a agricultura familiar da Bahia, que passa a contar com a força e a disposição da juventude rural, segue na mudança de comportamento e na busca por mais sustentabilidade no desenvolvimento de diversos sistemas produtivos.

O perfil da agricultura familiar vem mudando, é o que mostram os dados do último Censo Agropecuário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo as pesquisas, a idade dos produtores rurais está entre 25 e 45 anos (40,66%) e essa juventude tem contribuído para ampliar a adoção de práticas mais sustentáveis de manejo e a utilização de novas tecnologias, aliando os saberes tradicionais aos conhecimentos atuais relacionados à produção agrícola.

Essa mudança de comportamento está promovendo o aumento da produção de alimentos orgânicos, cultivados sem o uso de agrotóxicos ou outros insumos agroquímicos e sem organismos geneticamente modificados. Esses alimentos estão conquistando cada vez mais a preferência de produtores e consumidores.

No município de Barro Alto, localizado no Território de Identidade Irecê, o segmento deu uma guinada e faz parte da trajetória de jovens como Antônio Aloísio de Oliveira, conhecido como Toninho, 34 anos. Produtor rural durante toda a

sua vida, na agricultura convencional, Toninho escolheu a agricultura orgânica como meio de transformação. Filho de agricultores, ele tem na memória que desde os cinco anos de idade acompanhava seu pai na plantação de hortaliças e verduras, em um plantio de sequeiro, que, segundo ele, não trazia grandes ganhos, o que o deixou descreditado. Foi quando ele recebeu o convite de um grupo de produtores para conhecer a agricultura orgânica e se apaixonou. Ele foi além e se capacitou participando de cursos e formações.

Toninho, hoje, possui dois hectares e meio de uma produção vistosa, diversificada e 100% orgânica. São 15 cultivos, entre eles alface, coentro, rúcula, couve, salsa, cebola, cenoura, beterraba e tomate cereja, tudo certificado pelo Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade Orgânica (OPAC), credenciado junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). O processo de certificação tem a parceria do Núcleo Raízes do Sertão, organização formada por produtores do território Irecê, vinculada à Rede de Agroecologia Povos da Mata.

Sua produção pode ser vendida para toda a Bahia, para o Brasil e também para o exterior. O carro-chefe é a produção de hortaliças.

“Produzo um alimento sustentável e mais nutritivo e me sinto orgulhoso e importante para o mundo”.

Antônio Aloísio de Oliveira (Toninho)
34 anos, produtor orgânico

A rentabilidade da produção orgânica

O jovem iniciou a sua produção orgânica há cinco anos. Atualmente, ele colhe por mês, em média, 300 molhes de alface, 300 de coentro e 100 de rúcula, além de 200 quilos de cenoura e beterraba por semana, o que lhe garante uma renda mensal de R\$ 6 mil.

“É o meu meio de sobrevivência. Foi através da agricultura familiar que fui adquirindo recursos. Com os alimentos orgânicos a gente consegue dominar o mercado e nos desviar de atravessadores e, assim, podemos abastecer nossas feiras e também realizar vendas diretas ao consumidor”, salienta Toninho.

Seus pais continuam com o plantio antigo de sequeiro. **“Eles não têm a visão que eu tenho. A visão deles é mais voltada para a horta de fundo de quintal. Eu já vejo uma grande produção, diversa, que eu possa atender à cidade local e também às cidades vizinhas. A minha visão é que eu posso me sustentar e ganhar uma renda”.**



Produção mensal



300 molhes de alface,
300 de coentro
e **100** de rúcula

Produção semanal



200 quilos
de cenoura
e beterraba

Renda

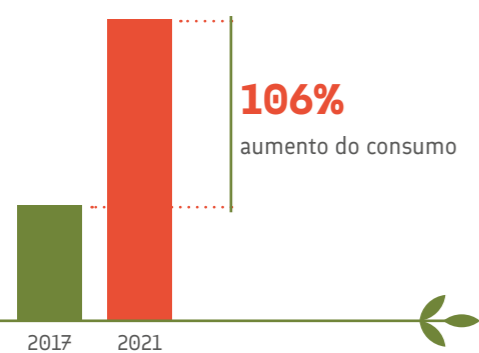
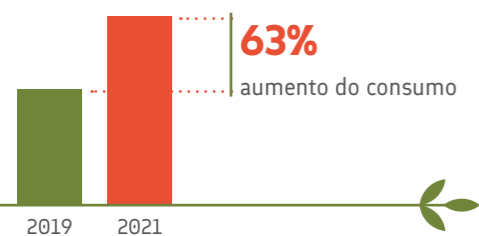


R\$ 6 mil
por mês

Consumo de alimentos orgânicos

Segundo o **Panorama do Consumo de Orgânicos no Brasil 2021**, divulgado pela Associação de Promoção dos Orgânicos (**Organis**), o país registrou aumento de 63% no consumo desse tipo de alimento em comparação com o ano de 2019, e de 106% em relação ao ano de 2017. De acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, o Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos cresceu 10% entre os anos de 2020 e 2021, o que representa que os produtores têm respondido rapidamente à demanda do mercado.

Consumo de orgânicos no Brasil



Os alimentos produzidos na propriedade de Toninho são vendidos na sede do município de Barro Alto e são entregues também no entreposto de produtos primários de Irecê, administrado pela **Associação Raízes do Sertão**, do **Grupo Raízes do Sertão**, vinculada à **rede Povos da Mata**. Lá é um ponto de entrega para estabelecimentos comerciais de toda a Bahia, a exemplo do **Grupo Grão de Arroz**, em Salvador.

O Grupo Grão de Arroz trabalha com grande variedade de orgânicos frescos e certificados e compram a maior parte dos produtos na rede Povos da Mata. A rede é responsável pela coordenação e certificação participativa de agricultores e agricultoras familiares que produzem alimentos orgânicos.

A sócia-diretora do Grão de Arroz, Tainá Martins Cunha, afirma que são produtos de boa qualidade e bem vendidos no estabelecimento.

“Apostar na produção de orgânicos é um sinal de sabedoria e fico muito feliz em saber que produtores mais jovens têm esse pensamento. Isso nos dá uma visão de que o futuro, desde sempre, é sustentavelmente orgânico”.

Tainá Martins Cunha
sócia-diretora do grupo Grão de Arroz



Investimentos

A partir do apoio do Governo do Estado, via Projeto Bahia Produtiva, a produção de Toninho será entregue também para a unidade de fracionamento de produtos vegetais da Cooperativa de Trabalho Agropecuária Mista de Barro Alto (**Agrocoop**). Na unidade, será realizado o beneficiamento de produtos da base produtiva local. Assim, os agricultores da região vão contar com um novo ambiente de comercialização para fracionar, embalar e entregar em quitandas, supermercados e para programas institucionais.

Na cooperativa estão sendo investidos **R\$ 402,8 mil**, por meio do Projeto Bahia Produtiva, para viabilizar a logística, comercialização e processamento do excedente de produtos. Com os recursos, a Cooperativa passa a contar com

máquinas e equipamentos, como câmara fria, caminhão baú refrigerado, carro furgão para transporte, mesa inox, seladora, embalagens, rótulos e identidade visual, além do serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER).

Toninho é um dos agricultores atendidos com o serviço de ATER, por meio da Humana Brasil, instituição contratada pelo Bahia Produtiva para ofertar o serviço. **“Apreendi a cuidar melhor da minha plantaço e ainda a calcular gastos, ver lucro, anotar tudo isso”.**

O técnico de ATER, que também integra o Núcleo Raízes do Sertão, Fabiano Soares, comenta a evolução do jovem. *“No início, ele tinha muitos problemas de ataque de pragas e doenças, mas, com as práticas de correção, manejo do solo e com a biocalda, feita na própria propriedade, sem custo para o agricultor, com insumos e mão de obra da própria propriedade, fomos eliminando esse problema aos poucos. Hoje, ele faz uma produção de qualidade e em quantidade e consegue atingir clientes mais exigentes”.*

Os canteiros do agricultor dão gosto de ver. O cuidado é evidente, há espaço entre cada plantação, utilização de compostagem e irrigação por gotejamento. E ele iniciou também a produção de suas próprias sementes, como as de cebola, reduzindo ainda mais os custos.

Fabiano afirma que o desafio é manter a juventude no campo e fortalecer a agricultura familiar.

“O sistema dizia que quem está na roça é pobre; os pais diziam: ‘ou você estuda ou vou te colocar na roça’; e, hoje, isso está sendo desmistificado”.

Fabiano Soares
Técnico de ATER do Núcleo
Raízes do Sertão



→ **Vislumbrando o futuro**

Toninho resalta que a produção orgânica é o futuro com garantia. *“Quando os jovens se conscientizarem disso, com certeza vão se inserir mais na agricultura orgânica. O convencional é imprevisível, uma hora o preço está lá em cima, outra hora lá embaixo. No mercado orgânico, a gente consegue pôr o preço no produto. No convencional são os atravessadores que põem o preço”.*

E os resultados ultrapassam o lucro monetário, impactando também na preservação da natureza e na saúde de quem consome os produtos. *“Produzo um alimento sustentável e mais nutritivo. Ouvimos muito falar dos casos de câncer nessa região e a gente sabe que tem muita relação com o alimento. Além disso, eu não agrido o meio ambiente e os animais. Por exemplo, se eu acho uma cobra, eu não mato, ela ajuda também, é uma predadora. Se tem um rato que está me dando prejuízo, ela come. A gente zela por esses animais e eles ajudam no controle de pragas”*, observa Toninho.

O jovem agricultor já está tão envolvido com a terra onde produz e com esse novo estilo de vida que planeja construir lá a sua casa.



“Moro na cidade, mas meus planos é morar no meu terreno, pois eu ganho tempo, economizo gasolina e vivo bem”.

Para Toninho, a gestão da propriedade e de toda a produção funciona como uma empresa. *“Organizo meu trabalho. Na segunda, eu planto; na terça e na quarta, são dias de mexer com insumos ou mexer com a terra, como uma poda, uma adubação. Já na quinta é colheita; sexta, entregas; sábado, organizo minhas contas e domingo é o meu dia livre”.*

A propriedade está evoluindo e já conta com a utilização de tecnologias, como a de energia solar, que, além de ser ambientalmente sustentável, contribui para a redução de despesas. *“Barateou muito meu custo e isso me possibilita ter um lucro mais elevado”.*

Com uma produção já estabelecida no mercado, Toninho planeja agora diversificar ainda mais o seu negócio.

“Quero plantar repolho, tomate, abóbora, pepino, alho e aumentar a área de plantação de frutas. A natureza é uma engrenagem que precisa ser encaixada e eu me encaixo nela”.



Atuação de tecnólogo em apicultura e meliponicultura contribui para garantia de renda no campo

Davi Santos



A produção de mel e de outros produtos das abelhas movimentou a economia em diversos municípios do estado da Bahia. Da região litorânea à semiárida, há uma diversidade de plantas produtoras de néctar e pólen e condições climáticas favoráveis ao desenvolvimento e reprodução de abelhas.

São importantes fatores que fazem da Bahia o quarto maior produtor de mel do país. No estado, a apicultura é desenvolvida principalmente pela agricultura familiar, contribuindo para a renda das famílias e a permanência dessa população no campo, além de preservar biomas como o da Caatinga e impactar, positivamente, nos aspectos social, ambiental e econômico. E esse potencial apícola está atraindo cada vez mais jovens.

Um desses jovens é **Davi Santos, 27 anos**, do **distrito de Itatiaia**, localizado no **município de São José do Jacuípe, Território de Identidade Bacia do Jacuípe**, que iniciou o trabalho com as abelhas muito cedo. Seus pais, agricultores familiares, trabalhavam com sisal e tinham pequenas criações de ovinos e caprinos e umas poucas vacas para tirar leite para o consumo. Mas, a sua inspiração foi o seu irmão mais velho, **Paulo Santos, 39 anos**, que iniciou na apicultura aos 15 anos.

Davi gostava de observar o trabalho do irmão no apiário e conta como foi 'batizado' pelas abelhas. *"Eu lembro que, quando eu tinha 6 anos, estava olhando meu irmão trabalhar nas melgueiras. Fiquei a uns 300 metros de distância, atrás de uma moita, mas veio uma abelha de lá e eu levei uma ferroadinha. Nunca esqueço".*



A picada não foi motivo para desistência. A paixão pela apicultura aumentou no decorrer dos anos e o jovem foi se aperfeiçoando. Davi desenvolve a atividade há 18 anos, mas foi com o apoio do Governo do Estado, por meio do **Projeto Bahia Produtiva**, que ele começou a focar na apicultura como atividade econômica. Há seis anos, Davi foi selecionado para atuar como **Agente Comunitário de Apicultura e Meliponicultura (ACA)**.

Antes do Bahia Produtiva, o jovem trabalhava na propriedade dos pais e ajudava o irmão apicultor, que faz parte da **Cooperativa de Produção da Região do Piemonte da Diamantina (Coopes)**, localizada no município de Capim Grosso. *"Soube que o edital estava contratando um jovem da região, que tivesse afinidade com esse sistema produtivo. Pensei: essa é uma oportunidade para mim".*

Em busca de mais conhecimento

Davi, que já tinha a experiência, a partir da sua vivência com as abelhas, resolveu se capacitar e se formou na primeira turma do Curso Superior de Tecnologia em Apicultura e Meliponicultura do Norte e Nordeste do país. O curso foi implantado pelo Governo da Bahia, por meio da **Superintendência da Agricultura Familiar (SUAFA)** e da **Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR)**, vinculadas à **Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR)**, em parceria com a **Universidade de Taubaté (Unitau)** e a **Cooperativa dos Apicultores de Tucano (Cooapit)**, localizada em Tucano.

O tecnólogo em apicultura e meliponicultura é o profissional que, com base em técnicas e procedimentos adequados, executa o controle operacional das diferentes atividades que compõem o sistema produtivo apícola, promovendo a sua melhoria contínua para atingir níveis de serviço e de produtos mais elevados.

Aliado ao seu processo de formação, Davi iniciou a sua própria criação de abelhas e, hoje, possui 40 caixas de mel e garante uma renda de **R\$ 4 mil** por safra. *"A apicultura representa uma oportunidade para muitos de melhorar de vida. Muita gente via a atividade como renda complementar, mas, hoje, trabalhando com apicultura, você consegue ter uma independência financeira. O investimento é baixo e o retorno, grande".*

Como ACA, apicultor e tecnólogo, Davi realiza o atendimento a **50 famílias vinculadas à Coopes**, distribuídas em dez comunidades, de seis municípios do Território Bacia do Jacuípe. A cooperativa já recebeu **R\$ 969 mil em investimentos** somente para o fortalecimento do sistema produtivo da apicultura e melipo-



nicultura. Os recursos foram destinados à implantação de uma Unidade de Beneficiamento de Mel, aquisição de máquinas e equipamentos, e identificação visual dos produtos, além da prestação do serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) e a contratação do ACA.

Conhecimento gera crescimento

Com seu trabalho, Davi viu acontecer a mudança na realidade das famílias atendidas. **“Antes, as famílias não faziam o manejo correto. Com as orientações adequadas, elas viram a produção dobrar. O Projeto Bahia Produtiva deu toda a estruturação com a contratação do ACA e da instituição de ATER e a vida financeira desse povo mudou”.**

O jovem apicultor conta como o trabalho que ele realiza como ACA tem sido o diferencial nas comunidades atendidas. **“Tanto os beneficiários que já atuavam no sistema produtivo da apicultura quanto os novos passaram a trabalhar da maneira correta. Eles tiveram um bom desenvolvimento, tiveram renda extra e a maioria está investindo cada vez mais nessa atividade. Tem beneficiário que antes produzia uma média de R\$ 15 mil e hoje está produzindo R\$ 70 mil por ano”.**

Potencial de aumento na produção



O resultado é contabilizado no aumento da produção de todos os apicultores ligados à Coopes e atendidos pelo jovem ACA. **“O mel que a gente produzia chegava a uma média de oito toneladas por ano. Hoje, chega a 26 toneladas e não estamos na nossa capacidade total das colmeias. Daqui a dois anos vamos chegar a 50 toneladas de mel”.** O mel produzido nos apiários dos apicultores da Coopes leva a marca: Mel de Abelha Apis.

Outra atividade que está em desenvolvimento na região que abrange os municípios de Capim Grosso, São José do Jacuípe, Quixabeira e Serrolândia é a meliponicultura, produção de mel de abelhas nativas, sem ferrão, especialmente a criação da abelha Mandaçaia. Na sede da Coopes, inclusive, foi implantado um meliponário didático, para incentivar a criação dessas abelhas.

Francelma de Lima, 34 anos, presidente da Coopes, ressalta a importância do trabalho realizado por Davi. **“Ele vem ajudando as famílias a não saírem do campo para buscarem seus sonhos. Com a orientação, elas percebem que dá para tirar o sustento no local onde moram. A gente aprende a lidar com o nosso meio, no caso, o Semiárido, para não nos deslocarmos daqui para a cidade grande, porque aqui a gente consegue se manter e ter uma qualidade de vida melhor”.**



Juventude mais participativa

A Coopes possui 180 sócios, sendo 50% jovens e 80% mulheres. Francelma ressalta o quanto é importante essa diversidade no quadro da cooperativa. **“A cooperativa incentiva a participação de jovens e mulheres. Convidamos as famílias para participar de reuniões e os Agentes Comunitários Rurais (ACR) e ACA orientam que é importante conquistar esses espaços e a gente percebe que há mais jovens querendo estar nesses espaços”.**

Jeane Araújo, 25 anos, técnica em agropecuária, é uma das cooperadas da Coopes e também recebe o incentivo e as orientações de Davi no trabalho com a criação de abelhas. **“Recebi do Bahia Produtiva 10 caixas completas e equipamentos de proteção individual. Hoje, já colho meu mel, vendo para a cooperativa e ajudo na renda familiar. Ver um jovem inserido na área com certeza foi um estímulo para eu dar início a essa atividade”.**

“Ele vem ajudando as famílias a não saírem do campo para buscarem seus sonhos. Com a orientação, elas percebem que dá para tirar o sustento no local onde moram.

A gente aprende a lidar com o nosso meio, no caso, o Semiárido, para não nos deslocarmos daqui para a cidade grande, porque aqui a gente consegue se manter e ter uma qualidade de vida melhor”.

Francelma de Lima
presidente da Coopes

A jovem, que trabalha como ACR prestando o serviço de ATER no sistema produtivo do licuri a famílias vinculadas à Coopes, viu em sua propriedade o potencial para desenvolver a apicultura. **“Tenho um espaço com muitas frutas e flores; aproveitei para explorar esse segmento. A apicultura é uma atividade bonita. E não tem muita mão de obra, precisa cuidar, mas não precisa estar todo dia”.**

Jeane já planeja aumentar a sua produção. **“Minha expectativa é aumentar as minhas caixas, porque o mercado a gente já tem, a cooperativa já pega a nossa produção. Vou adquirir mais caixas, para colocar no campo, as abelhas fazerem todo o processo e a gente colher com sustentabilidade”.**

“A apicultura representa cuidado e amor pela natureza. Amor pelo nosso bioma Caatinga, pela nossa fauna e flora. A gente, criando abelha, faz uma prática para que ela não entre em extinção. Se a gente não cuidar, criar e alimentar, ela pode desaparecer. Essa atividade vai além de um produto alimentício ou farmacêutico”.

Jeane Araújo

25 anos, técnica em agropecuária e associada da Coopes



Atividade sustentável

A apicultura é uma atividade que pode ser caracterizada como ecologicamente correta, economicamente viável e socialmente justa, contemplando, assim, os três pilares da produção sustentável, uma das tendências mundiais para os próximos anos.

Para Jeane, a apicultura representa cuidado e amor pela natureza. **“É amor pelo nosso bioma Caatinga, pela nossa fauna e flora. A gente, criando abelha, faz uma prática para que ela não entre em extinção. Se a gente não cuidar, criar e alimentar, ela pode desaparecer. Essa atividade vai além de um produto alimentício ou farmacêutico”.**

Ela observa que a produção de mel de abelhas como a mandaçaia e a jataí, por exemplo, é importante para o mundo, para a polinização e a produção de alimentos, e que, por isso, as abelhas devem ser preservadas, para que se mantenham no meio ambiente.

“Que a nova geração possa ver e saber dessa importância”.

Jeane Araújo

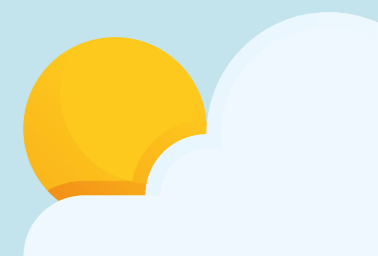
25 anos, técnica em agropecuária e associada da Coopes

Davi ressalta que a apicultura é a atividade mais sustentável que existe. **“Primeiro, o apicultor nunca vai querer derrubar uma árvore, ele vai querer é plantar porque as abelhas precisam do pólen e das folhas das árvores. Sem contar que a abelha é o principal polinizador dos frutos, dos alimentos que vêm para a nossa mesa. O meio ambiente precisa das abelhas. É uma atividade em perfeita sincronia”.**



Classificador de café promove elevação da comercialização de cooperativa do Sudoeste Baiano

Mateus Tavares Silva



Com apenas 22 anos, ele é peça-chave para o desenvolvimento e crescimento de uma das maiores cooperativas baianas da agricultura familiar, a Cooperativa Mista dos Cafeicultores de Barra do Choça e Região (Cooperbac). **Mateus Tavares Silva é degustador e classificador de café.** Cabe a ele verificar as condições do café que chega das propriedades dos produtores associados à cooperativa, além de avaliar as características da bebida e precificar o produto.

Um trabalho que envolve técnica e talento. Em época de colheita, que ocorre entre os meses de junho a agosto, Mateus chega a provar mil xícaras de café em um único dia. Como degustador, ele não engole o café que experimenta: o café é cuspidor em um recipiente antes que ele passe para a outra xícara. Um movimento que envolve todos os sentidos, audição, visão, tato, olfato e paladar. É assim que o jovem reconhece toda a trajetória e qualidade do fruto.

Para Mateus, a técnica se adquire com o tempo, mas é preciso gostar da profissão.

“É preciso muita prática e só se aprende assim, praticando.

Hoje, sei dizer tudo o que o produtor faz no campo ao saborear o café.

Se colheu verde, qual o tipo de secagem, a torragem. É o dia a dia, o costume de provar que faz o profissional”.



Trajatória

Mateus cresceu entre os cafezais. Filho de cafeicultores, o contato com o fruto veio desde que ele se entende por gente.

“Eu sempre andei pelos terreiros mexendo no café, está no meu sangue”.

Seu pai, **Sebastião Barbosa Silva**, 45 anos, conta que desde pequenininho ele já ia para a roça. “Lembro-me da mãe dele amamentando, debaixo de um ingazeiro. Depois ela o deixava dentro de uma bacia, na sombra, e ele ficava de lá olhando o nosso trabalho, e nós de cá, com um olho no café e outro nele”.

Para Sebastião, Mateus, que é o primogênito, é o orgulho da família e tem o reconhecimento pelo trabalho que realiza. “Ele cresceu comigo na lavoura de café e é só orgulho. É exemplo para os dois irmãos mais novos e para toda a comunidade. Por onde a gente passa, ouve que ele é um menino responsável, de ouro, que vem incentivando os agricultores a produzirem melhor o café, mostrando que o filho do homem do campo pode ganhar o mundo. Meu menino ganhou o mundo”.



Sebastião ressalta que é muito importante essa inserção dos jovens em produções da agricultura familiar.

“A sucessão rural é uma preocupação para nós agricultores, porque a gente sabe que a lida no campo não é fácil, a carga horária de serviço ultrapassa as oito horas diárias, mas para a gente é muito gratificante estar sempre em busca de melhorias, junto a esses jovens. Precisamos incentivá-los a buscarem esse olhar voltado para o campo, sem contar que é qualidade de vida. O trabalho na zona rural é puxado, mas a qualidade de vida é boa. Nossa alimentação vem do que a gente produz e essa é uma luta nossa”.

Sebastião Silva
produtor de café e pai de Mateus



Imersão no mundo do café

Mateus, desde cedo, despertou para aprender mais sobre esse sistema produtivo e começou ajudando seu pai no cultivo da lavoura de café da família. Em 2017, quando terminou o Ensino Médio, resolveu se dedicar ainda mais, quando começou a participar da Cooperbac. Na época, seu pai já era cooperado.

Em 2018, o Governo do Estado, por meio do Projeto Bahia Produtiva, financiou um Curso de Degustador de Café para cerca de 15 jovens. No curso, que foi realizado no município de Vitória da Conquista com duração de dois anos, Mateus se destacou. **“Através das políticas públicas vieram as oportunidades. Foi quando percebi que era isso que eu queria. Pelo fato de sempre ter trabalhado na cultura do café, vi que poderia me aperfeiçoar ainda mais, contribuir com a minha comunidade e toda a região. Era uma oportunidade para me manter perto da minha família. Fiz o curso e, desde então, venho somando diretamente na Cooperbac como colaborador”**, conta Mateus.

O Bahia Produtiva já destinou R\$ 5,4 milhões para a Cooperbac. Os recursos foram aplicados na base de produção, aquisição de estufas, equipamentos, Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), implantação da Unidade de Processamento e Torrefação de Café, no desenvolvimento de embalagens e rótulos, e em estratégias para o acesso a mercados, entre outras ações.

R\$ 5,4 milhões

Investimento destinado pelo Governo do Estado por meio do projeto Bahia Produtiva para a Cooperbac

Na cooperativa também foi implantado o Laboratório de Classificação Sensorial de Café, importante espaço liderado pelo jovem Mateus, onde são certificados e emitidos laudos técnicos, que habilitam o produto da Cooperbac para a comercialização junto a grandes marcas nacionais de café.

Os avanços, serviços e produtos ofertados pela Cooperbac geram emprego e renda para cerca de nove mil pessoas, direta e indiretamente, fortalecendo a economia local e regional. Hoje, a cooperativa produz desde o café popular até o premium e acaba de colocar no mercado o café orgânico.



Resultado dos investimentos

A presidente da Cooperbac, Joara Oliveira, 36 anos, explica que o Bahia Produtiva é um projeto muito importante para a agricultura familiar, porque é executado a partir das necessidades apresentadas pelo agricultor e pela agricultora. **“Quando fizemos a manifestação de interesse para participar do edital do Bahia Produtiva, os produtores pediram um laboratório, e dentro do nosso plano de negócios tinha a formação de três jovens, porque não adiantava instalar um laboratório de última tecnologia e não ter [o profissional] classificador. Como temos a nossa política de inserção dos jovens, iniciamos uma seleção com jovens filhos, netos e sobrinhos de cooperados, entre eles está Mateus”.**

“Antigamente, produzíamos 20 mil sacas de café por ano e, hoje, são 280 mil sacas de café por ano. A amostra desse café vem para a cooperativa e Mateus faz a classificação”.

Joara Oliveira
36 anos, Presidente da Cooperbac

Segundo Joara, o papel de Mateus é fundamental dentro da cooperativa, que é o de dar viabilidade ao laboratório. **“Com o Bahia Produtiva, aumentamos muito a quantidade de café produzido pela Cooperbac, porque somamos [a produção de] outros municípios. Antigamente, produzíamos 20 mil sacas de café por ano e, hoje, são 280 mil sacas de café por ano. A amostra desse café vem para a cooperativa e Mateus faz a classificação”.**

Antes, o café da Cooperbac era vendido em commodities para empresas de Vitória da Conquista, mas, apesar de ser um café com alta pontuação, as empresas não pagavam o valor referente. Agora, com o laboratório e com o classificador, a cooperativa consegue saber se o café é duro, rio, commodities ou se está acima disso, o que pode gerar ganho de até mil reais a mais por saca. Desde a inauguração do laboratório, aliado ao trabalho do classificador, a cooperativa, em um ano e quatro meses, já comercializou mais de R\$ 7 milhões, somente da matéria-prima crua.

Joara ressalta que, nesse contexto, tem aumentado muito a confiança do cooperado em levar o café para a cooperativa comercializar.

“Com essas ferramentas, a gente consegue um mercado maior.

Temos um número muito grande de amostras que Mateus faz a classificação e as empresas parceiras também confiam inteiramente nele”.



Na Cooperbac, Mateus também está responsável pela comercialização e em buscar o melhor comprador. Além disso, ele conhece todo o funcionamento da cooperativa. **“Mateus é filho de cooperado, cafeicultor, classificador, e foi treinado em tudo na Cooperbac. Ele consegue fazer o tipo de café que o cliente quer. Conhece máquina de descascar café, torrador, empacotadores, sabe como funciona tudo, porque cooperativa é isso, você não pode ser só uma coisa, precisa saber de tudo um pouco. Ele gosta de aprender. A gente vê que o cooperativismo está no sangue dele e a gente vê, no futuro, ele ajudando ainda mais a Cooperbac”**, observa Joara.

O jovem já é reconhecido no estado da Bahia pelo seu trabalho. Ele vem atuando como árbitro e juiz em concursos de café pelo estado, e também dá aulas e ministra pequenos cursos para estudantes do Ensino Médio de escolas da região.

Apesar de tudo o que já conseguiu conquistar, Mateus não quer parar por aí.

“No futuro, vejo mais aprendizados, quero fazer faculdade de Administração para agregar ainda mais à cooperativa, sempre buscando melhor qualidade de vida para mim e para os que me rodeiam.

Acredito que estudar e aprender mais é o caminho para mais jovens ocuparem espaços na agricultura familiar e buscarem mais políticas públicas para as suas comunidades”.

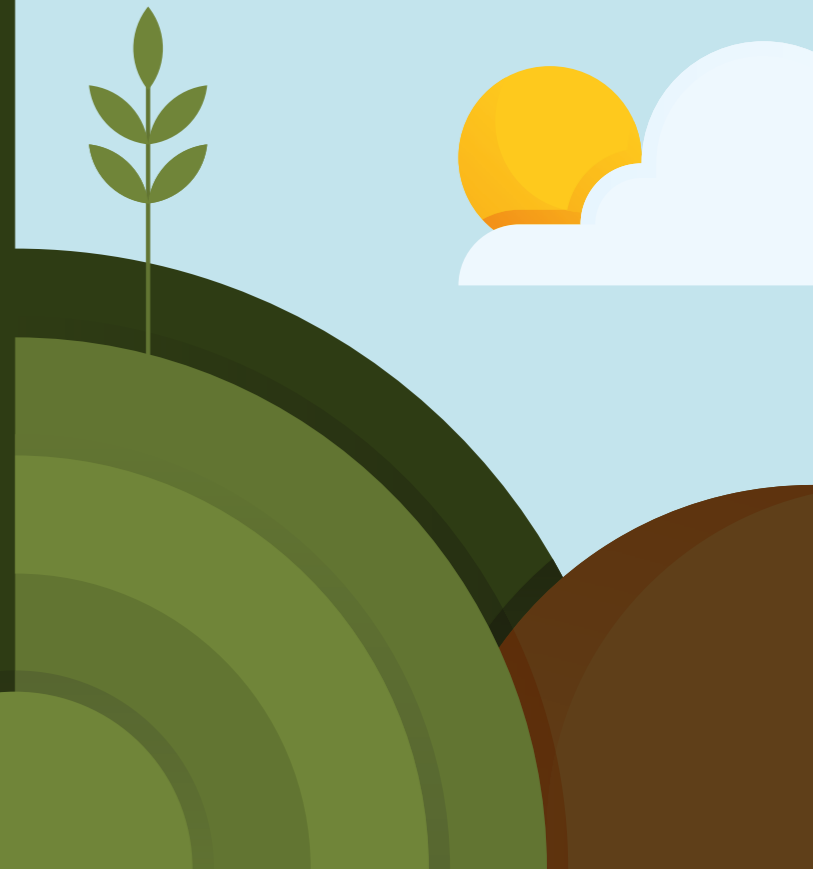
Mateus Tavares Silva
22 anos, degustador e classificador de café



Contratação de Agentes Comunitários movimentam comunidades rurais e gera renda no campo

Ronei Moreno

Fotos da matéria: André Frutuoso



Diferente das últimas décadas, quando o cenário rural da Bahia era marcado pelo êxodo rural, os jovens, atualmente, têm a oportunidade não só de ficar em suas comunidades, mas de se profissionalizarem para contribuir com o fortalecimento dessas comunidades. É esse novo ciclo de desenvolvimento que está possibilitando a muitos jovens, que haviam deixado tudo em busca de oportunidades de trabalho nas grandes cidades, o retorno para junto de suas famílias.

Essas transformações são viabilizadas por meio da execução de **políticas públicas do Governo do Estado**, como o **Projeto Bahia Produtiva**, que possibilitou, entre outras ações, a contratação de **mais de 600 jovens**, para atuarem como **Agentes Comunitários Rurais (ACR)**, a partir de seleção realizada pelas próprias associações e cooperativas apoiadas por meio do projeto.

A ação vem contribuindo para a profissionalização desses jovens e para a garantia, em muitos casos, do primeiro emprego com carteira assinada. Mas a transformação não para por aí. Ao se identificarem com o trabalho desenvolvido como ACR, alguns desses jovens resolveram se capacitar, tanto em cursos de nível técnico quanto de nível superior, em áreas como a Agrícola, Agropecuária ou das Ciências Agrárias. A atuação como ACR tem proporcionado também o desabrochar de novas lideranças em diversas comunidades rurais.

Mais de 600 jovens
atuando como ACR

Contratações viabilizadas
por meio do Projeto
Bahia Produtiva

Um desses exemplos é o de **Ronei Moreno, 29 anos, ACR da Comunidade do Bengo**, no município **Bom Jesus da Serra**, Território de Identidade **Sudoeste Baiano**. Filho de agricultores, Ronei teve, desde cedo, a vivência no campo, mas, após o Ensino Médio, foi para São Paulo em busca de emprego. Por lá ficou durante nove anos. Trabalhou como assistente administrativo e em uma panificadora.

Ronei, que em São Paulo se casou e teve seu primeiro filho, em meio a uma vida corrida e sem qualidade, viu a necessidade de buscar mais qualidade de vida, para ele e sua família, e isso impactou ainda mais na sua decisão de retornar para a sua comunidade na Bahia.

“Depois de quase 10 anos me dei conta que não devemos trabalhar só por dinheiro e sim fazer o que gosta, com amor.

Sempre gostei de lidar com agricultura e com animais.

Decidi retornar para a Bahia pelo fato de gostar de trabalhar com a terra e entender que posso ter uma renda com ela”.

Ronei Moreno
29 anos, ACR da Comunidade do Bengo



➤ O retorno à terra natal

De volta às suas origens, Ronei se inscreveu para a vaga de ACR da Associação dos Produtores da Comunidade do Bengo, no âmbito do Projeto do Governo do Estado Bahia Produtiva. Foi selecionado e aproveitou a oportunidade dada por meio do projeto para se capacitar.

“O trabalho de ACR foi uma grande oportunidade na minha vida para fazer o que mais gosto e, ao mesmo tempo, aprender novos conhecimentos com essa troca de experiências com os agricultores”.

A formação dos Agentes Comunitários Rurais é de responsabilidade das prestadoras de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) contratadas via Bahia Produtiva, para prestar o serviço junto a agricultoras e agricultores. No caso da Associação do Bengo, a instituição é o Centro de Convivência e Desenvolvimento Agroecológico do Sudoeste da Bahia (Cedasb), que, a partir de um trabalho contínuo e qualificado de formação, prepara esses jovens para realizarem o acompanhamento aos agricultores.

Atualmente, Ronei é referência no trabalho de ACR. Entre suas funções estão as de mobilizar, mediar e multiplicar os conhecimentos técnicos e de gestão, junto a agricultoras e agricultores do Bengo, mas ele lembra que, inicialmente, enfrentou algumas dificuldades para atuar na comunidade.

“Havia uma resistência de agricultores em, por exemplo, adubar, fazer cobertura e análise de solo, mas hoje temos muitos avanços e a ATER fez muita diferença. O Bengo é o que é por conta da assistência técnica. O acompanhamento técnico é um importante meio de levar aos agricultores familiares as informações necessárias para o desenvolvimento e melhoramento nas práticas, visando à geração de renda nas propriedades”, resalta Ronei.

Com persistência, o jovem buscou atender às necessidades de cada agricultor e agricultora. *“Eu presto assistência técnica dando orientação em minhas atividades e faz a diferença, porque, se eu chegar à propriedade e o beneficiário estiver fazendo alguma coisa, eu não só oriento, como eu coloco em prática e eles veem o resultado. O nosso projeto é de mandiocultura, mas eu dou assistência em outros sistemas. Eu tenho conhecimento também em suinocultura e bovinocultura e eu oriento cada um de acordo com a demanda da propriedade, mas a mandiocultura é o carro-chefe”.*



➔ Determinação

A atuação de Ronei Moreno foi fundamental para que a **Casa de Farinha do Bengo** entrasse em funcionamento, o que ocorreu em meio à pandemia da covid-19. A unidade foi construída com o apoio do **Projeto Bahia Produtiva**, que investiu recursos da ordem de R\$ 389 mil na **Associação dos Produtores da Comunidade do Bengo**. Os recursos também foram aplicados em capacitações, na oferta dos serviços de ATER, na aquisição de equipamentos e em infraestrutura para a destinação final da manipueira, líquido poluente extraído do processamento da mandioca.

A engenheira agrônoma e coordenadora de campo do Cedasb, Milena Mendes, resalta o trabalho do jovem ACR. *“Era uma comunidade em que não tínhamos mais esperança em ter sucesso, pois tivemos pouco avanço com as atividades realizadas. Com a chegada de Ronei, ele passou a dar continuidade às nossas ações, colocando em prática [os conhecimentos repassados], junto às necessidades dos agricultores. Isso fez total diferença”.*

A comunidade do Bengo também foi contemplada com ações do Bahia Produtiva voltadas para a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN). Milena lembra que, após cada atividade realizada pelo Cedasb, o jovem fazia questão de ir a cada casa para multiplicar as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) utilizadas nos encontros, e valorizar o que já existia nos quintais. *“Era um dos poucos ACR que me pedia sementes e mudas. Um jovem que realmente quer ver a diferença em sua comunidade e tem auxiliado demais, enquanto multiplicador de conhecimento. Ele fez e continua fazendo um trabalho de excelência”.*

O principal resultado do trabalho realizado por Ronei é o aumento da renda dos agricultores. *“Vários beneficiários falavam que a mandioca não dava dinheiro. Muitos foram criados vendo os pais trabalharem com essa cultura, mas não iam para frente. Hoje, eu vejo relatos diferentes. É um avanço muito grande, os agricultores querem plantar e investir na mandiocultura”,* conta Ronei.



Ednaldo Moreno, 50 anos, é um dos agricultores atendidos por Ronei. Ele conta que o acompanhamento feito pelo ACR tem feito a diferença na sua produção.

“Com a ajuda dele tivemos muita melhora.

Antigamente, a gente plantava a mandioca de qualquer jeito, mas com os ensinamentos dele a gente faz um cultivo melhor e o povo está mais entusiasmado.

Tem muita gente de mais idade na comunidade que tinha parado de produzir, mas que agora voltou por causa do incentivo dele. Eu mesmo vou plantar mais um hectare”.

Ednaldo Moreno
agricultor familiar

Ronei também é agricultor familiar e tem planos de investir em sua propriedade. *“Nesse período de quatro anos, tanto eu ensinei como aprendi com os beneficiários. Quero também ensinar e mostrar para meus filhos que é possível viver com qualidade no campo”*.

Além disso, Ronei também tem planos de ingressar no Curso de Medicina Veterinária, para poder ajudar mais comunidades rurais a se desenvolverem.

“É preciso que os jovens estudem e se formem e permaneçam no campo, porque falta gente capacitada para trabalhar no meio rural.

Eu falo por experiência própria que é possível viver com qualidade de vida e com renda suficiente para sustentar toda a família”.

Ronei Moreno
29 anos, ACR da Comunidade do Bengo



➤ Valorização das raízes

Ainda no Sudoeste Baiano, bem próximo do Bengo, em Bandeira Nova, povoado de Poções, outra ACR vem trabalhando para desenvolver a mandiocultura da região. A **tecnóloga em Gestão Ambiental, Edineia Oliveira, 30 anos**, que atua como **ACR**, pela **Associação Comunitária Tremendal**, desenvolve atividades com 29 famílias, no campo, e na unidade de beneficiamento de mandioca implantada no âmbito do Projeto Bahia Produtiva.

Nascida e criada na zona rural, a renda de sua família sempre veio da roça, principalmente da cultura da mandioca. *“A agricultura familiar para mim é a base responsável pela produção dos alimentos que são disponibilizados para o consumo, é de onde vem o sustento de muitas famílias e é a base de tudo da minha vida, tanto é que a minha primeira graduação veio justamente da agricultura”*, ressalta Edineia.



A partir da atuação da ACR, a comunidade foi estimulada e criou novos hábitos de cuidados com a terra, desde a preparação do solo até a colheita. *“Vejo mudança, por exemplo, na criação animal, onde tudo se transforma em ração, não se perdendo mais nada, como a maniva, parte aérea da mandioca, ou com o uso de moringa, por exemplo, diminuindo o custo das famílias”*.

Edineia explica que o serviço de ATER é a chave fundamental para o desenvolvimento rural, principalmente para agricultores e agricultoras familiares, para que eles possam ter acesso a tecnologias. *“Minha expectativa para o futuro é de mais reconhecimento para os pequenos agricultores e que tenhamos mais políticas públicas para o fortalecimento da agricultura familiar”*.

A tecnóloga em gestão ambiental destaca que o trabalho realizado como ACR deixa um grande legado.

“A minha maior conquista nesses anos de trabalho é sem dúvidas o conhecimento adquirido, pois é algo que jamais ninguém vai tirar, além de hoje ter minha própria área onde trabalho com a agricultura. O trabalho de ACR reforçou a valorização das nossas raízes, para lutar pela melhoria de onde a gente vem, e a persistência, para jamais desistir mediante uma dificuldade”.

Edineia Oliveira
30 anos, ACR no povoado Bandeira Nova, município de Poções



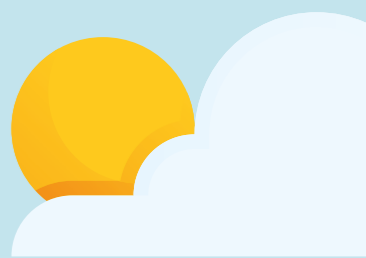
Para **Elisvânia Lopes, 41 anos, tesoureira da Unidade de Beneficiamento de Mandioca de Bandeira Nova**, o trabalho da ACR foi fundamental para a associação. *“Foi um aprendizado muito grande aqui para nós na comunidade. Melhorou muito, por exemplo, nossa produção de mandioca, que estava bem parada. A gente sempre plantou, mas a gente plantava sem muito cuidado. Depois que Edineia veio com todas as dicas, nos animou. A gente começou a plantar com adubo; antes a gente não adubava a terra para plantar a mandioca e, só com isso, a produção já melhorou bastante”*.





**Cooperativa
de leite de cabra
é reerguida com a
força e a determinação
de jovens do Sisal**

Nadson de Araújo



A juventude tem a energia e a força necessárias para transformar o futuro e disso ninguém duvida. Essas características, aliadas aos saberes tradicionais e às políticas públicas ofertadas pelo Governo do Estado, estão potencializando o desenvolvimento rural, promovendo o fortalecimento da agricultura familiar da Bahia e, conseqüentemente, garantindo a sucessão rural, com a permanência de jovens em suas comunidades, como lideranças comprometidas com o trabalho, a geração de renda e com melhores condições de vida no campo.

Um desses exemplos acontece na **comunidade de Ouro Verde**, município de **São Domingos, Território de Identidade Sisal**. Lá, a Cooperativa Mista dos Agricultores Familiares do Território do Sisal (**Coopsisal**) tem como atual presidente o jovem **Nadson de Araújo, 27 anos**.



Nadson sempre trabalhou com a agricultura familiar e lembra que seu pai desde cedo o levava para a roça. No início, o trabalho era com o sisal, depois seu pai começou a criar gado de leite e, posteriormente, cabras, também para a produção de leite.

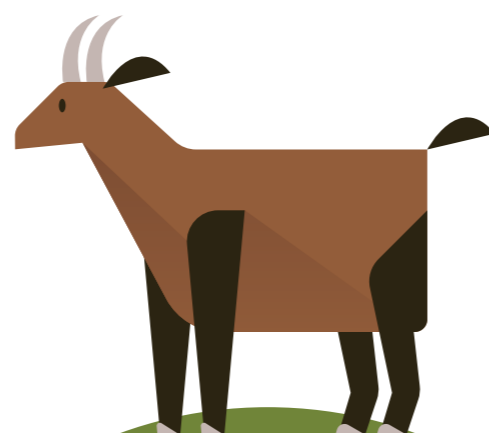
“A agricultura familiar tem uma importância muito grande na minha vida.

Muito novo, eu aprendi a ser agricultor com meus pais e tudo o que até hoje conquistei foi graças à agricultura familiar.

Com 10 anos, eu já estava na roça com meus pais e gostava de cuidar e de brincar com os animais e até banho dava.

Acho que foi aí que comecei a tomar gosto”.

Nadson Carvalho de Araújo
27 anos, presidente da Coopsisal



Em 2012, ele começou com a sua criação de cabras, herdada de seu pai, que preferiu não dar continuidade à atividade com caprinos. **“Enxergo esse segmento como uma excelente alternativa de renda. É de fácil manejo e foi assim que consegui a independência financeira. Além de gostar muito desses animais, essa foi a minha aposta para conseguir ser meu próprio patrão”.**

A partir de 2013, o jovem começou a entregar leite na Coopsisal, mas ainda não era cooperado. Logo depois foi convidado por cooperados a não somente se filiar, mas também assumir a liderança da cooperativa, que foi renovada com a inserção de outros jovens, tanto no quadro de cooperados quanto na direção.

Em novembro de 2020, Nadson assumiu a presidência Coopsisal. Na época, a cooperativa passava por problemas internos e o que parecia ser o fim de um ciclo foi o início de uma grande revolução. A cooperativa, fundada em 2009, estava com um número bem reduzido de sócios. **“Ao assumir a presidência da cooperativa, iniciei uma caminhada diária de muita persistência e dedicação, com o único intuito de fazer com que o agricultor e a agricultora associados vivam bem daquilo que produzem, no caso o leite”.**

Para se capacitar e ter uma atuação cada vez mais qualificada à frente da cooperativa, Nadson está cursando, por meio do Ensino a Distância (EAD) da Uniasselvi, a graduação em Administração. **“A formação me dará uma experiência a mais. Sempre é bom mais conhecimento, ainda mais quando a função que você exerce tem tudo a ver com o que se está estudando”.**

→ Uma nova era

Depois de mais de um ano e meio do início da gestão de Nadson, a Coopsisal está organizada administrativamente e com as finanças regularizadas. A cooperativa conta com **12 colaboradores diretos** e atende mais de **60 produtores de leite**, gerando renda para a comunidade de Ouro Verde. Uma verdadeira revolução, que contou com o apoio do Governo do Estado, por meio do Projeto Bahia Produtiva, com o **aporte de R\$ 3,9 milhões**, investidos desde a base produtiva, passando pelo processamento do leite, até a obtenção do produto final.

Os recursos foram aplicados na requalificação e ampliação do laticínio, o que vai permitir para a cooperativa o acesso a outros mercados; na oferta de serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), específica e qualificada; e na aquisição de máquinas e equipamentos, a exemplo de um caminhão equipado com um tanque isotérmico, resfriadores, tanque processador de iogurte, pasteurizador, envasadora, bateadeira, embaladeira, entre outros.

Os equipamentos vão possibilitar melhor infraestrutura, tanto na parte da indústria quanto na parte de fortalecimento do sistema produtivo. *“Vamos ter mais capacidade de produção, além de podermos trabalhar com vários derivados do leite. Hoje, estamos com cerca de três mil litros de leite por dia. Nosso planejamento aqui é chegar a oito mil litros, até o fim de 2023”*, afirma Nadson.

R\$ 3,9 milhões

Investimento do Governo do Estado na **Coopsisal**, por meio do Projeto Bahia Produtiva, gerando renda para a comunidade de **Ouro Verde**



Novas lideranças

Outro jovem que se destaca na direção da Coopsisal, como diretor-financeiro, é **Esdras Oliveira, 25 anos**. “Lutamos para não deixar esse projeto tão importante para a região morrer. A gente vê aí a taxa de desemprego. Queremos mostrar aos jovens que a agricultura familiar é um lugar em que ele pode ter um salário, estar mais próximo da família. Cada agricultor que se desenvolve na agricultura familiar gera mais empregos”.

Esdras também é produtor de leite de cabra e de vaca, com uma produção mensal de cerca de 1.500 litros de leite. Ele ressalta a importância da venda coletiva, por meio da cooperativa, para acessar mercados mais estáveis e com melhor valorização na comercialização, como os mercados institucionais. “Foi muito importante reativar a cooperativa para a gente enviar o leite, porque o produtor sofre com o mercado privado, pois não tem uma estabilidade de preço. Já programas como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA leite) têm uma constância de preços e preços mais elevados”.



O diretor-financeiro da Coopsisal enfatiza que o jovem precisa correr atrás e lutar pela agricultura familiar. Ele destaca que a cooperativa vem buscando atrair mais jovens e mostrar que o segmento é viável e rentável.

“Minha renda é 100% da agricultura familiar.

Comecei em 2017 com a criação de cabra e a agricultura é tudo para mim. Eu nasci na roça e sempre vivi disso.

Não tinha outra fonte de renda e não tenho a menor vontade de ir para a cidade grande, ter um emprego formal, com correria, tumulto e estresse.

Aqui vivo bem, tranquilo e posso ter uma renda superior. Hoje, tenho uma média mensal de dois salários-mínimos”.

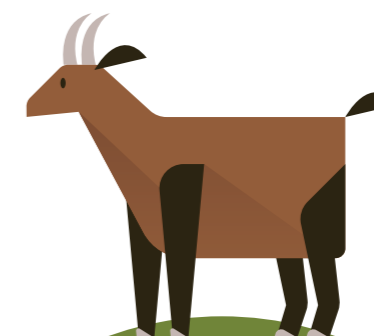
Esdras de Araújo Oliveira
25 anos, diretor-financeiro da Coopsisal



“Esses meninos pegaram essa cooperativa no chão e a ergueram para suprir as necessidades dos produtores da região”.

Romildo Lopes de Araújo
49 anos, um dos fundadores da Coopsisal

Para Romildo Lopes de Araújo, 49 anos, um dos fundadores da cooperativa, era preciso renovar. “Às vezes, quando a pessoa fica com mais idade, que já tem muito tempo naquele trabalho, cria barreiras e não quer encarar os desafios. O jovem é mais novo, tem mais força. A cooperativa tinha muita coisa para ser acertada e eles estavam com todo o gás. Sabemos que ainda temos muito caminho, mas eles têm coragem e força de vontade”.





**Engenheiro
agrônomo incentiva
produção sustentável
e o resgate de
sementes crioulas**

Adão Gaspar



Um patrimônio genético que atravessa gerações está preservado em pequenas propriedades rurais de toda a Bahia. Os olhos atentos da juventude para esse bem promoveram o resgate de um conjunto de sementes que, além de guardar em si uma riqueza natural, são adaptadas ao meio ambiente local onde elas surgiram. São as sementes crioulas.

Na comunidade de **Rodagem**, localizada no município de **Lapão**, Território de Identidade **Irecê**, essa tradição e conhecimento foram passados de pais para filhos e está sendo multiplicada. **Adão Gaspar, 37 anos**, herdou da mãe e do pai a consciência de que é preciso preservar as sementes a cada colheita. *“Minha mãe e meu pai sempre guardaram as sementes crioulas para os plantios dos anos seguintes. Sementes com excelentes características genéticas, altamente produtivas, resistentes a períodos de secas, a doenças e a insetos, entre outras características”.*



Mais que a herança da sabedoria ancestral na agricultura, os pais de Adão deixaram para ele o amor pela terra.

“A agricultura familiar é para mim o alicerce que foi construído dia após dia com todo o apoio da minha mãe, do meu pai e dos meus irmãos.

Com eles, foi possível construir a minha identidade, porque não existe “eu” nesta modalidade de produção, existem “nós”.

É como costume dizer: antes de tudo, sou agricultor familiar e agradeço à minha família por todas as partilhas e por me ensinar que esta é uma das profissões mais importantes, pois produz alimentos de qualidade que vão para a mesa do povo do campo e da cidade”.

Adão Gaspar

37 anos, engenheiro agrônomo e estudante de pós-graduação em Educação no Campo



Adão conta que sua mãe, Denice (dona Nenga), e seu pai, José Gaspar (seu Bila), como eram chamados, eram agricultores atuantes, que participavam de associações comunitárias e trabalhavam para criar seus seis filhos.

“Foi assim que conseguiram ensinar a todos uma profissão que é uma das mais dignas e bonitas, que é a de agricultor. Uma profissão que todos nós nos orgulhamos e foi com ela que conseguiram formar quatro filhos em cursos do Ensino Superior”.

➔ Formação e sucessão rural

Adão concluiu o Ensino Médio com o programa de **Educação de Jovens e Adultos (EJA)** e o **Curso Técnico em Agropecuária**, com habilitação em Agricultura, no município de Irecê. Graduado em **Engenharia Agrônoma**, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Juazeiro, atualmente, faz pós-graduação em **Educação no Campo**, na UNEB, em Irecê.

Apesar do período que morou fora da comunidade para estudar, ele sempre esteve certo de que voltaria para a comunidade onde nasceu e cresceu. **“Sempre tive o propósito de voltar para casa. Viso me capacitar para melhorar não só a qualidade de vida da minha família, mas de toda a nossa comunidade. Acredito que a gente precisa dar esse retorno para essas famílias”**, observa

Adão, ressaltando o reconhecimento por todo o suporte dado a ele pela comunidade, desde quando nasceu, passando por todo o seu processo de crescimento.

E o retorno veio rápido. Adão, além de atuar no Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (**Senar**), prestando atendimento a **28 agricultores** da comunidade, é **presidente** da Associação Comunitária de Agricultores e Agricultoras Familiares de Rodagem, que conta com **35 agricultores** associados. A associação é beneficiada pelo Governo do Estado, por meio do Projeto Bahia Produtiva. **“São políticas públicas como a desse projeto que garantem a permanência dos jovens no campo”**.



➔ Conhecimento aplicado

Na propriedade de Adão, existem diversos cultivos, como mamona, pimentão, cenoura, andu e feijão de diferentes tipos, mas o carro-chefe é a produção de milho não transgênico. **“Minha escolha em trabalhar com milho não transgênico vem de diversas formações e estudos que reforçam a importância das sementes crioulas, pois no modelo tradicional de produção não eram utilizadas sementes transgênicas e os agricultores sempre produziram bem”**.

Ele observa que, ao optar pelas sementes transgênicas e híbridas, os agricultores ficam reféns dos fabricantes dessas sementes, aumentando os custos com a produção. **“Porque no segundo plantio as sementes perdem o vigor produtivo, além de terem que comprar o pacote tecnológico para utilizarem em sua lavoura, empobrecendo a microbiota do solo, contaminando o meio ambiente e, conseqüentemente, as pessoas”**.

Adão lembra que seu pai escolhia os pés com maior produtividade. **“Do milho, por exemplo, lembro, quando eu era pequeno, que ele ia à roça, escolhia as espigas maiores, que tinham os maiores grãos, debulhava somente a parte do meio e a parte da ponta ele tirava fora. Depois que entrei na universidade, compreendi que esses grãos maiores conseguem armazenar mais reservas, e meu pai, com o conhecimento empírico aqui da roça, sabia o que tinha que fazer, mostrando que o conhecimento do agricultor não se dissocia do da academia. Trazemos isso na nossa ancestralidade”**.

O jovem agricultor faz planos para ampliar a sua área de produção e para que os vizinhos passem a realizar também o plantio de milho não transgênico, evitando, assim, a contaminação cruzada.

“Ninguém sabe ao certo quais as consequências que os milhos transgênicos podem ocasionar à nossa saúde futuramente”.

Adão Gaspar

37 anos, engenheiro agrônomo e estudante de pós-graduação em Educação no Campo

A produção de milho de Adão é toda entregue à Cooperativa Agropecuária Mista Regional de Irecê (Copirecê). Em sua última colheita, foram **3.600 quilos de milho** destinados para a cooperativa, que conta com **investimentos de mais de R\$ 3,9 milhões**, do Governo do Estado, por meio do Projeto Bahia Produtiva. Os recursos são aplicados no serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), Assistência Técnica em Gestão (ATEG), na aquisição de máquinas, equipamentos para irrigação do solo e kits para testes de transgenia. A partir desse apoio, Adão e outros cooperados contam com incentivos como o da aquisição de sementes, tubulações e fitas gotejadoras para o plantio irrigado.

R\$ 3,9 milhões

Investimento do Governo do Estado, aplicados nos serviços de ATER e ATEG, na aquisição de máquinas equipamentos para irrigação do solo e kits para testes de transgenia

Estudos acadêmicos

A ATER prestada a beneficiários e beneficiárias dos empreendimentos apoiados pelo **Projeto Bahia Produtiva** no território de Irecê foi tema do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação de Adão. Ele concluiu que a ação surge como uma estratégia para avançar na erradicação da fome no estado, aliada ao atendimento às necessidades da agricultura familiar, contribuindo para o desenvolvimento sustentável, em que os principais pontos de atuação são os fatores econômicos, sociais, políticos, culturais e ambientais.

Exemplo que incentiva

A dedicação de Adão com a agricultura é motivo de orgulho para seu irmão **Fernando Gaspar, 38 anos**. Ele destaca que seu irmão mais novo passou por um processo de formação, na base familiar, voltado para a agricultura, passando por escolas técnicas, mas sempre envolvido nas atividades da família no meio rural. *“Esse trabalho que ele desenvolve é importante também para outras famílias da comunidade. É exemplo para que elas também possam produzir de forma sustentável e para que alimentem a população de uma forma mais saudável”*.

Para Fernando, o envolvimento de jovens como Adão contribui para que outros jovens se insiram na atividade. *“Quando nós passamos pelas comunidades, nós vemos que a nossa população rural está envelhecendo e, quando temos um exemplo desses, de um jovem, filho mais novo da família, que está desenvolvendo esse trabalho, de resgatar sementes que nossos antepassados cultivaram e guardaram, incentiva jovens e crianças da comunidade”*.



“O Bahia Produtiva vem garantir Assistência Técnica e Extensão Rural especializada, voltada para os princípios da agroecologia e alinhada à preservação, conservação e recuperação ambiental, tendo como base de sustentação tecnologias aplicáveis, buscando a requalificação da produção através da inovação tecnológica. Essas são ações que fortalecem as capacidades produtivas e asseguram a sustentabilidade e a viabilidade dos investimentos no território de Irecê”, ressalta Adão.

É o caso de **Gustavo Gaspar, 18 anos**, sobrinho de Adão e de Fernando, que, a partir do exemplo dos tios, se interessou em trabalhar na propriedade de seus pais.

Gustavo é estudante do Curso Técnico em Agropecuária, no Centro Territorial de Educação Profissional de Irecê (Cetep), mesmo curso que seu tio fez há alguns anos. Está em seu primeiro semestre e ainda não decidiu se vai se especializar para ser agrônomo ou veterinário, mas de uma coisa ele tem certeza: “Quero aplicar meu conhecimento aqui na minha comunidade, igual meu tio faz”.

O caminho que começa a ser trilhado por Gustavo é aplaudido e acompanhado de perto por seu tio Adão.



“Muito se fala do jovem como futuro da nação. Eu não acredito nisso. A gente não vai ser o futuro. A gente já é a realidade”.


Adão Gaspar

37 anos, engenheiro agrônomo e estudante de pós-graduação em Educação no Campo

“Eu via meus tios cuidando das plantas e comecei a observar e a criar interesse também em ajudar meu pai na roça. Meu tio Adão é um exemplo. Ele trabalhou muito na roça e vejo que posso ganhar meu dinheiro também. Comecei com a plantação de cenoura e, com a venda, comprei até uma moto. Achei incrível”.

Gustavo Gaspar

18 anos, agricultor e estudante do Curso Técnico em Agropecuária

A woman with curly hair, wearing a red dress, is smiling and holding a necklace made of natural materials. The necklace features a long, light-colored cord and a large, circular, brown pendant. She is standing in a lush tropical forest with palm trees and other vegetation in the background. The image is part of a graphic design with a light blue background and green and brown decorative elements on the right side.

Artesã transforma coco de piaçava e sementes da seringueira e do açaí em biojoias de luxo

Leonildes Souza dos Anjos

Ela é uma artista nata e, por onde passa, deixa as marcas da sua arte. **Leonildes Souza dos Anjos**, conhecida como **Bilú**, 34 anos, é artesã filiada à Associação Beneficente de Pesca e Agricultura de Ituberá (ABPAGI). Nas suas mãos, a matéria-prima extraída da natureza, como o coco da piaçava, e as sementes da seringueira e do açaí são transformadas em bijoias, também conhecidas como joias naturais, a exemplo de colares, brincos, pulseiras, anéis e pingentes.

A trajetória de Bilú mostra que ela possui diversas faces artísticas. Quando tinha seis anos sonhava em ser cantora e fazia shows em casa em cima do sofá, com uma escova de cabelo como microfone. Participou de fanfarra, onde tocava prato; de um grupo percussivo chamado Boca de Lata; de grupo de teatro e de dança; foi camelô e até pensou em ir embora com o circo que ela frequentou na cidade. Até que decidiu cursar Administração e, depois de formada, chegou a trabalhar em uma instituição financeira.

Mas foi no artesanato que Bilú se encontrou.

“Eu sempre digo que a vida imita a arte e a arte revela a vida, porque quando a gente começa a fazer o que a gente gosta, a gente começa a transpirar vida. Percebo que durante toda a minha vida, eu vivi em torno dessas atmosferas artísticas. Está na veia mesmo, por isso continuo fazendo arte”.

Leonildes dos Anjos (Bilú)
34 anos, artesã



Bilú lembra que durante a infância, quando tinha por volta dos 10 anos, ela despertou para esse lado artesanal e fazia bijuterias de miçangas plásticas ou acrílicas, mas sem a visão de que esses primeiros passos de produção artesanal seriam o seu futuro. Foi quando, em 2007, sua mãe se associou à ABPAGI e ela começou a estreitar os laços com a associação, que na época só trabalhava com pesca e cestaria. Tempo depois, Bilú, junto a um grupo de mulheres, começou a trabalhar manualmente com a produção de acessórios, mas ela resolveu sair para trabalhar em uma instituição financeira.

Em 2017, com os investimentos do Governo do Estado, via **Projeto Bahia Produtiva**, foi implantada na ABPAGI uma Unidade de Fabricação de Artesanato de Piaçava, com foco em bijoias e similares. A Associação passou a contar também com máquinas e equipamentos, para o beneficiamento da fibra e do coco da piaçava, com um veículo utilitário para escoar a produção e com barracas padronizadas, para a exposição dos produtos em feiras e eventos. Os associados e associadas também participaram de capacitações, com oficinas voltadas para a produção de bijoias e de embalagens.

Bilú ressalta que esse foi o incentivo que ela precisava para retornar ao trabalho do artesanato. **“Quando eu voltei já estava tudo estruturado pelo projeto, então eu me vi ali voltando para a minha infância e descobri que de fato é o que eu gosto de fazer. Gosto de ver as pessoas usando as peças, de ver que na mão de um artesão tudo se transforma. Então, a minha trajetória até chegar hoje e confeccionar bijoias é um sonho na verdade vivido quando criança, que com o tempo foi amadurecendo e sendo construído para que eu pudesse trabalhar nessa área”.**



➤ **Sonho realizado**

Bilú afirma que o investimento feito por meio do Projeto Bahia Produtiva fez todos sonharem alto. *“É uma realização! Porque muitas pessoas, principalmente aquelas da terra, não davam muito valor. Meu olho já brilhava desde quando começou o projeto das biojoias. Quando a gente ainda não tinha as máquinas, era tudo muito demorado. Uma peça que hoje a gente leva duas horas para fazer levava quase um dia. O coco da piaçava é muito duro. Na serra, ele dava muito trabalho, arriscava a gente se cortar, e a lixa também era manual, mas eu agradeço, porque foi com esse passo a passo que a gente valoriza o que tem agora. Sabemos a oportunidade que o Bahia Produtiva trouxe para que a gente pudesse viabilizar a produção, aproveitar o dia de uma forma mais eficaz, eficiente e poder olhar para nós mesmos e mostrar para as pessoas a nossa peça pronta, de qualidade e falar: ‘A gente conseguiu’”.*



Para Bilú, essa conquista é resultado do projeto. *“O Bahia Produtiva para mim é uma estrada que me leva para o sucesso. Os benefícios e toda a estruturação que foi criada fez com que eu pudesse andar por um caminho que tem me feito crescer tanto profissionalmente quanto também nos sonhos. Se não houvesse esse apoio do projeto, estaríamos estacionados em um ponto onde a gente demoraria para chegar ao sucesso”.*

As peças produzidas pelas artesãs da ABPAGI são vendidas na sede da Associação, em Ituberá e pelas redes sociais, e também já foi exportada para os Estados Unidos e Portugal. As peças também foram comercializadas pela designer de biojoias amazonense Maria Oiticica, que realizou a formação das artesãs da Associação, por meio de uma parceria firmada entre o Bahia Produtiva e a Michelin, uma das principais fabricantes de pneus do mundo, no âmbito do programa Arte Sustentável Michelin Ouro Verde Bahia.

Cada peça é fabricada com muita dedicação por Bilú, mas ela tem um carinho especial pelos colares. *“Fica perto do coração, mas cada peça é como um filho. Tenho vontade de levar tudo para casa, porque é feito com tanto carinho e me dedico em cada detalhe. Sempre imagino que alguém vai ser presenteado com algo único, assim como tudo que é artesanal, não tem como copiar, não tem como fazer igual. E então, se você presentear alguém pode ter certeza de que essa peça é exclusiva. Eu coloco todo o meu amor e carinho e vejo o meu DNA, a minha identidade em cada uma delas”.*



➤ **Adotada pela agricultura familiar**

Bilú nunca foi agricultora. Apesar do seu pai ter sido criado na zona rural, ele foi morar na sede do município muito novo, para trabalhar, onde conheceu a mãe de Bilú e formou família. Foi na ABPAGI que ela teve contato com a agricultura familiar. *“Não fui eu que escolhi a agricultura, mas ela que me escolheu. Poder trazer para as nossas mãos o que é rústico, natural, que muitas vezes em outros tempos eram jogados fora, descartados, e poder nos embelezar e nos adornar e ver alguém usando uma peça feita com esse material me fazem sentir uma pessoa útil, empoderada. As minhas peças saíram da roça de alguém que ralou, que suou, catou, limpou, para que eu pudesse trabalhar e transformar em uma biojoia. Então, eu me vejo adotada pela agricultura familiar e eu me sinto super orgulhosa de poder fazer parte dela”.*

O desejo da artesã é que outras pessoas possam replicar essa história *“Tem muitas meninas que têm uma vida difícil e, às vezes, estão tão perto de poder realizar os sonhos, mas querem sair do campo, ir para longe da família, buscar algo fora, correndo risco. O primeiro passo é acreditar em suas raízes. Muitas vezes, o nosso propósito pode estar no fundo do nosso quintal”.*

Bilú acredita que o associativismo é transformador nesse processo de pertencimento e empoderamento. Ela afirma ainda que o associativismo foi primordial para o seu crescimento.

“Ter uma organização como a ABPAGI foi imprescindível para que eu pudesse me reconhecer como artesã. Nosso lema na associação é multiplicar, é fazer com que cada jovem possa encontrar o seu propósito e aqui, no lugar onde a gente mora. Nós podemos crescer sim, podemos conquistar as coisas fazendo o que a gente gosta, o que é capaz, e ter uma renda sem precisar ir para fora. É preciso olhar em volta, respeitar a raiz e se identificar dentro da produção, para se encaixar, porque a agricultura familiar tem lugar para todo mundo”.

A moça de sorriso fácil, de tantas faces artísticas se encontrou e se realizou como artesã, mas quer voar cada vez mais alto, deseja ganhar o mundo com a sua arte e planeja muitas outras conquistas.

“Moro com meu pai, mas eu quero minha casa própria, poder ter uma terra, um lugar para descansar, cultivar, plantar e retribuir à agricultura o que ela tem feito por mim”.

Leonildes dos Anjos (Bilú)

34 anos, artesã





Cafés especiais produzidos por jovens agricultores de Piatã são premiados e ultrapassam fronteiras

Rodolfo Moreno



Um grupo de jovens com origem na agricultura familiar está revolucionando a produção de cafés no município de Piatã, localizado no Território de Identidade Chapada Diamantina. Com muito esforço e dedicação, estão alcançando não só o reconhecimento pelo trabalho desenvolvido nos últimos anos, mas também premiações e elevação no valor dos cafés superior, gourmet e especial.

Essa é a realidade atual da Cooperativa de Cafés Especiais e Agropecuária de Piatã (**Coopiatã**), fundada, em 2016, a partir da necessidade de organizar, qualificar e comercializar a produção.

Quem conta a história é o **engenheiro agrônomo** e um dos fundadores da Coopiatã, **Rodolfo Moreno, 36 anos**. Ele lembra que, em meados de 2015, ele e um grupo de amigos, entre eles **José Renato Rodrigues, 28 anos**, partiram de Piatã, de carro, para Belo Horizonte, rumo à Semana Internacional do Café (SIC), um grande evento internacional que reúne profissionais de diversos estados do Brasil e do mundo, para discussões acerca da produção de café.

Rodolfo, que desde o período da faculdade era ligado a movimentos sociais e a questões voltadas para a agricultura, sentiu que aquele era o momento de reunir a galera para fundar uma cooperativa. *“A gente precisou entender o que é associativismo e cooperativismo. Estudou, buscou informação e buscou apagar histórias passadas relacionadas a experiências ruins que havia no município. Criamos um estatuto e fundamos a Coopiatã. Eu fui o primeiro diretor-presidente para o mandato de três anos”.*

Também o casal **José Renato Rodrigues e Tainã Bitencourt, 34 anos**, que está junto há quase 11 anos, dava os primeiros passos para a própria produção do café especial. Tudo começou quando

o pai de Renato adoeceu e o jovem, na época com 19 anos, teve de assumir a lavoura do pai, até então vista apenas como um hobby para o pai, que tinha como principal fonte de renda o faturamento de uma loja de calçados e confecções.

“Piatã já vinha produzindo um café de alta qualidade desde os anos 2000, quando se deu essa descoberta da qualidade do café, proveniente das nossas condições de clima e altitude. Então, quando a gente assumiu, já veio com essa proposta de produzir café com alta qualidade. Mas, antes, eu passava longe daqui. No período da colheita, que era mais trabalhoso, eu ficava buscando outras atividades para não ficar aqui ajudando meus pais. A ideia era sair para estudar, fazer Engenharia Civil. Mas aí a vida na terra, o café especial, as pessoas que o café nos trouxe e o reconhecimento e a valorização desse café foram algo tão fantástico e impressionante que estamos aqui até hoje”, relata José Renato.



Amor e dedicação à cafeicultura

Segundo Tainã, que tem o amor pelo café tatuado no corpo, o contato com a cafeicultura acabou se tornando uma paixão do casal. *“Meus pais tinham roça de café, mas só para consumo próprio. Foi com o café especial que começamos a nos apaixonar e é através do café que sustentamos os nossos dois filhos, Benjamin e Sara, especialmente quando ganhamos os prêmios dos concursos do café. É com eles que conseguimos ampliar a roça, aumentar o terreiro, construir o galpão e, agora, vamos criar aqui um laboratório de análise e seleção do café”.*

A dedicação e o amor à cafeicultura contam com diferenciais no município de Piatã, que permitem obter **os melhores resultados na produção de grãos de cafés 100% arábica**, a exemplo da localização das lavouras, em áreas que chegam a altitudes entre 1.260 e 1.400 metros; temperaturas amenas, ideais para o cultivo; e solo favorável.

O reconhecimento dos elevados níveis de classificação de café produzidos pela Coopiatã já rendeu dezenas de premiações em concursos nacionais e internacionais, a exemplo do concurso realizado pela Associação Brasileira da Indústria de Torrefação e Moagem de Café (**ABIC**); do **Coffee of The Year**; e do **Cup Off Excellence**, promovido pela Associação Brasileira de Cafés Especiais (**BSCA**). Essas classificações possibilitaram a produtores como José Renato e Tainã alcançarem preços que vão muito além dos praticados no mercado convencional.



Renato reforça que os concursos têm sido importantes também para o reconhecimento e a valorização do café em Piatã. *“Logo no primeiro ano em concursos, a gente conseguiu ficar entre os cinco melhores do Brasil e no leilão internacional nos pagaram o preço da saca seis vezes acima do valor de mercado. Eu lembro que a pessoa que adquiriu esse café do primeiro concurso foi um japonês e ele veio até aqui nos conhecer, parabenizar e pedir para que a gente continuasse produzindo esses cafés de excelência. Foi a minha ‘virada de chave’ para sair da adolescência e passar a ser adulto porque eu não imaginava esse reconhecimento tão interessante. O resultado da prova da xícara de café nos representou frente a mais de 800 produtores de todo o Brasil”.*

Foi diante desse cenário promissor que Renato e Rodolfo iniciaram o funcionamento da cooperativa, fortalecendo a comercialização dos agricultores familiares da região. *“A gente já teve valorização de 20, 30 vezes o preço de mercado nesses concursos. Hoje, nós ganhamos em torno de quatro a cinco salários-mínimos por mês. Através desses prêmios, a gente viu que precisava se unir, porque o mercado é grande e nós temos como oferecer esses cafés especiais para o mercado. Foi aí que surgiu a Coopiatã”,* ressalta Renato.

Valorização de **30 vezes**

variação positiva
do **preço de mercado**,
decorrente da participação
em concursos

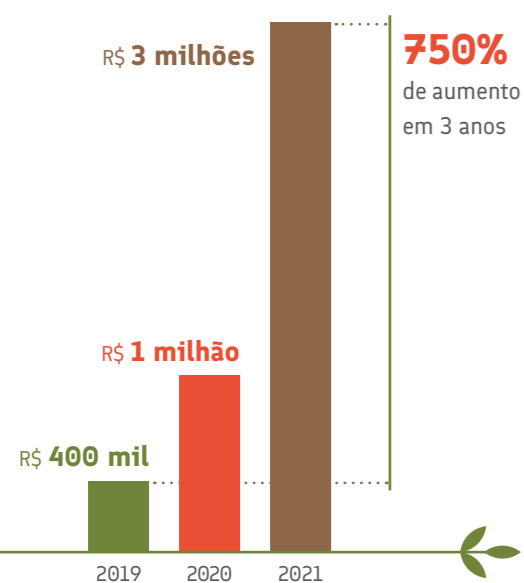


Virada de chave

Rodolfo destaca que, apesar dos obstáculos que surgiram no início da trajetória da cooperativa, a pouca idade do grupo deu um caráter de renovação na agricultura familiar de Piatã. *“Não foi só ‘virar a chave’ do pessoal e dizer: ‘Agora, mudou! Vamos esquecer atravessador e trabalhar em coletivo’. Para ‘virar essa chave’, a gente precisou trazer resultados significativos. No primeiro faturamento, a gente fechou o ano com R\$ 400 mil e vimos que precisávamos mudar. Aumentamos a carta de clientes, conseguimos lidar melhor com as questões dos concursos, participações, finalizações e comercialização com nota fiscal. A gente foi criando um know-how e virando referência em café especial, muito por causa do nosso sucesso nos concursos, mas também pelo desenrolar do nosso trabalho.”*

Nesse processo de gestão da cooperativa, Rodolfo e seus amigos tiveram o apoio fundamental do Governo do Estado, via Projeto Bahia Produtiva. *“O Bahia Produtiva foi muito importante, porque antes a gente tinha um excelente café, tínhamos notas muito boas nos concursos, éramos campeões do Brasil, mas faltava comercialização. No Bahia Produtiva tivemos um Assistente Técnico em Gestão (ATEG), que fazia a parte burocrática de acompanhamento das notas fiscais e comercialização, e um Assistente Técnico em Extensão Rural (ATER), que ia para campo fazer a parte da colheita, adubação, manejo do cafezal e pós-colheita. Então, a cooperativa saiu de R\$ 400 mil para R\$ 1 milhão em faturamento de 2019 para 2020 e chegou a R\$ 3 milhões, em 2021.”*

Aumento do faturamento



A cooperativa é, atualmente, reconhecida nacional e internacionalmente. Segundo Rodolfo, hoje, toda cafeteria que abre no Brasil, seja em Minas Gerais, São Paulo ou Rio Grande do Sul, quer o café de Piatã, porque já sabe que a Coopiatã consegue realizar as entregas com nota fiscal e serviço capacitado por cursos de prova, torra e degustação, realizados por seus cooperados.

José Renato reconhece os avanços obtidos a partir do projeto do Governo do Estado. *“Quando eu fui para a SIC, eu senti certa rejeição por parte dos participantes, porque não justificava um agricultor de 3,5 hectares de café estar naquele evento pelos custos dele com hospedagem, transporte e tudo o mais. Hoje, nós temos um extremo profissionalismo na Coopiatã, e essa foi uma oportunidade que o Bahia Produtiva nos deu de falar assim: ‘E aí, mundo? Estamos aqui. Estamos produzindo do jeito que vocês querem, com respeito ao meio ambiente e ao próximo’.”*

José Renato e Tainã Bitencourt nem pensam em deixar Piatã. *“Hoje, nós estamos no interior e trabalhando na roça, que era uma coisa que ninguém queria, nem nossos pais queriam. Nós estamos vivendo no campo, no nosso município e em contato com o mundo. A gente conversa, semanalmente, com cliente da Austrália, dos Estados Unidos, Paraná, São Paulo, Belo Horizonte e de quase todos os estados do Brasil. A gente tem mercados que grandes produtores sonham até hoje. São 3,5 hectares enviando café para grandes companhias, com valor agregado altíssimo”,* celebra José Renato.



➔ Agregação de valor

Além da assistência técnica e com investimentos de mais de R\$ 2,8 milhões, via Bahia Produtiva, foi possível equipar agricultores e agricultoras familiares, vinculados à Coopiatã, com estufas para a secagem do café e um galpão com maquinários chamados de microusinas, para realizar o 'rebenefício' do café, de forma eletrônica.

“Esse projeto veio para realmente dar um ‘boom’ na vida de todos os cafeicultores da cooperativa. Ele veio com as microusinas, que são máquinas caras que a cooperativa só teria como adquirir, provavelmente, daqui a uns 20 anos com recursos próprios. Atualmente, o produtor paga para fazer esse rebenefício em outra fazenda de café, mas agora teremos um custo bem menor, porque vai ser nosso, sem contar que a qualidade do nosso café vai se elevar ainda mais. A máquina vai ser uma aliada para retirar um montante de defeito do café, processo que hoje é feito à mão. Isso dá um valor agregado”, ressaltou a atual presidente da Coopiatã, **Luiza Bitencourt, 26 anos.**

A agregação de valor foi o que determinou a virada do negócio em Piatã. Para sair da produção de café superior, comum na região, para a transformação em café especial, os cafeicultores precisam seguir um protocolo com processos preestabelecidos e utilizar a criatividade na hora da torrefação e, em alguns casos, até fermentação natural.



“O mercado está mudando e as pessoas estão aprendendo a consumir um café de qualidade.

Quando as pessoas conhecem o café especial, é meio que um caminho sem volta. Eu sou uma pessoa bem sonhadora e, relacionado à Coopiatã, eu vejo a cooperativa crescendo, a gente conseguindo mais capital de giro e financiando os produtores na adubação e nos outros processos, não só do grão pronto”.

Luiza Bitencourt

26 anos, presidenta da Coopiatã



Nesse contexto, Rodolfo observa que a tradução mais correta do café especial seria café de especialidades, porque, depois de todo esse processo, ele traz, além do básico do café, uma diversidade de sabores, com diferentes aromas, acidez e doçura na boca. Tudo isso é possível a partir do protocolo da SCAA – Specialty Coffee Association of America (Associação Americana de Café Especiais), que consta de 11 atributos que contribuem para a avaliação do café. Ele explica que esse protocolo, que determina o que o café precisa ter para ser especial – pelo menos, 80 pontos na escala SCAA – é seguido pelos cafeicultores e pelos concursos internacionais.



Atualmente, Rodolfo, que atua como gerente comercial de café torrado da cooperativa, e a sua família, continuam a colaborar com a Coopiatã, mas seus sonhos vão além. **“Hoje, eu tenho a Moreno Coffee Company para a venda de cafés e temos uma loja e uma cafeteria. A ideia é ampliar a Moreno e ampliar as vendas do café torrado da cooperativa”.**

Em parceria com outras cooperativas beneficiadas por meio do Bahia Produtiva, Rodolfo ainda possui a plataforma digital Coophub, para a venda on-line de café e de outros produtos da agricultura familiar. Os projetos são realizados em conjunto com a cafeicultora e esposa, **Elba Moreno, 32 anos**, que também tem uma tatuagem que revela o amor ao café.

“Minha vivência com o café é desde sempre. Minha família é de cafeicultores e desde pequena eu vejo minha vó catando e secando o café, na calçada de casa. Então, eu sempre gostei de café e acabei tatuando pelo amor mesmo porque o café nos trouxe muita coisa boa, a gente conheceu muita gente, ficamos mais perto dos produtores e nos unimos em cooperativa”.

Elba Moreno
32 anos, cafeicultora



Cooperativismo promove empoderamento e autonomia para jovens mulheres rurais

Renata da Silva



A partir de planejamento e tomada de ações coletivas, o cooperativismo gera confiança, incentiva a ajuda mútua e fortalece o empoderamento de jovens da zona rural, além de estimular a busca pela capacitação profissional voltada para o campo. Esse cenário, de novas oportunidades proporcionadas pela organização de associações e cooperativas e pela execução de políticas públicas inclusivas, tem possibilitado que cada vez mais jovens permaneçam em suas comunidades de origem.

Diante desse contexto, a agricultura familiar tem ganhado um novo ânimo para o desenvolvimento sustentável, contando com profissionais qualificados, que retornam ao campo com conhecimentos para otimizar a produção e a produtividade rural.

Renata da Silva, 20 anos, que é moradora do Povoado **São Paulinho**, no município de **Teolândia**, Território de Identidade Baixo Sul, nasceu e cresceu na zona rural e sempre acompanhou os pais no trabalho na roça. Foi a partir do exemplo deles que ela também se filiou à Associação dos Moradores e Agricultores de São Paulinho (Amasp). *“Para mim, a agricultura é a porta de geração de emprego e renda para os moradores da zona rural. A roça é lugar de aprendizado para conhecer as plantas, os animais, a natureza, em uma interação que melhora a saúde e faz crescer sonhos, tornando-os realidade”*.

Com a meta de levar novas experiências, tecnologias, conhecimento e geração de renda para as mulheres e gerações futuras da comunidade, Renata ingressou na Casa Familiar Rural de Presidente Tancredo Neves (CFRPTN) e se formou no Curso Técnico em Agropecuária. Durante o curso, com o método de pedagogia da

alternância, ela passava uma semana na Casa Familiar Rural, em regime de internato, e duas semanas em casa, replicando na propriedade da família o que aprendeu.

Um aprendizado que foi além do cultivo do solo e das plantas. Renata se capacitou em gestão de empresas, de projetos e em contabilidade etc. *“Foi um ‘divisor de águas’ na minha vida, porque eu tive mais conhecimento das técnicas da agricultura e sobre vários assuntos dos quais eu não sabia e pude me envolver nesse mundo da associação”*.

Em 2020, quando estava finalizando o curso, ela foi convidada para ser presidente da Amasp. A associação é uma das organizações apoiadas pelo Governo do Estado, por meio do Projeto Bahia Produtiva. São **investimentos da ordem de R\$ 320,3 mil destinados à construção da cozinha comunitária** equipada para a produção de sequilhos, pães e bolos, e ao serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), visando fortalecer e qualificar a base produtiva e promover, conseqüentemente, o aumento da produção e produtividade.

Transformar, inovar, mudar e promover a evolução da organização estão entre os objetivos da jovem gestora. *“Se eu chegar e fizer a mesmice, não vou deixar nada de novo, então eu quero deixar mais tecnologia, pessoas mais capacitadas e empoderadas, com autonomia na tomada de decisões. Meu sonho é fazer essa fábrica funcionar, colocar essas mulheres para ter o seu próprio dinheiro, deixá-las tomando conta da fábrica e dizendo assim: ‘Eu que sou a dona, eu que mando, eu que faço, eu sei como é que faz e eu vou fazer e ninguém vai me parar’”*.



Para Renata, a chegada do Bahia Produtiva foi imprescindível para que ela e as outras associadas conquistassem seus objetivos e o tão esperado fortalecimento da organização. *“Se a gente não tivesse esses investimentos, não teríamos estrutura para trabalhar. O Bahia Produtiva foi um incentivo para melhorar a vida das pessoas. A Bahia não teria o desenvolvimento agrícola do jeito que está se não fosse esse investimento em todo estado. Muito alimento seria perdido, muitas pessoas não estariam mais morando na zona rural e muita gente estaria estagnada sem ter nada para fazer e nenhum objetivo para lutar. O projeto foi fundamental para desenvolver São Paulinho, o Baixo Sul e a Bahia inteira”.*

Com a responsabilidade de estar à frente da associação, ela quer continuar se capacitando para agregar ainda mais ao grupo e à organização produtiva. É nessa perspectiva que Renata se inscreveu no Curso de Gestão de Agronegócio da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).

“A gestão de agronegócio envolve tanto a questão da roça quanto a questão da agroindústria, cooperativa, e isso que me motivou, pois vou replicar o conhecimento aqui para gerir de forma adequada”.

Renata da Silva
20 anos, agricultora
e presidente da Amasp



→ Soma de conhecimentos

Outra jovem que vem somando esforços à Amasp é **Ivana dos Santos, 26 anos**. Assim como Renata, ela começou a frequentar a associação por influência dos pais, fundadores da organização. Agricultora, ela cultivava em sua propriedade alimentos como cacau, cravo, guaraná, banana-da-terra e hortaliças e, desde cedo, entendeu a importância do papel da juventude nas atividades rurais. *“Nós, jovens, precisamos nos envolver mais nas roças para produzir alimentos de forma agroecológica, fortalecendo a agricultura familiar com a comercialização dos produtos e seguir carreira profissional sendo nosso próprio patrão com renda e emprego fixo”*.

Em 2020, Ivana foi eleita tesoureira da associação e para desenvolver um melhor trabalho está cursando graduação em Administração, na modalidade EAD, pelo Centro Universitário Cidade Verde (UniCV).

“Estou trazendo todo meu conhecimento para ajudar a desenvolver a associação.

Hoje, o número de jovens que está indo para a zona urbana é bem menor do que tempos atrás, porque estamos nos qualificando e vendo que com estudo e trabalho podemos crescer, ajudar a família e a comunidade”.

Ivana dos Santos
26 anos, agricultora e tesoureira da AMASP



→ Empoderamento

Para Ivana, o cargo de tesoureira na Amasp trouxe a ela muito mais que uma ocupação. *“Foi um crescimento enorme para mim. Fui criada com uma visão de que quem trabalha na roça não tem que procurar outras coisas. Eu era muito tímida, não pegava um ônibus sozinha, mas, depois que conquistei meu lugar na associação, outras conquistas vieram, ingressei na faculdade, já viajo só e estou em busca de mais crescimento para mim”*.

Além de ser tesoureira da associação, Ivana ajuda o grupo produtivo de mulheres local a fazer as contas das produções e o planejamento das ações. Ela também tem outra profissão, a de designer de sobancelhas, e sonha em ser uma empresária de sucesso.

Renata e Ivana são as integrantes mais jovens da associação, que conta com a participação de 20 mulheres. **Vilma de Souza Santos, 52 anos**, foi a presidente da Amasp que antecedeu Renata. Ela acredita que os jovens são o futuro das organizações. *“Eu vejo o potencial da juventude e a disponibilidade em aprender. Renata estudou e foi preparada para trabalhar com a agricultura e o associativismo e vejo nela responsabilidade e o potencial para fazer crescer a nossa associação. Com conhecimento e habilidade, ela vai agregar valores para que a gente possa crescer em conjunto. Apoio e sigo lutando com ela para que essa fábrica comece a funcionar e as mulheres garantam seu salário, sem a necessidade de ir para a zona urbana”*.



Nilda de Jesus dos Santos, 46 anos, é uma das associadas e ressalta que a participação ativa das jovens na gestão foi um ganho para o grupo de mulheres. “Elas são um exemplo para os jovens. Muitos estão presos em seus ‘quintaizinhos’ e não conseguem ter uma mente ampla para almejar um mercado maior e condições de vida melhor. Desde que elas entraram na associação, tenho certeza de que a mente delas mudou, elas já pensam diferente. Renata como presidenta e Ivana como tesoureira são as meninas que têm dado testemunho de compromisso. Estão sempre buscando conhecimento para trazer para as outras mulheres. O jovem tem que estar inserido cada dia mais nessa formação, para que a comunidade venha a crescer e agregar valores”.

Renata e Ivana são as integrantes mais jovens da associação, que conta com a participação de 20 mulheres.





**Frutas típicas
da Caatinga se transformam
em cervejas artesanais
nas mãos de jovem
mestre cervejeiro**

Emanuel Almeida



CAATINGA
UNBL
MARACUJÁ
DOCES,
GELEIAS,
CERVEJA
LÁ DE UAUÁ.

Você já ouviu falar nas cervejas **Saison** e **Pale Ale** de umbu ou na cerveja **Fruit Beer** de maracujá-da-caatinga? Essas são as três cervejas desenvolvidas pela Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos, Uauá e Curaçá (**Coopercuc**), graças aos estudos, dedicação e coragem do mestre cervejeiro, **Emanoel Almeida, 27 anos**.

A história de Emanoel se assemelha a de outros filhos de cooperados e cooperadas da Coopercuc, que tiveram a oportunidade de participar, entre os anos de 2014 e 2015, de um projeto junto à Procasur, organização global especializada em gestão do conhecimento entre pessoas e organizações de desenvolvimento rural e erradicação da pobreza.

“Eu gosto muito de falar sobre esse projeto, porque foi um estágio remunerado que deu um pontapé inicial, para a gente ter conhecimento, e deu esse potencial para a juventude da Coopercuc. Durante o estágio, a gente conheceu todos os setores da cooperativa: produção, comunicação, administração, comercialização, assistência técnica e rotulagem. Valeu muito para mim e para outros jovens”, comenta Emanoel, que atualmente integra o quadro da Coopercuc como técnico da área da Agroindústria e Cervejeiro Artesanal.

A diretora-secretária da Coopercuc, Jussara Dantas, lembra a importância desse projeto para incentivar a juventude das comunidades rurais locais.



Após o estágio, Emanoel alçou voos maiores rumo ao mercado das cervejas artesanais. Primeiro, representou a Coopercuc no evento do Slow Food, Terra Madre, realizado na Itália, para apresentar a cooperativa e as suas duas principais matérias-primas: o **umbu** e o **maracujá-da-caatinga**. Depois, com o apoio da diretoria, Emanoel foi fazer o Curso de Cervejeiro Artesanal (home brew) na Escola Superior de Cerveja e Malte localizada em Blumenau, Santa Catarina.

“Passei 15 dias lá estudando de forma intensiva, das 8h às 18h, e ‘no pé’ dos professores, porque a meta era trazer a receita da cerveja de umbu pronta de lá. O mais mágico no curso foi aprender que, no caso da cerveja, uma receita nunca vai ser igual à outra porque cada ingrediente (malte, lúpulo ou levedura) interfere em algo na cerveja, seja no sabor ou no aroma. E a maioria das pessoas que estava no curso não era de baixa renda, eram engenheiros químicos, da área de Marketing ou Contabilidade que tinham como hobby fazer cerveja em casa ou no apartamento. Eles ficaram impressionados com a minha história”, narra Emanoel.

Foi atento aos aprendizados obtidos no curso que Emanoel se definiu pelo estilo belga para as cervejas da Coopercuc. *“Escolhi o estilo belga, da Saison, porque eu sempre gostei das cervejas belgas. Eles sempre foram ousados, porque foram os primeiros a colocar frutas como laranja, cravo e várias especiarias na produção de cerveja. Não era só malte, lúpulo e levedura, como era a linha alemã. Então, a primeira cerveja de umbu foi mais encorpada, com teor alcoólico de 6,9% e a gente trabalhou muito a questão degustativa e sensorial das pessoas. Na escola, eu comecei a me apaixonar ainda mais sobre a produção de cervejas e entender que é uma alquimia mesmo, que vai depender de muitos fatores, como o tempo e a temperatura que o malte vai ser aquecido”,* explica o mestre cervejeiro.

“Foi uma política de inclusão dos jovens, porque fomos vendo que o quadro social da cooperativa era de pessoas mais maduras para idosos. Então, a gente iniciou essa parceria com a Procasur e o movimento Slow Food, em que a Coopercuc se tornou uma escola anfitriã para que os filhos dos produtores pudessem adquirir conhecimento. E a contribuição final deles era trazer uma inovação. E a inovação de Emanoel foi a proposta da receita da cerveja artesanal de umbu. A partir daí, a Coopercuc começou a investir nele”, relata Jussara.

Com a primeira receita pronta, Emanuel embarcou novamente, dessa vez para o Rio Grande do Sul, onde iniciou a produção da cerveja, em parceria com o cervejeiro Ricardo Fritsch, da Cooperativa Vida Natural (Coopernatural). *“Nesse tempo, tinham pouquíssimas cervejarias aqui na Bahia. Aí levei a polpa de umbu em um isopor na mala e passei uma semana no Rio Grande do Sul fazendo a cerveja. Para mim, foi um orgulho ter feito o produto. Uma cooperativa de agricultores familiares produzir cerveja artesanal? A gente saiu da bolha, porque o povo nem sonhava com cerveja. Hoje, tem outras cervejas, de cacau, de caju, e eu fico feliz, porque é um mercado que tem potencial, e quanto mais, melhor, porque o que a gente mais busca são alimentos e bebidas de qualidade”*, afirma Emanuel.

O sentimento de orgulho é compartilhado pela mãe de Emanuel, Roselita Almeida, 58 anos, que viu todo o envolvimento do filho com a busca pelo conhecimento, desde pequeno. *“Ele foi estudar no Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA) muito novo, com 14 anos, e eu sofri muito, com muita saudade. Mas eu me sinto feliz com a coragem e vitória dele. Meu filho é tudo”*, conta a mãe, que é cooperada da Coopercuc e produtora de geleias na minifábrica da comunidade Serra da Besta, vinculada à cooperativa.

Antes de realizar o estágio na Coopercuc, Emanuel estudou no **Curso Técnico de Agroindústria no Centro Territorial de Educação Profissional do Sertão do São Francisco (Cetep - Juazeiro)**, e viveu, durante quatro anos, em uma república, do IRPAA, localizada no município de Juazeiro.



Novos rótulos

Com o sucesso da cerveja Saison de umbu, a Coopercuc enxergou ainda mais o potencial do produto para aumentar o retorno financeiro da cooperativa. Participando ativamente de feiras por todo o estado e pelo país, Emanoel recebeu o feedback de clientes, que pediram uma cerveja menos encorpada e com menor teor alcoólico. Foi assim que surgiu a Pale Ale de umbu.

“Ouvindo esses comentários, eu cheguei na direção da cooperativa e perguntei se a gente não poderia lançar outra cerveja de umbu, poderia até ser uma edição limitada, um lote só e, se não desse certo, a gente desistia. Mas fizemos o primeiro lote da Pale Ale e caiu no gosto das pessoas. Hoje, tem muitos clientes que só querem a Saison, outros que só querem a Pale Ale e isso é bem interessante”, comemora Emanoel.



Além do sabor, Jussara ressalta que as cervejas artesanais da Coopercuc divulgaram a agricultura familiar da Bahia pelo país.

“É uma sensação boa, porque é uma cerveja que carrega todas as características de um produto da agricultura familiar, criada por um jovem, e com essa relação com o cooperativismo. Então, ela não é uma cerveja comum, é uma cerveja carregada de história e o Bahia Produtiva veio para facilitar todo esse trabalho de divulgação e reconhecimento dessa cerveja artesanal”.

Jussara Dantas
Diretora-secretária da Coopercuc

Além de apoiar a comercialização não só da cerveja, mas de toda a produção da Coopercuc, o Governo do Estado, por meio do Projeto Bahia Produtiva, **investiu R\$ 2,4 milhões na unidade de beneficiamento de polpa de frutas**, que passou a contar com novos maquinários e equipamentos, que melhoraram a qualidade dos produtos e aumentaram a produção de geleias, doces e compotas da cooperativa.

Profissionalização

Entre as ações realizadas no âmbito do Bahia Produtiva estão ainda a contratação de um profissional de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) e um Assistente Técnico e Gerencial (ATEG), para garantir uma melhor gestão do empreendimento. A **engenheira de alimentos, Leidiane Vieira, 27 anos**, responsável pela ATER, foi a escolhida para realizar o acompanhamento diário da agroindústria e da equipe de trabalho, da qual Emanoel e muitos outros jovens fazem parte.

“Hoje, a gente tem uma equipe excelente, com nossos meninos e meninas que produzem com uma qualidade ímpar. O produto que a gente produz em janeiro tem a mesma qualidade do que a gente produz em outubro. Trabalhar com pessoas como Emanoel é muito fácil, porque trabalham não só com a industrialização de alimentos, trabalham em uma cooperativa de beneficiamento de frutas. Então, a gente utiliza jovens que têm esse perfil, que a Coopercuc investiu enquanto formação e cursos e isso facilita muito a nossa atividade. Hoje, a gente tem jovens em todas as áreas, desde a produção, coleta, beneficiamento e comercialização”, observa Leidiane.

R\$ 2,4 milhões

Investimento do Governo do Estado na unidade de beneficiamento de polpa de frutas

Uma dessas jovens é **Samara Rodrigues, 26 anos**, que atua na área de Comercialização da Coopercuc, na loja da fábrica. Samara, que é filha de cooperada e também participou do estágio na cooperativa, é técnica em agronegócio e agroecologia, pelo Cetep. *“Eu já trabalhei na embalagem dos doces, na parte da produção e, hoje, estou superando a vergonha de atender aqui na frente”, brinca Samara.*





Emanoel também teve experiência em diversos setores da cooperativa. Começou como diarista na lavagem de frutas e produção, depois foi para o sistema de ATER da cooperativa, cadastrando o agricultor e, hoje, com a carteira assinada como técnico da área da agroindústria e cervejeiro artesanal. A evolução veio junto com o desenvolvimento da cooperativa.

“Com o Bahia Produtiva, a qualidade da polpa melhorou muito, até para a questão da cerveja, porque antes a polpa não era refinada. Foi muito importante para a gente, tanto para a geração de renda como para produzir mais. Hoje, a gente tem equipamentos muito bons, como o pasteurizador de polpa, que faz com que a validade da polpa dure mais e possa ficar mais tempo à venda no supermercado”, avalia Emanoel.



➤ Maracujá-da-caatinga e o futuro

O corajoso mestre cervejeiro não parou por aí. Além dos dois rótulos da cerveja de umbu, o cervejeiro queria destravar o preconceito de muitas pessoas com o maracujá-da-caatinga, fruta típica da região. *“As pessoas tinham a ilusão de que o maracujá-da-caatinga era tóxico, era bravo e causava muito sono. Mas, mesmo assim, produzi uma receita com pouca quantidade de polpa e lançamos no rótulo Maratinga, que significa “alimento branco” em tupi-guarani. Alimento branco porque quando você corta o maracujá verde, dentro é branco”, explica Emanoel.*

O sucesso das cervejas artesanais é tanto que, segundo o **gerente de produção, Milton Barbosa, 46 anos**, a Coopercuc poderia focar apenas em produzir as cervejas, pelo tamanho do mercado que se abriu para a cooperativa. *“A cerveja tem um mundo para ser explorado, porque tem mercado para crescer. Hoje, a cerveja é produzida em Serrinha e Lauro de Freitas e o planejamento é não faltar mais no estoque, porque a procura é grande e a prova disso é que falta no estoque”.*





A expectativa de crescimento só não é maior que os sonhos de Emanuel, que atualmente está cursando Tecnólogo em Produção Cervejeira, na modalidade de Educação a Distância (EAD), pela Unicesumar, universidade sediada na cidade de Maringá, no Paraná, com polo no município de Juazeiro. *“Hoje, eu estou fazendo faculdade de cerveja com minha renda, porque conhecimento é poder e estou precisando. Meu sonho para o futuro é continuar vendo a Coopercuc crescer, ver mais pessoas envolvidas com o trabalho. Quero desenvolver novos produtos e tenho o sonho de ter uma cervejaria ou um brew pub, uma microcervejaria com restaurante, para a venda de comidas típicas da Caatinga, aqui na Coopercuc”*, planeja Emanuel.

“Para mim, foi um orgulho ter feito o produto.

Uma cooperativa de agricultores familiares produzir cerveja artesanal?

A gente saiu da bolha, porque o povo nem sonhava com cerveja.

Hoje, tem outras cervejas, de cacau, de caju e eu fico feliz, porque é um mercado que tem potencial e quanto mais melhor, porque o que a gente mais busca são alimentos e bebidas de qualidade”.

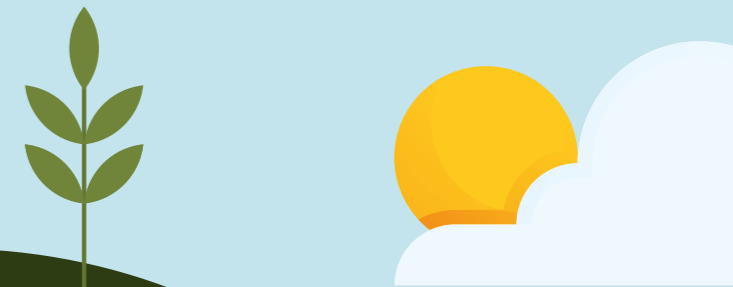
Emanuel Almeida
27 anos, mestre cervejeiro



Mulheres de Alagoinhas são protagonistas no processo de sucessão rural

Bruna Naiure Souza

Fotos da matéria: Geraldo Carvalho



Na Associação dos Pequenos Agricultores da Comunidade do Tombador, no município de Alagoinhas, Território de Identidade Litoral Norte e Agreste Baiano, a juventude dá os primeiros passos na direção da sucessão rural, valorizando os saberes tradicionais, ao mesmo tempo que busca os novos conhecimentos para fortalecer a agricultura familiar. Um desses exemplos é o de **Bruna Naiure Souza, 19 anos**, filha do casal de agricultores Pedro Souza e Divanete Souza.

Dinâmica e empreendedora, a jovem, técnica em agropecuária pela Escola Família Agrícola da Região de Alagoinhas (Efara), já atua na prestação do serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) na própria comunidade em projetos voltados à implantação de sistemas agroflorestais. Ela, que produz e comercializa tempero caseiro com as hortaliças que são cultivadas no quintal da sua casa, também ajuda os pais na produção agrícola, além de produzir acessórios.

“Essa vontade de fazer coisas novas, de empreender, acho que já nasceu em mim. Desde pequena sempre quis trabalhar para mim. A produção dos acessórios começou porque eu sempre gostei de fazer arte. Já a produção de tempero foi ideia da minha mãe, porque eu queria comprar um celular e não queria que meus pais pagassem. E como aqui a gente tem muito produto como coentro, cebolinha e outros, eu comecei a fazer e deu certo, o pessoal gostou”, conta Bruna.

O bom desempenho de Bruna na Efara chamou a atenção de empresários do setor privado que atuam com implantação de sistemas agroflorestais (SAF). Daí surgiu a proposta para iniciar com a implantação de um projeto piloto de SAF na propriedade da família de Bruna e em outras propriedades da comunidade. Os resultados da ação lhe renderam a sua primeira contratação profissional para atuar na assistência técnica também de agricultores e agricultoras de outros municípios.



“Em 2020, comecei o projeto aqui na minha comunidade e deu certo. Em 2021, o projeto de SAF foi expandido para outras comunidades dos municípios de Alagoinhas, Cardeal da Silva, Itanagra e Mata do São João. Nesses lugares, eu presto assistência sobre o sistema agroflorestal, falando sobre técnicas de manejo e práticas agroecológicas sustentáveis”, explica Bruna.

Os avanços gerados e o comprometimento de Bruna com o meio rural têm o incentivo dos pais, que hoje também aprendem com as habilidades e os conhecimentos da filha. *“É muita gratidão ver minha filha com essa formação que eu não pude alcançar na época dos meus pais. Bruna tem uma mente que desenvolve muitas coisas em pouco tempo e, a cada passo, ela vai chegando aonde ela quer”*, pontua Pedro Souza.

Dentro da propriedade da família, Bruna ainda trabalha na manutenção do Quintal Produtivo, implantado por meio do Projeto Bahia Produtiva, que também oportunizou a instalação de galinheiros para proporcionar melhores condições na criação de galinhas caipiras.

“Bruna se dedicou a fazer as divisões de cria, a entender como manter as aves nos cuidados certos, fez pesquisas para instalar os bebedouros e os espaços dos comedouros do galinheiro. Foram galinheiros muito bons porque eu tenho [os ovos e a carne] para o meu consumo saudável e tenho para a venda, para me ajudar a pagar uma conta de internet, de água, de luz”, comemora Pedro.

A incentivadora dos temperos caseiros de Bruna, Divanete, observa, orgulhosa, o crescimento da filha. *“O que eu gosto da Bruna é que ela não tirou o foco do que a gente faz aqui na roça, ela conseguiu aliar os estudos com a agricultura familiar”*. Ela também reconhece que a vida da família mudou a partir da execução das ações do Bahia Produtiva. *“Melhorou muito, porque, se a gente tem as coisas no nosso quintal, a gente não precisa sair para comprar. Eu amo cuidar disso aqui e de ter o apoio dos conhecimentos dela e da nossa ACR Gilmara”*.



Diante das novas oportunidades, tanto pela oportunidade de se profissionalizar, quanto pelas políticas públicas que investem na agricultura familiar, Bruna acredita que é possível para o jovem permanecer no campo. *“Eu acredito e vejo a importância da agricultura familiar para as comunidades e deixo uma mensagem para os jovens de que é possível crescer na própria comunidade, não só através da agricultura, mas de outros meios, como empreender em algum negócio. Na Efara, eu pude aprender a valorizar a agropecuária e me ajudou bastante no meu amadurecimento. Porque é no campo que é produzida a maioria dos alimentos que vão para a mesa do brasileiro. Eu acho muito importante que nós, das gerações futuras, possamos ajudar no fortalecimento das tradições e da cultura do campo.”*

A jovem Bruna sonha, agora, em iniciar no curso superior de Engenharia Agrônômica e expandir o seu negócio de acessórios. Ela pretende também seguir na linha de produção agroecológica, pensando na preservação da natureza e na segurança alimentar e nutricional de todos.



➤ Jovens capacitados para a sucessão rural

A continuidade dos trabalhos na agricultura familiar, realizados a partir do processo de sucessão rural, ganhou reforço com a contratação de jovens de comunidades rurais, para atuar como Agentes Comunitários Rurais (ACR), em associações ou cooperativas apoiadas pelo Governo do Estado, via Bahia Produtiva.

A ação garante a Carteira de Trabalho assinada e a formação qualificada e contínua, por meio de prestadoras de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), contratadas via Bahia Produtiva, para contribuir tanto com o fortalecimento da agricultura familiar, quanto com a formação desses jovens.

Essa oportunidade foi agarrada pela **técnica em agropecuária e pedagoga Gilmara Borges, 25 anos**, selecionada para atuar na Associação do Tombador. *“Eu completei 19 anos no dia 12 de outubro e no dia 13 assinaram minha carteira como ACR. Foi o meu primeiro emprego com carteira assinada, um sonho para mim. Eu tirei a minha habilitação vendendo trufas e, quando eu fui crescendo, comecei a vender outras coisas, perfumes, bijuterias, mas queria arrumar um trabalho. Foi quando a associação acessou o Bahia Produtiva e precisava de um jovem, com até 28 anos, que tivesse carteira de habilitação. Aí eu pensei: ‘a oportunidade é agora!’”.*



Gilmara, que também é filha de agricultores familiares e ex-aluna da Efara, teve um grande crescimento profissional, graças ao trabalho realizado como ACR. *“Eu aprendi uma bagagem de coisas como ACR. O que eu mais me identifiquei foi porque o projeto, além de ser de galinha caipira, veio com a proposta da segurança alimentar e nutricional (SAN). Foi aí que eu consegui levar para os agricultores conhecimentos como o das plantas alimentícias não convencionais (PANC), porque todo mundo tinha no quintal o brejo, a língua-de-vaca, mas não sabia que podia consumir. Foram capacitações e aprendizados únicos para mim”.*

Juracy Batista, técnico de ATER da Cooperativa Agropecuária Mista da Região de Alagoinhas (**Coopera**), contratado via Bahia Produtiva, elogia o desenvolvimento da comunidade e o empenho da ACR Gilmara, enquanto articuladora da comunidade e braço forte da prestadora de ATER.

“Gilmara é filha de agricultor, tem credibilidade com as pessoas e se destaca, porque é uma pessoa extremamente comprometida, que sabe da importância da atividade dela como ACR para passar as orientações aos agricultores familiares. E a gente percebe isso pelo grande número de pessoas daqui nas nossas atividades coletivas de ATER e na mudança muito grande da comunidade, principalmente, porque hoje, na maioria das casas dos beneficiários, é possível ver uma diversidade de espécies vegetais e o desenvolvimento das pequenas criações, como as aves caipiras de corte e de postura”, enaltece Juracy.



“Gilmara é filha de agricultor, tem credibilidade com as pessoas e se destaca, porque é uma pessoa extremamente compromissada”.

Juracy Batista
técnico de ATER da Cooperativa Agropecuária Mista da Região de Alagoinhas (Coopera)

A presidente da Associação do Tombador, Luzia Alves, também comemora os serviços prestados por Gilmara, como ACR. “A gente fica tão feliz em saber que na nossa comunidade tem jovens que estão ajudando, porque, assim como eles, nós fomos os frutos do passado. Somos filhos dos nossos pais e avós que fundaram a associação. Então, ver outros jovens querendo dar essa continuidade é saber que a gente está fazendo história. Gilmara dá uma força muito grande, estimula, incentiva, não deixa a gente desanimar. Por ter um conhecimento maior e mais facilidade com a tecnologia, ela nos dá o suporte também para deixar tudo regularizado. É muito bom”.



“A gente fica tão feliz em saber que na nossa comunidade tem jovens que estão ajudando, porque, assim como eles, nós fomos os frutos do passado.

Somos filhos dos nossos pais e avós que fundaram a associação.

Então, ver outros jovens querendo dar essa continuidade é saber que a gente está fazendo história”.

Luzia Alves
presidente da Associação do Tombador

Passado o período determinado no contrato como ACR, Gilmara agora foca nos estudos da pós-graduação em Psicopedagogia e no seu papel como mãe, para construir um futuro melhor para o seu filho, **João Marcos**, de 1 ano.

“Eu penso sempre em um futuro melhor para a minha comunidade e para o João Marcos.

A gente está organizado no contexto documental para acessar mais políticas públicas como o Bahia Produtiva, que geram emprego e renda e ajudam a manter o jovem aqui na comunidade.

Porque o projeto veio com essa extensão de abraçar os jovens e somou muito com a gente. Foi muito bom”.

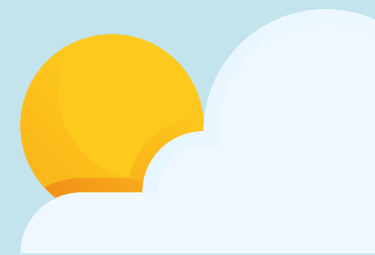
Gilmara Borges
25 anos, técnica em Agropecuária, Pedagoga e ACR





Presidente de rede de cooperativas baianas da agricultura familiar se torna referência em gestão

Ícaro Rennê



Foi a partir do anseio de cooperados e sob as bênçãos dos mais antigos que **Ícaro Rennê**, aos **26 anos**, foi indicado e eleito, no ano de 2016, **presidente da Cooperativa da Cajucultura Familiar do Nordeste da Bahia**, a **Rede Cooperacaju**, sediada no município de Ribeira do Pombal, Território de Identidade Semiárido Nordeste II.

A cooperativa chega ao fim do ano de 2022 com **faturamento acima dos R\$ 3 milhões**, devido à comercialização de diversificados produtos derivados do caju, a exemplo das castanhas nas versões assada com sal e natural, em embalagens de 150 g, 250 g e 400 g; do mix com frutas desidratadas; e das pastas de castanha de caju integral, com licuri e com cacau. Muito do que foi conquistado atualmente nasceu na gestão de **Ícaro Rennê**, hoje, com **33 anos**, e com a participação da equipe da Cooperacaju, formada, na maioria, por jovens.

R\$ 3 milhões

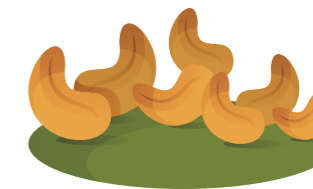
Faturamento alcançado na reta final de 2022, decorrente da comercialização dos diversos produtos derivados do caju

O agricultor familiar, José Macedo dos Santos, conhecido como seu Almeida, um dos mais antigos na cooperativa, fundada em 2005, celebra a evolução do empreendimento a partir da atuação da juventude. *“A gente viveu momentos muito difíceis no início da Cooperacaju, mas, depois que Ícaro aceitou sair como presidente, nós avançamos muito. Ele é muito dedicado e se doou para a cooperativa, e os resultados são surpreendentes. A gente passou uns 10 anos vendendo castanha ao preço de um real para os atravessadores sergipanos, mas, com a cooperativa, o quilo da castanha está R\$ 7,50. Hoje, a gente está bem organizado e melhorou bastante e nós temos o nosso ‘13° salário’ garantido no fim do ano por causa do caju”.*



Uma das maiores surpresas de seu Almeida, nesse período em que Ícaro está responsável pela gestão da Cooperacaju, foi a criação das pastas de castanha de caju, que são produzidas com castanhas que, visualmente, não serviam para serem comercializadas. *“É um produto nosso que eu considero muito chique e me dá uma alegria tão grande de ver! Porque essas castanhas defeituosas eram vendidas com preço muito baixo. E, hoje, o que era vendido a R\$ 10,00 o quilo transforma-se em quase quatro pastas, cada uma a preço de R\$ 25,00, ou seja, quase R\$ 100,00. Tudo isso é um grande avanço para nós”.*

Sobre as pastas, Ícaro conta que a ideia surgiu em equipe, a partir de observações do mercado, principalmente sobre a evolução do consumo da pasta de amendoim. Agora, o sucesso das pastas é tão grande que Ícaro e sua equipe já fazem testes para o lançamento de mais nove tipos de pastas derivadas do caju.



R\$ 10,00
o quilo



R\$ 25,00
a unidade

R\$ 100,00

Uma matéria-prima vendida por um preço muito baixo, se converte em um produto com alto valor de comercialização.



➔ Origem na agricultura familiar

A ligação do jovem Ícaro com a agricultura familiar não começou quando ele foi eleito presidente da Cooperacaju.

“Eu sou filho de agricultor e agricultora familiar e sempre gostei do campo. Minhas férias eram catando castanha de caju na roça e sempre tive o sonho de ser técnico em agropecuária e consegui”.

Ícaro Rennê

26 anos, presidente da Rede Cooperacaju

A renda da família de Ícaro vinha da produção de feijão e milho, criação de animais, venda de tijolos da olaria que o pai mantinha na roça, e também das costuras de sua mãe, Rita Macedo de Góes, 63 anos. A mãe lembra da vontade de Ícaro de trabalhar. **“Desde pequeno, ele vendeu banana na feira, picolé, geladinho. Estudava de manhã, almoçava e saía com a caixa de isopor.”**

Assim que se formou no Centro Territorial de Educação Profissional (Cetep), de Ribeira do Pombal, foi chamado pelo Cetep para trabalhar no campo. Um tempo depois foi convidado a ser professor e orientador na mesma escola. Foram seis anos de atuação.

A partir de 2012, Ícaro inicia a sua vida no cooperativismo, por meio da filiação à Cooperativa Regional dos Agricultores Familiares de Ribeira do Amparo, Cipó e Ribeira do Pombal (Cooperprac), uma das filiadas à Rede Cooperacaju. Nesse período, já formado como engenheiro agrônomo pela Faculdade Dom Luís, de Ribeira do Pombal, Ícaro se destacou e foi chamado para um mandato de quatro anos como diretor-administrativo da Cooperprac.



➔ Superação dos desafios

O desempenho e dinamismo de Ícaro chamaram a atenção dos mais velhos, que o convidaram para assumir a presidência da Rede Cooperacaju. **“Quando meu nome surgiu entre tantas senhoras e senhores com uma longa história na cooperativa, eu fiquei surpreso. Aí me perguntaram se eu topava e eu falei que sim, porque não corro de desafio. E hoje já estou no meu segundo mandato, buscando a evolução da cooperativa, cada vez mais”.**

Ele conta que um grande desafio que enfrentou no início da sua gestão foi o de convencer as pessoas que ele, mesmo sendo o presidente mais jovem, entre as grandes cooperativas da Bahia, iria contribuir com o crescimento e a evolução da Cooperacaju. **“Às vezes, as pessoas mais velhas não davam o reconhecimento, mas, graças a Deus, eu consegui criar um legado e um convencimento com relação à idade”.**

No início, a Cooperacaju contava apenas com o presidente e uma estagiária para resolver todas as questões burocráticas e de relacionamento com cooperados e cooperadas. **“A Cooperacaju nunca tinha sido explorada de forma comercial. A comercialização era feita individualmente. Logo que entrei na presidência, a movimentação financeira da cooperativa era zero”.**

Gradualmente a cooperativa foi evoluindo. **“Vendíamos para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e tínhamos a castanha produzida na filial e vendida em um saco plástico com um papel em cima grampeado, evoluindo depois para a caixinha que temos hoje. O resultado foi que saímos do zero, em 2016, para mais de R\$ 3 milhões esse ano”**, comemora Ícaro.

→ Estratégia bem-sucedida

“Eu acho que foi uma sacada do corpo de cooperados ter colocado a juventude para rodar a cooperativa. Eu vesti a camisa e coloquei outros jovens para trabalhar aqui, porque é uma forma de dar oportunidade ao jovem para pensar em inovações. Eu posso bater no peito e dizer que sou um jovem que nasci no campo e me criei sempre tendo ligação com o campo e, hoje, estou à frente de uma cooperativa que vende produtos da agricultura familiar e eu tenho orgulho disso”, declara o presidente da Cooperacaju.

Ícaro ressalta que, hoje, o jovem que quer ter renda consegue ter tudo no campo, consegue produzir com os pais e fazer a comercialização por aplicativo de mensagens, por exemplo.

“Temos de mostrar a eles que é rentável e que é melhor você ser patrão no campo do que ir trabalhar, às vezes, muito mais, em uma empresa grande fora daqui, longe da família”.

Ícaro Rennê

26 anos, presidente da Rede Cooperacaju



Uma dessas histórias de sucesso na cooperativa é a do jovem **Orlan Bittencourt, 26 anos**. Desde cedo, ele teve contato com a plantação de caju, e colhia castanhas na casa dos tios. Depois, passou a trabalhar meio período na fábrica de beneficiamento da **Cooperativa dos Cajucultores Familiares da Microrregião de Banzaê, Euclides da Cunha e Quijingue (Cooperbeq)**, filiada à Rede Cooperacaju, enquanto cursava a graduação em Ciências Contábeis, pelo Centro Universitário Ages, em Paripiranga.

Atualmente, Orlan é o contador da Rede Cooperacaju e celebra as oportunidades que teve na cooperativa. “Eu vou agradecer pelo resto da vida essa oportunidade, porque abriu portas e também fez com que eu aprimorasse o meu conhecimento na área. Hoje, eu me sinto um profissional preparado justamente pela vivência que a cooperativa me proporciona, porque eu consigo colocar em prática o que eu aprendi na faculdade”.

Outro jovem empolgado com o trabalho na **Cooperacaju** é **Murilo Nunes, 26 anos**, que foi contratado pela cooperativa, há três anos, para atuar, no âmbito do edital Alianças Produtivas, do Projeto Bahia Produtiva, como **Assistente Técnico em Gestão (ATEG)**. Graças ao trabalho realizado na comercialização dos produtos, já se tornou o gerente comercial da cooperativa.

“Finalizando o convênio do Alianças Produtivas, eu vou continuar minhas atividades de gerente comercial, porque aqui eu posso opinar devido ao nosso diretor-presidente Ícaro ter mente aberta para novas ideias e novas formas de pensar, tanto na parte comercial quanto na gestão do empreendimento. Eu quero continuar também porque estou vestindo a camisa da agricultura familiar e tenho isso como propósito de vida”, enfatiza Murilo.

O resultado dessa renovação e dinamização é verificado na expansão da comercialização e visibilização do trabalho da Cooperacaju, que chega a todas as regiões do Brasil. Uma das contribuições de Murilo foi o reposicionamento de marca dos produtos, que passaram de Castanhas da Bahia para a marca Aratinga, lançada no ano de 2020.

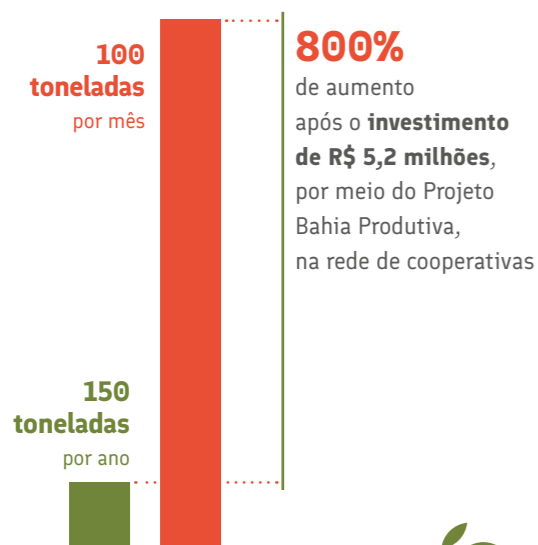


Com o olhar voltado para o futuro

O desenvolvimento da Cooperacaju não para por aí. Por meio do Bahia Produtiva, são **R\$ 5,2 milhões em investimentos na rede de cooperativas**. Parte desses recursos é destinada à construção de uma unidade de beneficiamento do caju, que vai aumentar a capacidade de produção da fábrica de **150 toneladas** por ano para **100 toneladas** por mês.

“Eu participei da primeira reunião do Bahia Produtiva e estou até hoje participando dessa construção, porque é um projeto pensado em conjunto com agricultores e agricultoras. Além dos investimentos nas reformas, temos o melhoramento dos equipamentos, o apoio na base produtiva com insumos para agricultores e a assistência técnica. Isso mostra que o Governo do Estado vem trazendo melhorias para que a juventude fique no campo. Que os pais digam aos filhos que é para estudar sim, mas que é para estudar para vir para o campo produzir, comercializar e ter uma vida digna, porque já comprovamos isso”, convoca Ícaro.

Aumento da capacidade de produção



O intenso trabalho de conscientização de Ícaro sobre a importância da agricultura familiar já lhe rendeu outros desafios. Além de ser presidente da Cooperacaju, Ícaro é diretor-secretário da Federação da União das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária da Bahia (Federação Unicafes Bahia). Entre as ações desenvolvidas pela Federação está o apoio à comercialização dos produtos da agricultura familiar, tanto na representação junto aos contratos com prefeituras no PNAE quanto na criação do site Mercaf, uma plataforma de comercialização dos produtos da agricultura familiar, com impactos positivos, especialmente, no período da pandemia da covid-19.

E Ícaro não para por aí, ele também participa do Fórum Nordeste das Unicafes, que reúne todas as federações do Nordeste, como forma também de dinamizar ações da agricultura familiar em todos os estados da região.



“A gente viveu momentos muito difíceis no início da Cooperacaju, mas, depois que Ícaro aceitou sair como presidente, nós avançamos muito. Ele é muito dedicado e se doou para a cooperativa, e os resultados são surpreendentes. A gente passou uns 10 anos vendendo castanha no preço de um real para os atravessadores sergipanos, mas, com a cooperativa, o quilo da castanha está R\$ 7,50”.

José Macedo dos Santos
Almeida, agricultor familiar



**Produção
de laranja orgânica
é o caminho para
o desenvolvimento
de jovens do Litoral
Norte da Bahia**

Antonio Marcos



A juventude é muito mais do que um período da vida entre a adolescência e a vida adulta, é considerada também um estado de espírito, uma forma de viver, com entusiasmo, disposição e o desejo permanente de aprender. Esse modo de vida se enquadra no perfil de **Domingos Cardoso, 68 anos, presidente da Cooperativa Agropecuária do Litoral Norte da Bahia (Coopealnor)**.

Todos os dias, ele é o primeiro a chegar e o último a sair da cooperativa. E não é só na disposição que Domingos se destaca. Ele tem uma visão de futuro e aposta na força e no conhecimento técnico da juventude para potencializar a produção de laranja orgânica e convencional na agricultura familiar do Litoral Norte e Agreste Baiano.

“A agricultura familiar é um futuro seguro para o jovem no campo porque é da terra que a gente vive e que a gente gera alimento para a população. Temos de incentivar a agricultura familiar para esse povo ter uma vida digna. Eu mesmo como o que eu quero, na hora que eu quero. A agricultura familiar é o caminho e a assistência técnica é a base. Eu acredito que o agricultor, por mais inteligente que seja, tem de ter pessoas orientando aonde ele quer chegar e como ele vai chegar”.

Domingos ressalta que seu maior orgulho é o de ter estruturado a cooperativa com jovens da agricultura familiar, apesar dos muitos desafios. Entre os jovens profissionais que atuam na Coopealnor está o técnico em agropecuária, **Antônio Marcos Dantas, 30 anos, profissional de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER)** contratado no âmbito do projeto do Governo do Estado Bahia Produtiva.

Para Domingos, o Bahia Produtiva é uma importante política pública que estimula o jovem a permanecer no campo. *“Antes, a gente não tinha o que oferecer ao agricultor. Hoje, nós temos um técnico, temos mercado para comercializar, uma unidade de beneficiamento de frutas para o mercado de mesa e que separa a laranja orgânica da convencional (packing house). Isso graças ao incentivo do Governo do Estado, que promoveu essa política de dar incentivo ao agricultor familiar para ele sobreviver dignamente no campo”.*



Por meio de dois editais do Bahia Produtiva, estão sendo **investidos R\$ 3,6 milhões na Coopealnor**, que atendem mais de **60 famílias**, com o serviço de ATER; na instalação do novo packing house específico para as laranjas orgânicas; e na implantação de uma cozinha comunitária, para a produção de casquinha de laranja, geleia e produtos derivados da mandioca. Os recursos são destinados também à instalação de um espaço para embalar e empacotar outros produtos da agricultura familiar, como feijão, hortaliças, frutas e verduras, além de uma garagem para receber todos os maquinários agrícolas, a exemplo de tratores, grades e roçadeiras.

R\$ 3,6 milhões

Investimentos realizados na Coopealnor, por meio de dois editais do Projeto Bahia Produtiva, beneficiando mais de 60 famílias

→ Um novo caminho apontado pela juventude

Antônio Marcos, que é técnico em agropecuária, fruticultura e agronegócio, fez estágio na cooperativa em 2015 e, em 2016, trabalhou por uns meses como experiência. O retorno à Coopealnor ocorreu em 2019, quando foi contratado a partir de recursos do Bahia Produtiva.

“Quando eu cheguei, o grupo de produtores orgânicos estava um pouco desassistido, a cooperativa não tinha um corpo técnico formado para atender de forma mais qualificada esses produtores.

Então, meu foco principal foi aumentar a área de produção orgânica e aumentar a oferta de produtos.

E, até os dias atuais, esse grupo já cresceu mais de 200%”.

Antônio Marcos
técnico de ATER da Coopealnor



Para chegar ao grupo atual de 30 produtores orgânicos, Antônio Marcos orientou agricultores e agricultoras familiares sobre os diferentes critérios da certificadora que realiza a acreditação, a partir de um processo de auditoria externa. As mudanças feitas no manejo das áreas foram significativas.

“Foram mudanças em vários segmentos sociais, ambientais e econômicos. Tivemos cuidados com a devolução das embalagens porque alguns produtos microbiológicos seguem uma determinada legislação. Reforçamos também a questão de registrar em caderno de campo ou planilha todas as ações que são feitas dentro da propriedade para conseguir a aprovação junto à certificadora”, observa Antônio Marcos.

O técnico explica que, para garantir a não contaminação da área por agrotóxicos que são proibidos na produção orgânica, é obrigatória a criação de cercas vivas nos limites da propriedade, evitando a contaminação pelo vento, por parte de vizinhos que cultivam do modo convencional. *“É um critério da certificação, porque, se o vizinho usa práticas convencionais, existe o risco de contaminação. Então, é necessária a proteção na extremidade da propriedade para evitar que o vento traga os produtos impróprios para dentro”.*

➔ Persistência e foco no resultado

O agricultor familiar **Roniere Santos, 27 anos**, do município do **Conde**, lembra do início do processo de transição para a produção orgânica. *“Quando a gente começou no processo orgânico, no fim de 2019, os nossos vizinhos chamavam a gente de maluco. Como é que iríamos recuperar um sítio, com irregularidades, como o nosso tinha? Mas aí, 100% das nossas decisões foram tomadas por orientação de Marcos. Análise de solo, gradagem, caldas agroecológicas, maneira da adubação. Hoje, a gente tem o orgulho de falar que nós, agricultores familiares, trabalhamos como se fôssemos uma empresa grande”.*

Em dezembro de 2022, a produção orgânica de Roniere completou os 36 meses de carência para alcançar o mercado europeu. Ele, que já comercializa para o mercado nacional, aguarda ansioso a primeira exportação. *“A nossa expectativa está alta, contanto que não venda para a Bélgica, nem para a Alemanha, que tiraram a gente da Copa do Mundo”*, brinca o jovem agricultor.

Para Antônio Marcos, que tem um irmão produtor de laranja orgânica, o melhor caminho para os novos produtores é a produção orgânica. *“Se você olhar para os produtores externos, ainda tem muito aquela questão do agronegócio, de dependência dos agroquímicos. Mas aqui, a gente mostra o caminho do sistema de produção orgânica. Antes, o pai dizia para o filho que se não quisesse ficar na roça, era para estudar, hoje é o reverso, se o jovem quiser ficar no campo, aí é que ele tem de estudar. Eles acolhem as recomendações, são abertos e compromissados”.*



“Hoje, a gente tem o orgulho de falar que nós, agricultores familiares, trabalhamos como se fôssemos uma empresa grande”.

Roniere Santos
27 anos, produtor de laranja orgânica

➔ Tecladista aprendiz

O agricultor familiar e tecladista, **Juliano Ribeiro, 41 anos**, de **Inhambupe**, é outro destaque na produção de laranja orgânica. Juliano é de família de agricultores e conseguiu seu primeiro lote de terra com o apoio do pai, em 2008, para plantar laranja.

Com o desenvolvimento da produção, Juliano, que é filiado à Coopealnor e que cultivava no processo convencional, em 2016, acabou não tendo verba para comprar adubos químicos. *“O bolso ficou fraco para investir na produção que eu tinha, porque comprei um terreno e fiquei sem colocar adubos químicos. Aí, eu vi que a roça começou a produzir bem sem o adubo e, a partir da orientação de um vizinho, José Adílson de Souza (hoje presidente da Cooperativa Agropecuária Mista da Região de Alagoinhas), resolvi entrar no orgânico e de lá para cá, é só vitória”.*

Mas para a produção realmente prosperar, Juliano teve de seguir as orientações técnicas de Antônio Marcos. *“Não tenho formação na área, então, a assistência técnica é tudo para mim. A gente põe em prática tudo o que eles passam. Além de orientações sobre a pulverização, uma das coisas principais é deixar a matéria seca próxima ao pé da planta que vai se tornar matéria orgânica e conservar a umidade. Isso vale muito para mim, que não tenho cultivo irrigado ainda”.*

40 toneladas

Produção anual,
somando safra
e entressafras

Pelos resultados financeiros obtidos, Juliano é considerado um caso de sucesso da Coopealnor. Além do período de safra, ele organiza a sua produção para garantir mais dois períodos de entressafra, totalizando mais de **40 toneladas** produzidas no fim do ano. Cada tonelada de laranja orgânica é comercializada a um valor médio de **R\$ 1.400,00**. *“Aqui é um investimento bom e o nosso preço é diferenciado e vale três ou quatro vezes [o valor] das laranjas convencionais. Essa é a diferença do orgânico”*, celebra Juliano.



Em meio ao crescimento da produção, Juliano tem sonhos para o futuro na roça. “Já separei uma área para plantar capim, para ter um gado e ter o meu próprio adubo orgânico. Quero continuar ampliando a minha área e perfurar também um poço artesiano, para fazer meus cultivos irrigados de laranja consorciado com maracujá, abóbora e melancia. Além disso, a minha maior felicidade é ter meu filho, Áthila Juliano, vendo o que eu faço. Ele adora ficar aqui na roça. Eu vou incentivá-lo para que fique comigo no campo, estude para ter conhecimento e esteja preparado para ficar no campo e produzir com qualidade para alimentar o mundo”.

“A agricultura familiar é um futuro seguro para o jovem no campo porque é da terra que a gente vive e que a gente gera alimento para a população. Temos de incentivar a agricultura familiar para esse povo ter uma vida digna”.

Domingos Cardoso
presidente da Coopealnor





**Produtor de leite
promove melhoramento
genético de bovinos
com a utilização
de biotecnologias**

Rodrigo Nunes



Se por um lado o legado dos pais é herdado pela nova geração, por outro, os jovens mostram que também têm muito a ensinar, mesmo em meio a adversidades climáticas, em um cenário de vegetação seca e solo em processo de degradação. É nesse contexto que o conhecimento técnico, aliado ao uso de tecnologias, faz o grande diferencial para a nova geração de produtores de leite na Caatinga baiana.

No Território de Identidade **Piemonte da Diamantina**, o jovem **Rodrigo Nunes, 26 anos**, da comunidade de **Brejo Grande**, localizada no município de **Miguel Calmon**, destaca-se na bovinocultura de leite, com apenas dois anos de atuação nesse sistema produtivo. Em pouco tempo, ele já colhe frutos promissores.



Rodrigo sempre foi agricultor familiar. Trabalhava com seu pai com os cultivos de feijão, milho e melancia, mas nunca obtiveram grandes retornos financeiros, somente conseguiam garantir o suficiente para se sustentar. Além disso, chegou a trabalhar com diárias em outras propriedades da região e em uma olaria, trabalhando com alvenaria, mas não tinha uma renda fixa.

Apaixonado por animais, o jovem chegou a criar caprinos e suínos, mas também não emplacou. Foi quando, incentivado por um amigo que tomava conta de uma fazenda de gado, resolveu comprar, por meio de financiamento, suas três primeiras novilhas. Assim, iniciou sua trajetória no sistema produtivo da bovinocultura de leite.

→ Tecnologias para superar a adversidade

Com a realidade climática da Caatinga, Rodrigo se deparou com grandes desafios para a sua criação e encontrou nas tecnologias voltadas para a atividade a receita para o seu crescimento.

“Vi na bovinocultura uma fonte rentável.

Todo dia, pouco ou muito, tenho algum retorno.

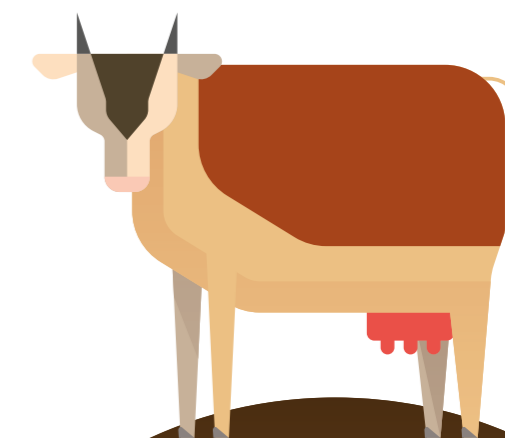
Não tem feriado, não tem domingo e nem dia santo, mas tem um retorno certo.

E tenho buscado avançar a cada dia, com as tecnologias implantadas”.

Rodrigo Nunes

26 anos, agricultor de Miguel Calmon

Rodrigo se capacitou por meio de cursos voltados para manejo sanitário, higiene de ordenha, entre outras tecnologias, como as de reprodução, com a inseminação artificial, e as de multiplicação e reserva estratégica de alimentos para os animais. Com o conhecimento e o domínio dessas tecnologias, Rodrigo entendeu como era possível criar suas vacas em meio a adversidades e colocou tudo o que aprendeu em prática. Hoje, orgulha-se de fazer, por exemplo, inseminação artificial em seus animais, uma biotecnologia simples e rápida, para promover o melhoramento genético em bovinos.



→ Evolução

O jovem conta que, apesar de ter sido muito criticado quando começou na atividade, resolveu arriscar. **“Eu não tinha experiência e nem a estrutura adequada. Comecei tirando leite no meio do tempo e fui evoluindo”**. A evolução veio e, no primeiro ano, ele conseguiu uma produção de 40 litros de leite por dia. A estrutura para tirar leite passou por um sombrite até chegar à construção do curral. **“Em 2023, vou colocar uma ordenhadeira e a meta é não estacionar”**.

No curral, ele mostra orgulhoso a primeira bezerira, fruto da tecnologia de inseminação artificial. Rodrigo conta que já tem outras vacas prenhas com esse método. **“É possível criar gado na Caatinga graças às tecnologias, e em um curto espaço de tempo já temos sucesso na atividade. Tenho uma produção média de 15 litros de leite por dia, por animal, e quero aumentar. Estou investindo na inseminação, tenho novilhas inseminadas e esses são os novos animais que vão suceder esses que estão aqui. Mas quero evoluir ainda mais.”**

R\$ 4 milhões

Investimentos do Governo do Estado aplicados na Coopag, por meio do Projeto Bahia Produtiva

120 litros

Produção diária de leite alcançada com a aquisição de novos animais

Os avanços de Rodrigo são resultado tanto da busca por se capacitar quanto dos investimentos que ele vem realizando em sua atividade, como o da compra de mais animais. Já são oito vacas produzindo cerca de **120 litros de leite por dia**. Toda a sua produção é comercializada para o laticínio da **Cooperativa de Produção Agropecuária de Giló e Região (Coopag)**, localizada no município de Várzea Nova, que é referência na Bahia.

A Coopag recebeu cerca de **R\$ 4 milhões em investimentos do Governo do Estado**, por meio do Projeto Bahia Produtiva. Os recursos foram aplicados na qualificação e ampliação da agroindústria, aquisição de máquinas e equipamentos, no serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) e no apoio à gestão e à comercialização, entre outras ações.



Rodrigo, que é cooperado da COOPAG, está entre os agricultores atendidos com o serviço de ATER oferecido por meio do Bahia Produtiva. Ele conta o quanto a produção de leite avançou com a chegada desse serviço. **“Não sabia nem fazer uma formulação de ração. Aprendi e tenho buscado outras fontes estratégicas de alimentação para o animal no período de maior escassez, que vai de maio a novembro. Agora tenho plantio de palma e a capineira de capiaçu. No período de chuva plantamos milho para fazermos a silagem e armazenarmos esse alimento para colocar para os animais em um sistema intensivo”**.

O médico veterinário, Clóvis Almeida Menezes, que presta o serviço de ATER para Rodrigo e outros cooperados, lembra que o jovem começou com poucas cabeças de gado, mas já se desenvolveu rapidamente. **“Focamos na alimentação, que é o alicerce, a base. Se não tem alimento, não tem animal produtivo. O grande trabalho é a formação desse agricultor. Rodrigo não tinha vícios e estava disposto a aprender e a colocar em prática as orientações”**.

De acordo com o veterinário, o produtor precisa entender que ele não vai mudar o clima. **“Ele precisa se adaptar. Nessas condições, sabemos qual época chove e, nesse período, tem que estocar a maior quantidade de comida possível. Tem silre, tem feno, tem pré-secado e vários tipos de tecnologias para fazer isso. E tem uma tecnologia fácil de trabalhar, que é a palma”**.

Por meio do Bahia Produtiva foram entregues, para cada produtor ligado à Coopag, **20 mil mudas de palma**, além de adubo para fazer as correções do solo. Na propriedade de Rodrigo, as vacas são bem alimentadas e nutridas. O plantio de palma dá um colorido especial e contrasta com o cenário seco da região.

Exemplos como o de Rodrigo mostram que, cada vez mais, a visão de agricultores e agricultoras está mudando. **“As pessoas estão se capacitando e voltando para trabalhar. Só fica quem tem a visão aberta, para acessar as tecnologias, absorver os conhecimentos e colocar em prática. O jovem pode fazer seu próprio salário, começar devagar e crescer, assim como Rodrigo. São vários sistemas produtivos, o jovem precisa olhar para a sua propriedade e ver o que cabe ali. Não tem receita de bolo, tem que trabalhar”**, observa Clóvis.

Rodrigo contou também com máquinas e equipamentos entregues por meio do Projeto Bahia Produtiva, a exemplo de ensiladeira, roçadeira, forrageira, trator e fábrica de ração, que foram essenciais para que o jovem deslanchasse no sistema produtivo da bovinocultura de leite. Outro equipamento instalado por meio do projeto, na comunidade de Brejo Grande, foi o tanque resfriador, onde é armazenada, diariamente, a produção de leite dos agricultores, para posteriormente ser coletada pela Coopag.

→ Caminhada de sucesso

Ao olhar para seu pedaço de terra, que já foi destinado para cultivos diversos, o jovem agricultor se orgulha do seu crescimento. Hoje, sua renda vem 100% da bovinocultura de leite e, por mês, consegue ter uma **renda média de R\$ 7 mil**.

“Essa é a vida que eu pedi a Deus. Está me sustentando e eu vivo em paz”.

Rodrigo Nunes

26 anos, agricultor de Miguel Calmon

Com a venda do leite, resultado de todo o seu trabalho, ele investiu em melhorias para a sua casa, triplicou sua área e dobrou o plantel, além de fazer planos para um futuro breve. **“Quero comprar meu carro de passeio, organizar para ter férias e colocar um funcionário para ter o meu período de descanso. E vejo que isso está próximo”.**

R\$ 7 mil

Renda média mensal, advinda **integralmente da bovinocultura de leite**



A subida de cada degrau é acompanhada de perto pelos olhos atentos de seu pai, **Cirilo Tomaz Neto, 59 anos**. Nascido e criado na comunidade, seu Neto, como é chamado, já arriscou diferentes cultivos e trabalhos na roça e confessa que nunca havia pensado em trabalhar com vacas. Mas hoje, fala com orgulho que se tornou sócio do filho. *“Nossa região é escassa para trabalho. É preciso ter vontade. Ele é trabalhador e, com o leite, ele vem mostrando que é possível ganhar bem. A bovinocultura melhorou, trouxe para a gente um novo padrão de vida e temos a expectativa de melhorar ainda mais. Ele é um exemplo para mim”*.

Seu Neto acredita que a renovação do campo está nas mãos da juventude.



“Os pais precisam incentivar seus filhos a trabalhar na terra deles.

O jovem é o nosso futuro e é com a juventude que a gente pode mudar. Eu mudei”.

Cirilo Tomaz Neto

59 anos, agricultor de Miguel Calmon

→ Liderança

Rodrigo da Silva Nunes se tornou presidente da Associação Comunitária do Brejo Grande de Baixo. A organização conta com 300 associados. *“Apesar do pequeno espaço de tempo como gestor da associação, já ingressamos em alguns projetos e conseguimos parcerias para melhorias da comunidade. Quando se fala em agricultura, tem que pensar em água e nós estamos em busca de fontes de água sustentável. Já conquistamos poços instalados com energia solar e kits de irrigação, e isso tem ajudado as famílias da comunidade”*.

Como liderança, Rodrigo tem a oportunidade de incentivar outros jovens.

“Quero que as gerações futuras acreditem que podemos avançar no campo junto com a tecnologia.

Tem gente na comunidade que tem estrutura para produzir, mas que está saindo para a cidade grande para ganhar um salário-mínimo trabalhando para os outros.

As pessoas só acreditam quando têm um exemplo e eu sou um agora.

O campo está aí e dá oportunidades”.

Rodrigo Nunes

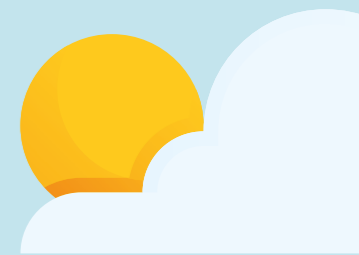
26 anos, agricultor de Miguel Calmon





Protagonismo de Agente Comunitário Rural impulsiona a bovinocultura de leite no Semiárido

Gildevan Teixeira



Nascido em uma família de agricultores, o jovem **Gildevan Teixeira, 34 anos**, via todos os dias o seu pai vaqueiro sair para trabalhar como ordenhador de vacas. Criado praticamente no curral, como ele mesmo diz, não queria saber de aprender a tirar leite, porque não queria seguir o mesmo caminho do pai. Mas o tempo foi passando e baixou a produção de leite em sua cidade natal, o município de **Jeremoabo**, no Território de Identidade **Semiárido Nordeste II**.

Nessa época, Gildevan foi estudar no Curso de Agropecuária, da Escola Estadual Agrotécnica de Jeremoabo, e adivinha qual foi a área que ele mais gostou? A bovinocultura de leite. **“Foi a área que eu mais me identifiquei, porque era um negócio que poderia me dar dinheiro todos os dias. Eu pensava: se eu preciso me alimentar todos os dias, eu preciso de uma atividade que me dê dinheiro todos os dias”**.



Gildevan logo descobriu que não seria tão fácil ingressar na atividade sem capital e sem emprego. Assim, ao concluir o curso técnico, o jovem foi tentar trabalho no interior de São Paulo. **“Eu fui cortador de cana, servente de pedreiro, ajudante de motorista, conferente de estoque e auxiliar de encarregado. Fiquei oito anos lá para conseguir um capital para comprar uma terra. E consegui”**.

Quando voltou para Jeremoabo, Gildevan comprou o seu pedacinho de terra e fez uma roça de palma para alimentar os animais que viriam futuramente. Só que a falta de emprego já estava o deixando desanimado. Foi quando ele ouviu na rádio sobre a vaga de Agente Comunitário Rural (ACR) pelo Projeto Bahia Produtiva.

“Quando eu ouvi sobre esse edital de convocação de bovinocultura de leite, eu não tive dúvidas e me candidatei”.

Gildevan Teixeira
34 anos, ACR em Jeremoabo
e técnico em agropecuária



Gildevan passou no processo seletivo e começou a capacitação com a prestadora de ATER contratada por meio do Bahia Produtiva. No município de Jeremoabo, a prestadora responsável pelo serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) dos empreendimentos apoiados pelo Bahia Produtiva é a Assessoria de Gestão em Estudos da Natureza, Desenvolvimento Humano e Agroecologia (Agendha).



➔ Inserção e capacitação de jovens

Essa estratégia do Governo do Estado viabilizou, só por meio de projetos como o Bahia Produtiva, a **contratação** e a **contínua qualificação técnica e profissional** de **mais de 600 jovens**, que atuam nos **27 Territórios de Identidade** do estado, como ACR, a partir de seleção realizada pelas próprias associações e cooperativas apoiadas pelo projeto.

Entre as funções de ACR estão as de mobilizar, mediar e multiplicar os conhecimentos técnicos e de gestão e acompanhar as famílias vinculadas às organizações produtivas desde a base de produção até a comercialização da produção, entre outras ações.

➔ Início da execução do projeto

O **engenheiro agrônomo** da Agendha, **Ataciano Jesus**, observa que, a partir de um trabalho realizado em conjunto com o ACR e a associação, foram identificadas as principais necessidades para viabilizar a execução do projeto, que já contava com a aquisição de uma máquina forrageira e um reboque. Então, foram incluídas mais **cinco mil mudas de palma**, para atender à necessidade de reserva alimentar do rebanho, para cada agricultor, **20 forrageiras**, uma para cada um deles e todo o material para inseminação artificial e melhoramento genético dos animais. Além disso, foi instalado um tanque de resfriamento para que eles pudessem estocar e vender o leite produzido na comunidade, agregando valor ao produto.

600 jovens

Estratégia do Governo do Estado viabilizou a **contratação e a contínua qualificação técnica e profissional** dos jovens atendidos

Com o início da execução do projeto, Gildevan conseguiu colocar em prática todos os conhecimentos aprendidos, tanto no curso técnico quanto em outros que fez, voltados para a sua atividade. **“Desde que eu saí da Escola Agrotécnica, eu sempre fui buscando, estudando. Fiz cursos a distância do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) e outros cursos particulares. Busquei o máximo de conhecimento e a prática também. Participei de um intercâmbio da Secretaria de Agricultura do município para Nossa Senhora da Glória, em Sergipe, e lá vi sistemas semelhantes ao nosso, com processos altamente eficientes, em pleno Semiárido”**.

O interesse pela atividade não parou por aí. Com a aquisição do material de inseminação previsto pelo projeto, Gildevan sentiu a necessidade de aprender sobre esse tipo de reprodução. **“Como era um projeto voltado para a minha atividade, eu paguei um curso, ofertado em Aracaju, para aprender a inseminar e, depois que voltei de lá, passei a inseminar o meu rebanho e o rebanho do pessoal”**.

Todo o empenho do jovem teve o reconhecimento da Associação Comunitária da Barroca, na qual atuou como ACR, consolidando-se como protagonista no apoio ao projeto da bovinocultura de leite.

“Falar em Gildevan é sinônimo de trabalho e dedicação o tempo todo e isso ajudou muito a comunidade. Ele é um entusiasta da atividade e conseguiu contagiar todo mundo. Desde o início do processo, em toda formação que a gente fazia, ele já tinha estudado antes sobre os temas. A partir do momento em que ele fez o curso de inseminação, ele passou a orientar os beneficiários no trato correto e nos cuidados com as bezerras e os animais começaram a dar resultado. Ele teve uma importância fundamental, na mobilização como ACR, de fazer o conhecimento chegar até as propriedades”, enfatiza o engenheiro agrônomo Ataciano.

“Falar em Gildevan é sinônimo de trabalho e dedicação o tempo todo e isso ajudou muito a comunidade.

Ele é um entusiasta da atividade e conseguiu contagiar todo mundo”.

Ataciano Jesus
engenheiro agrônomo da Agendha



Desafios e resultados

O progresso da produção leiteira na associação passou por alguns desafios até chegar ao grande volume de leite entregue, hoje, por agricultores e agricultoras. **“Alguns falavam: meu pai fazia assim, meu avô fazia assim e vem esse moleque querer me ensinar? Eu ouvi muito isso. Outro desafio era que, às vezes, os benefícios demoravam a chegar e o pessoal começava a desacreditar no projeto, a perguntar o porquê de estar fazendo dia de campo e reunião se o projeto não tinha futuro. Mas, hoje, depois que eles viram o resultado, a coisa mudou. Apareceu muita gente para me ver tirar 86 litros de leite por dia, em uma média de 21,5 litros por vaca. Teve gente que era do projeto, abandonou e hoje paga para eu ir lá na roça deles inseminar.”**

Atualmente, a comunidade da Barroca vive momentos de prosperidade com a bovinocultura de leite. Vacas que produziam **cinco litros** de leite por dia passaram a produzir **15**. A produção total diária dos beneficiários, no último levantamento da Agenda, apontava mais de **1.300 litros** de leite entregues por dia.



E a tendência é aumentar a produção com os bezerros gerados por inseminação artificial, que possuem uma genética melhorada e contam com uma reserva alimentar estratégica para os períodos de longas estiagens. Com o preço do litro de leite variando entre **R\$ 2,20** e **R\$ 2,40**, agricultores da região conseguem tirar até mais de **R\$ 6 mil** de renda bruta mensal com a comercialização do leite.

Quem comemora esses avanços é o presidente da Associação da Barroca, Gilsimário Lima. **“O Bahia Produtiva e a assistência técnica melhoraram a lucratividade no fim do processo, porque a gente passou a plantar palma, a fazer silagem e a ter uma segurança alimentar para os animais na época da seca. Com o resfriador, a gente comercializa direto com o laticínio. Antes, vendia direto para o atravessador, com um preço lá embaixo. Agora, eu produzo quase 100 litros de leite por dia, com nove vacas, e a gente já tem dois tanques de resfriamento na comunidade”.**

A presença do ACR também é comemorada por agricultores como Genício Pereira. **“Gildevan é muito importante para a comunidade. Já se passaram quatro anos do início do projeto e até hoje ele continua nos ajudando, tirando dúvidas sobre a ração, doenças e as vacinas para o gado. Ele é quase um veterinário para nós”.**

R\$ 6 mil

Renda bruta mensal alcançada por agricultores da região com a comercialização do leite produzido

De ACR a referência na produção de leite

Gildevan, além de ter alcançado o reconhecimento pelo trabalho como ACR, também se tornou um bem-sucedido produtor de leite. **“Ser ACR foi um ‘divisor de águas’ para que eu continuasse aqui no Semiárido e colocasse em prática a coisa que eu mais gosto de fazer. Simultaneamente ao trabalho como ACR, eu comecei a criar as minhas vaquinhas e, hoje, finalizado o contrato de ACR, eu já consigo me manter na minha propriedade”.**

O jovem, que começou com cinco hectares de terra, já dobrou a área. Atualmente, ele conta com 11 hectares e a fonte de renda é o leite e os bezerros que são comercializados e o retorno financeiro é utilizado para reinvestir e formar capital de giro. **“Esse ano já vendi três bezerros, o que deu um total de R\$ 9.600,00. Eu me encontrei nessa atividade e o meu sonho é escalar a produção para aumentar a rentabilidade e, daqui a uns dois anos, fazer um curso superior e partir para a área de consultoria”.**

Gildevan lembra que comprou a sua primeira vaca justamente por já ter a produção de palma, que plantou lá no início da sua trajetória. Ele conta que, quando um agricultor que não tinha o que dar como alimento para a sua vaca soube da produção de palma de Gildevan, ofereceu o animal para que ele pagasse a prazo. E, assim, ele foi escrevendo a sua própria história como jovem produtor de leite no Semiárido baiano.

Outro momento marcante para Gildevan foi a chegada de um resfriador na sua propriedade, localizada na comunidade Alto da Cachoeira, a 20 quilômetros da Barroca. No equipamento, que pertence a um laticínio da região que também compra o leite, é armazenada a produção de mais 17 produtores que ele conseguiu reunir na comunidade.





Redes sociais são ferramentas utilizadas por jovem Pataxó para visibilizar a cultura e tradição do povo indígena

Suhyasun Pataxó



As mídias sociais, que são um espaço democrático de interação que transcende os limites geográficos, tornaram-se um dos principais meios de comunicação contemporânea, utilizadas, inclusive, por jovens indígenas, como ferramentas para combater preconceitos, compartilhar tradições e valorizar a ancestralidade. Os conteúdos divulgados em redes sociais como Instagram, YouTube, Twitter e TikTok são os mais diversos.

Na Reserva Pataxó da Jaqueira, localizada no município de **Porto Seguro, Suhyasun Pataxó, 25 anos**, que na língua portuguesa é chamado de Vitor Vulga, é uma das lideranças da aldeia e foi um dos jovens indígenas que encontrou nas redes sociais uma forma eficaz para dar voz ao seu povo e divulgar sua cultura e tradição.

Apesar de ter acesso às redes sociais há algum tempo, a atuação mais efetiva começou no ano de 2020, durante a pandemia da covid-19, quando a reserva, que tem como principal fonte de renda o turismo, ficou isolada do mundo externo, para preservar a saúde das 36 famílias que vivem por lá. **“Nossa renda é exclusivamente do turismo e precisávamos sobreviver. Foi quando surgiu a ideia de vender os nossos artesanatos indígenas pela internet. Eu estava sem dinheiro, mas sabia fazer artesanato. Postei uma pulseira, o povo começou a se interessar e comprar. Comecei a divulgar o cocar do meu primo, o colar da minha tia e as vendas deram retorno financeiro”.**

mais de 38 mil seguidores



Quando as atividades presenciais voltaram, as vendas *on-line* diminuíram e Suhyasun mudou a estratégia nas redes sociais e começou a mostrar um pouco de sua rotina. No primeiro vídeo publicado, ele realizou uma *trend* com a transição entre a roupa não indígena e a roupa tradicional da etnia Pataxó. O vídeo viralizou com mais de três milhões de visualizações e diversos compartilhamentos. A partir daí, ele entendeu que podia falar com o mundo sobre conceitos e preconceitos relacionados aos povos indígenas e começou a produzir conteúdo para as redes sociais.

“O livro traz a bagagem, mas é construído dentro da história de algum indígena, contextualizado na visão europeia, de um homem branco perante a sociedade indígena. Não é dessa forma que nós queremos ser tratados. Vi o engajamento que eu podia ter com minhas publicações, porque o retorno foi positivo, e resolvi falar da causa indígena contada por indígenas”, relata o jovem Suhyasun.



Vídeos explicando sobre palavras que são termos pejorativos para os indígenas, sobre a cultura, costumes e tradição, fizeram sucesso e já renderam a Suhyasun cerca de **40 mil seguidores** no Instagram. Mas ele também se deparou com *haters*, que contestaram até o uso de redes sociais por indígenas. **“As pessoas não conseguem compreender a evolução do ser humano, a evolução dos povos indígenas. Não deixamos de ser indígenas por usufruir de tecnologia. A evolução é para todos, para o preto, para o branco, para nós, é para o ser humano”.**

Junto com indígenas de outras aldeias da Bahia, Suhyasun começou a criar uma rede de influenciadores indígenas para dar voz e visibilidade à tradição dessas etnias e despertar o interesse pela utilização dessas mídias, principalmente pelos mais jovens. **“A tecnologia é uma ferramenta de comunicação e de luta. WhatsApp, Instagram, Facebook, Twitter e diversas outras tecnologias conseguem chegar até outros povos indígenas e mostrar o que está acontecendo dentro das aldeias, no dia a dia”.**

Para Suhyasun, a juventude indígena está cada vez mais engajada. **“Antigamente, a cultura era passada somente pelo ancião, mas, hoje, os jovens ocupam esse espaço. Uma hora o ancião vai embora e precisamos sugar esse conhecimento de uma forma boa, estudar esse ancião e toda a sua trajetória de vida, porque ele é um livro de histórias vivo. São os nossos doutores da cultura indígena, detentores do conhecimento tradicional. Por isso, precisamos aplicar esse conhecimento para a nossa juventude, para que ela esteja segura e apropriada da nossa causa”.**

Representatividade

O jovem indígena é **licenciado em Química**, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), no campus de Porto Seguro. Da sua turma, que teve início no segundo semestre de 2015, com 45 alunos, ele foi o único que se formou. Fez pós-graduação em Ensino da Química e Biologia, no formato EAD, pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (Faveni), e se prepara para o mestrado na área de Ciências e Tecnologias Ambientais, pela Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

“Eu me qualifiquei com o intuito de retornar para a minha base, para contribuir com o desenvolvimento do meu próprio povo. O fato de nós estarmos em universidades é justamente porque alguém lutou para que nós pudéssemos permanecer naquele local e precisamos retribuir, por isso trouxe todo o meu conhecimento para cá. Os mais velhos já praticavam química sem ao menos saber o que era química no seu dia a dia, produziam a tinta do urucum, faziam as pigmentações do jenipapo, a extração de óleos de menta, mescla, copaíba. Ao meu conhecimento, que já estava atrelado e agregado aos povos tradicionais indígenas, adicionei bagagem científica”.

Referência dentro e fora da Reserva Pataxó da Jaqueira, ele vem conquistando novos espaços e se tornou, neste ano de 2022, representante da juventude Pataxó do Sul da Bahia, na Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (Apoiname).

Suhyasun também atua como Agente Comunitário Rural (ACR), no âmbito do Projeto do Governo do Estado, Bahia Produtiva, e entre suas funções estão a realização de visitas técnicas, reuniões comunitárias, aplicação de questionários e a realização de atividades de campo, para estimular a produção. Ele também realiza o acompanhamento das obras previstas na execução do projeto. **“Aprendi a trabalhar em todas as áreas desse projeto, seja execução financeira, social. O projeto me qualificou para tudo isso. Atuando como ACR dentro da aldeia, eu consegui engajar e chamar mais participantes para reuniões e incentivar as pessoas a falarem mais e se expressarem, mostrando que a ação feita pelo Bahia Produtiva é de todos nós”.**



Por meio do Bahia Produtiva, foram investidos cerca de **R\$ 939 mil** na Reserva Pataxó da Jaqueira, destinados à construção do Centro de Artesanato, onde são comercializados produtos como gamelas de madeira, miçangas, cerâmica haku Pataxó, arco e flecha, colar, brincos, pulseiras com sementes de açaí e de cariri, entre outros.

R\$ 939 mil

*Investimento na Reserva Pataxó da Jaqueira, destinado à **construção do Centro de Artesanato**, entre outras ações*

Os recursos também foram aplicados na construção de um portal receptivo para melhorar os atendimentos aos visitantes e Kijemes para pernoites de visitantes que queiram ficar mais tempo na Reserva, gerando mais renda para a comunidade. Além disso, a comunidade conta com o acompanhamento do ACR e com o serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), prestado pelo Instituto Terra Mãe, organização contratada pelo Bahia Produtiva.



➔ Jovem liderança indígena

Na Reserva Pataxó da Jaqueira, a juventude tem voz e tem vez. Mais de **60% da aldeia** é formada de jovens atuantes na comunidade. É de lá o primeiro jovem a se tornar cacique, **Syratã Pataxó, 33 anos**. “Normalmente, essa hierarquia sempre é herdada dos mais velhos, mas estou cacique justamente por conta dessas lideranças terem me escolhido. Tenho esse privilégio de ser uma liderança jovem, mas respeito e ouço sempre os mais velhos”.

Syratã também reconhece a importância das redes sociais para que a tradição e a cultura indígenas possam ganhar cada vez mais visibilidade em todo o mundo. “Nas guerras passadas, os nossos líderes, nossos caciques, levavam como representatividade de hierarquia um tacape, o arco e a flecha e as bordunas para ir às batalhas. Hoje, nós também temos que usar as estratégias do conhecimento. Nossa juventude está sendo preparada para poder lidar com esse mundo tecnológico, como Suhyasun, que está levando a voz dos povos indígenas para todos os cantos do mundo, através das redes sociais”.

“Nossa juventude está sendo preparada para poder lidar com esse mundo tecnológico, como Suhyasun, que está levando a voz dos povos indígenas para todos os cantos do mundo, através das redes sociais”.

Syratã Pataxó
33 anos, Cacique





Para o cacique, o mundo tecnológico está a favor dos povos indígenas. “É um meio de manter as pessoas com informações, de fato, de como é que vivem os povos indígenas, porque já fomos muito pesquisados, explorados, mas, na maioria das vezes, esses assuntos chegaram à sociedade não da maneira que a gente gostaria. O povo Pataxó, o povo indígena já domina essa tecnologia para poder dizer diretamente para a sociedade que nós estamos aqui e que nunca deixamos de existir. A gente conscientiza os nossos jovens Pataxós a se profissionalizarem, buscarem cursos, estudarem, para que possam dizer para o mundo que somos os verdadeiros donos da terra, os verdadeiros originários do Brasil”.

“O povo Pataxó, o povo indígena, já domina essa tecnologia para que possam dizer diretamente para a sociedade que nós estamos aqui e que nunca deixamos de existir”.

Syratã Pataxó
33 anos, Cacique



Além de cacique da Reserva da Jaqueira, Syratã é **presidente do Conselho de Caciques do Povo Pataxó**. Com licenciatura em História, pelo IFBA, no campus de Porto Seguro, ele é professor de História e já ensinou na Reserva da Jaqueira e em aldeias da região. Ele reforça a importância da educação como instrumento transformador social. “Os nossos mais velhos sempre lutaram, sem ter o conhecimento científico ou acadêmico, mas eles conseguiram resistir. Os jovens têm essa oportunidade de estudar nas universidades e somos conhecedores dos direitos que nos asseguram. O meu papel como liderança é trazer, além de uma organização interna, políticas públicas para dentro da aldeia e capacitação para os jovens, para que eles busquem autonomia. Meu legado, enquanto liderança, é deixar essas pegadas para que as novas gerações deixem as suas também”.





Renovação do cultivo é a aposta de novos produtores de cacau do Litoral Sul da Bahia

Romualdo Silva



O sistema produtivo do cacau vive, atualmente, um momento de transformação impulsionado pela força da juventude rural. Visando ao aumento da produção e produtividade do cacau e, conseqüentemente, ao aumento da renda, jovens produtores do Sul da Bahia investem na renovação da lavoura cacauífera, tendo em vista a sustentabilidade e a responsabilidade social e ambiental.

Romualdo Silva, 29 anos, é um desses jovens. Ele mora na comunidade de **Tranquilidade**, no povoado **Rio do Engenho**, em **Ilhéus**, município conhecido tradicionalmente pela produção de cacau, tanto pelo período em que o cacau gerou desenvolvimento e riqueza para a região, quanto pelos momentos de declínio, em que a cacauicultura foi quase dizimada.



Criado pelo avô, seu **Agnaldo Silva, 86 anos**, Romualdo cresceu em meio à agricultura familiar, de onde sempre veio seu sustento. Aos 14 anos, mudou-se para Ilhéus e o cacau, que sempre esteve presente na sua vida, passou a ser o carro-chefe da produção. Ele passou a trabalhar sob o olhar e as orientações do avô. No local, já existia uma plantação de cacau, mas eles queriam expandir a produção e resolveram aumentar a área de plantio da forma tradicional, com a espécie de cacau conhecido como parazinho, que precisava de muita área para produzir.

Mas foi quando Romualdo ingressou na Cooperativa de Serviços Sustentáveis da Bahia (Coopessba), em 2015, e passou a contar com o serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), além de participar de cursos promovidos pela organização, que as transformações começaram a acontecer na sua plantação de cacau. *“A ATER foi um ‘divisor de águas’. Foi quando deixei de produzir o cacau conhecido como parazinho e passei a produzir mais com o cacau clonado, em uma área menor. Sem ATER não seria possível melhorar e aumentar a produção. Ela é indispensável para o desenvolvimento do cacau. Foi assim que aprendi tudo, inclusive a ter outra mentalidade do manejo”.*

“Sem ATER não seria possível melhorar e aumentar a produção. Ela é indispensável para o desenvolvimento do cacau.”

Romualdo Silva
29 anos, produtor de cacau

De um lado, o forte legado deixado pelos mais velhos e, do outro, as novidades e tecnologias trazidas pelos mais novos. Se juntar os dois, a perspectiva é promissora. Com o conhecimento da história do cacau e da vivência na lavoura, do avô, e os aprendizados obtidos nos cursos que realizou e na Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) que recebeu, o jovem entendeu que era preciso mudar o modo de produzir.

Entre as inovações aprendidas e implantadas na propriedade, por Romualdo, está a nova forma de fazer o manejo, que inclui poda, preparação de berço, plantio, cultivo, balizamento do solo e a produção de mudas de qualidade, a partir da clonagem do cacau, que ganhou espaço por ser mais eficaz e não afetar o ecossistema, como nos métodos tradicionais de controle de pragas, que utilizam fungicidas ou queimam plantas contaminadas.



→ Uma nova era

Com a necessidade de o avô vender a propriedade, veio também uma fase de recomeço e renovação. Com o dinheiro que ele havia juntado com o trabalho que realizou nas terras do avô, Romualdo resolveu investir na compra de sua própria terra e começar do zero. *“Todo mundo sonha em ter uma terra para começar do zero. Em uma área antiga, temos o sofrimento de não poder colocar tudo da forma correta, pelo custo, ou pela produção que não pode parar. A propriedade do meu avô foi uma escola. Foi onde errei, testei, aprendi. Agora, tenho o projeto de fazer uma roça de cacau 100% renovada e colocar todo esse conhecimento que adquiri. Com essa nova área estou tendo a oportunidade de começar do zero e fazer desde o começo, da forma correta e mais produtiva”.*

São um total de 10 hectares onde Romualdo já construiu a sua casa e a casa do avô e lá está distribuindo 12 mil mudas clonadas, entre cultivos diversificados de frutíferas como laranja, limão e acerola. *“Passamos por fases conturbadas de muitas doenças que devastaram nossa cultura, mas hoje temos variedades e manejos novos, visando ao combate a doenças e à alta produtividade. Minha expectativa é que daqui a quatro anos eu comece a produzir de forma satisfatória, um cacau de qualidade e, quem sabe, montar a minha fábrica para produzir o meu próprio chocolate”.*

10 hectares

Com o plantio de **12 mil mudas clonadas** e cultivos diversificados de frutíferas como laranja, limão e acerola.

Para Romualdo, a renovação é continuidade. *“A gente mora em uma região cacaeira que já foi a mais produtiva do Brasil, mas, quando se olha a história do cacau, não tem a história de nenhum cacauicultor. Quando se fala de produção antiga, se fala dos coronéis, mas os jovens, agora, com estudos e aprendizados, têm a oportunidade de mudar isso, de estar no mercado e fazer a história”.*

Romualdo resalta que a agricultura familiar, em especial na produção de cacau, representa para ele a oportunidade de fazer o que ele gosta e a segurança financeira para a sua família. *“Os jovens têm que entender que a roça não é mais do modo antigo, de uma forma geral. A produção da roça não é mais carregada no lombo de animais, mas em motos, carros, triciclos. Roça, hoje, é energia elétrica, internet, carro na garagem, é dinheiro e segurança financeira para a família”.*



Do avô, o jovem herdou o gosto, a coragem e o incentivo para trabalhar com o cacau. E o recomeço é acompanhado bem de pertinho por seu Agnaldo, que observa tudo com olhos atentos e prontidão para ajudar no que for preciso. *“Romualdo veio para a minha companhia com três meses de nascido. Foi criado na roça e sempre trabalhei para a gente. Ele sempre me acompanhando e eu trabalhando e me dedicando, e ensinando para ele desde o plantio da mandioca, ao tirar da mandioca, o plantio do cacau, e o tirar do cacau. Vendi minha roça, mas continuo me dedicando. Foi muito importante para mim ele continuar na lavoura, porque o cacau é meu orgulho. O cacau é tudo na minha vida”.*

Para seu Agnaldo, Romualdo representa a renovação do cultivo pela juventude. Ele reconhece as melhorias obtidas tanto pelo novo tipo de cacau, quanto pelos cuidados para que o fruto tenha qualidade. *“Ele traz novas formas de cultivar o cacau. Agradeço por ele ter essa oportunidade e essa coragem para batalhar como eu batalhei para não depender da humanidade. O cacau que nós cultivávamos era o parazinho, hoje o cacau é clonado. O parazinho tinha um período para dar e o clonado, com essa nova técnica, colhemos o ano todo. Minha felicidade vai ser ver a roça cheia do novo, com pés de cacau todos zeladinhos, bonitinhos, carregadinhos, produzidos pelo meu filho”.*

➔ Incentivo à juventude pelo cooperativismo

A presidente da Coopessba, Carine Assunção, 39 anos, enfatiza a importância da renovação cacaeira. “Hoje, conseguimos perceber, de forma muito clara na cultura do cacau da região, que a inserção dos clones aumentou não só a produtividade, mas a volta dos mais jovens para a roça, com novas tecnologias e conhecimento aplicado na própria propriedade. Em outros tempos tinha a resistência dos pais, avós, bisavós, que tinham muito receio de mudanças. Hoje, conseguimos observar essa renovação não só com relação ao fruto do cacau, mas com renovação de pessoas”.

Carine ressalta que o jovem é movido por tecnologia e, hoje, a tecnologia no campo tem atraído muita gente. Ela conta que a cooperativa tem incentivado essa renovação com novos cursos para jovens e mulheres. “Já realizamos diversas capacitações e estamos começando um curso de fermentadores para cada localidade. Como o produtor antigo tem muitas travas para fazer inovação com um cacau de qualidade, investimos no jovem, porque é mais aberto à mudança, como Romualdo, que é um cooperado da Coopessba. Um jovem estudioso, com mente aberta para renovar a área, que faz estudo de solo, do clone adequado e que agarrou todo o conhecimento adquirido para colocar em prática na sua roça de cacau”.



A Coopessba recebe apoio do Governo do Estado, via Projeto Bahia Produtiva, no valor de **R\$ 2,9 milhões**, que contempla investimento em toda a base produtiva do cacau, com ATER, visando à efetivação de parcerias comerciais qualificadas entre a agricultura familiar e o setor privado, para garantir o acesso a mercados mais competitivos.

“Como o produtor antigo tem muitas travas para fazer inovação com um cacau de qualidade, investimos no jovem, porque é mais aberto à mudança, como Romualdo, que é um cooperado da Coopessba”.

Carine Assunção
39 anos, presidente da Coopessba

R\$ 2,9 milhões

Investimento do Governo do Estado, via Projeto Bahia Produtiva, em toda a **base produtiva do cacau cultivado pela Coopessba**

Com a marca Natucoa, a cooperativa, que já é referência na produção de chocolate de qualidade, possui três lojas próprias e comercializa, no mercado estadual e nacional, produtos veganos voltados ao público infantil com barras de 80 gramas, nos sabores cacau com banana, cacau com cupuaçu e cacau com jaca; o chocolate **‘7 Doses do Fruto Sagrado’** 100% cacau, apresentado em embalagem de 140 gramas; e barras de chocolates com percentuais diversos de cacau. A Coopessba ainda produz e comercializa cacau e chocolate em pó; nibs; e as cervejas de mel de cacau e de nibs com rapadura.



“Ele traz novas formas de cultivar o cacau. Agradeço por ele ter essa oportunidade e essa coragem para batalhar como eu batalhei para não depender da humanidade.

O cacau que nós cultivávamos era o parazinho, hoje o cacau é clonado.

O parazinho tinha um período para dar e o clonado, com essa nova técnica, colhemos ele o ano todo”.

Agnaldo Silva
86 anos, avô de Romualdo e produtor de cacau



**Técnica agrícola
mostra que é possível
viver com qualidade
no Semiárido baiano**

Tainan de Almeida

Fotos da matéria: Geraldo Carvalho



O protagonismo da juventude rural vem promovendo o desenvolvimento de práticas agroecológicas e sustentáveis, a partir de processos de multiplicação dos conhecimentos. Em todos os Territórios de Identidade da Bahia, jovens atuam no serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), trabalhando como facilitadores de processos voltados para o desenvolvimento rural sustentável.

Tainan de Almeida, 33 anos, é um desses exemplos. Ela é técnica de ATER pela Fundação de Apoio à Agricultura Familiar do Semiárido da Bahia (FATRES), organização contratada pelo Projeto Bahia Produtiva para a prestação desse serviço. Tainan atende cerca de 1.200 famílias de agricultores, de 11 municípios dos territórios Bacia do Jacuípe e Sisal.

“Busco o tempo todo multiplicar os meus conhecimentos, através da minha fala e da minha convivência com os agricultores, para mostrar para eles que é possível viver bem no Semiárido, com qualidade de vida, e valorizar o que é mais bacana, que é a ancestralidade de cada comunidade”.

Tainan de Almeida
33 anos, técnica de ATER



Neta e filha de agricultores, Tainan é técnica agrícola e experimentadora de técnicas agroecológicas e de convivência com o Semiárido. Viveu sua infância no campo, vivenciando todos os processos de produção junto à sua família e buscando segurança e soberania alimentar. “Eu me reconheço dentro da agricultura familiar. Nasci e me criei no campo, em Várzea da Roça, então eu já tinha uma vivência muito bacana com essa questão da convivência com o Semiárido”.

Nessa vivência, ela teve como inspiração os seus avós paternos, que tinham em sua propriedade uma unidade de beneficiamento de farinha. “Cresci dentro da casa de farinha, vendo todo o processo. Estar no convívio diário com eles e perceber o tanto que eles trabalhavam com a agroecologia me marcou muito, pois eles respeitavam o meio ambiente e não usavam práticas que degradavam o solo. Aquilo foi me despertando a buscar novas alternativas para colaborar com eles também”.

Com esse despertar, ela estudou e se capacitou para se manter no campo e incentivar mais jovens a fazerem o mesmo. “Os nossos pais, os nossos ancestrais, bisavós, ‘tataravós’, todos viveram bem com a agricultura e a gente sabe que, se olhar para essa ancestralidade, ela está dentro da gente e nos faz conseguir viver aqui e viver bem, sem reclamar, sem questionar demais, buscando alternativas que nos fortaleçam, gerem renda e que nunca nos façam parar para pensar: ‘Ah, eu vou para a cidade grande’”.

Dos estudos ao trabalho, Tainan sempre focou na agricultura familiar. Seu primeiro emprego foi na Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), organização que trabalha com tecnologias de armazenamento de água para consumo e produção. Atualmente, ela desenvolve ações nas comunidades em que atua pelo Bahia Produtiva, integrando as ações de criação de animais, entre eles: bovinos, ovinos e caprinos, galinhas caipiras, e também na apicultura e meliponicultura e na agricultura de sequeiro.

“Busco diversificar os cultivos e aumentar a diversidade da propriedade desde a produção de frutíferas, cultivos anuais, hortaliças, mandiocultura, produção e plantio de mudas de árvores nativas, proteção do licurizeiro e conservação da biodiversidade do ecossistema, de forma respeitosa e consciente. Entendo que todos os seres existentes têm uma função a ser desempenhada para contribuir para um planeta mais sustentável e rico em biodiversidade”, ressalta a técnica.

Para Tainan, o trabalho de assistência técnica é crucial para o desenvolvimento das comunidades e para manter a comunidade focada. “Normalmente, quando a gente está trabalhando com a comunidade, ela está sempre bem unida, organizada ou buscando novas alternativas, experimentando mais. A gente sempre percebe que a Assistência Técnica e Extensão Rural, contínua, promove o desenvolvimento da comunidade”.

Colhendo resultados

Uma das comunidades atendidas por Tainan é a de **Alto do Capim**, no município de **Quixabeira**. Lá, são **40 famílias atendidas** com assistência técnica para projetos de oleaginosas e também de galinhas caipiras. Entre as ações realizadas por ela estão as oficinas para fazer ração, melhorar a qualidade do solo, fazer policultivos e bancos de proteína, trabalhar com fitoterapia para os animais, cultivar plantas medicinais, além de encontros com jovens, para explicar o que é o Bahia Produtiva e incentivá-los a participar das atividades.

“Vimos quais eram os interesses de cada um e os estimulamos. Por exemplo, uns mostraram aptidão para a vacina das aves, outros para a produção de ração. Assim, muitos se reconhecem dentro do trabalho de ATER e, com isso, valorizam e colaboram também no processo de autoconhecimento e de valorização do conhecimento que a própria comunidade tem”, afirma Tainan.

Quando a jovem chegou à comunidade de Alto do Capim, os agricultores familiares estavam implantando os aviários, porém, o conhecimento que tinham era pouco e as práticas de sustentabilidade também não eram aplicadas. Então, foi iniciado o processo de formação em relação ao manejo alimentar, sanitário, ao melhoramento genético das aves, aperfeiçoando esse sistema reprodutivo.

Por meio do Projeto Bahia Produtiva, foram entregues a famílias da comunidade equipamentos e utensílios como chocadeiras e máquinas de incubação artificial. *“Diversificamos também a produtividade de ração, porque eles ficavam muito presos a comprar ração externa. Atualmente, eles coletam os subprodutos na própria comunidade. As famílias não tinham renda com a avicultura e agora estão comercializando ovos, frangos e gerando renda para eles e para os filhos, que também estão se envolvendo nas atividades”,* ressalta Tainan.



Novas perspectivas

Jamile Bispo, 23 anos, foi uma das jovens que iniciaram a atividade da avicultura após a chegada da ATER na comunidade de Alto do Capim. Ela não tinha nenhuma ocupação, mas, com a chegada dos investimentos do Bahia Produtiva na comunidade e do serviço de ATER, ela começou a trabalhar com a criação de galinhas.

“Antes eu não tinha renda. Catava licuri e andu e vendia vez ou outra com minha mãe. Foi quando participei de uma das reuniões promovidas pela ATER e aprendi uma forma simples de trabalhar e ganhar uma renda. A gente aprendeu a fazer limpeza de galinheiro, ninho, manejo e a cultivar as plantas que podem fazer ração para as galinhas. Foi assim que muitos jovens da comunidade começaram e outros também estão mostrando o interesse ao ver nossos resultados”, explica Jamile.

A jovem já comemora os resultados dessa atividade que desenvolve.

“Comprei meu fogão, minha bateadeira, minha TV, tudo com o meu trabalho. Agora, estou juntando [recursos] para construir a minha casa com a venda das galinhas e dos ovos”.

Jamile Bispo

23 anos, uma das jovens que iniciaram a atividade da avicultura incentivada pela agente de ATER

Gabriel dos Santos, 22 anos, que ajudava os pais na roça e também participou de uma das reuniões promovidas pela ATER, já tem seu próprio galinheiro com 20 aves.

“Vi que seria uma opção para mim, de trabalhar na comunidade.

Tainan nos mostrou que era possível e, através dela, a gente está buscando crescer.

Ela fez bastantes reuniões e sempre está nos motivando.

Se não fosse a ATER, a gente não desenvolvia essa atividade e nem continuava nela.

Agora é ‘meter a mão na massa’ e crescer”.

Gabriel dos Santos
22 anos, jovem agricultor



A agricultora **Gilcidi dos Santos, 53 anos**, desde criança via a mãe trabalhando com galinha. Depois de casada, começou a cuidar de suas próprias aves, mas foi somente com a chegada do Bahia Produtiva que ela viu a sua criação se transformar em renda. **“Hoje, tenho um galinheiro maior para produzir galinhas para consumir e vender, e nunca faltam ovos. Eu tinha umas 10; hoje, tenho umas 35 e não tenho mais porque consumo bastante”.**

Gilcidi comemora o interesse de jovens da comunidade nessa atividade. **“A gente não vai ficar aqui para sempre. Na cidade grande eles não vão ter muitas oportunidades de trabalho. Aqui na própria terra eles têm seu lugar e podem tirar o seu próprio alimento. A gente nunca teve um projeto como esse, para ser nosso, que nos ensinasse como criar e o que fazer. Precisamos aproveitar”.**



Tainan endossa as palavras de dona Gilcidi. **“Os jovens da comunidade são agentes de mudança, para dar continuidade às ações de desenvolvimento e mostrar que é possível ser filho/a de agricultor/a e poder colaborar com o seu povo, reconhecendo a sua ancestralidade, buscando empreender junto com as famílias e desenvolver, de forma sustentável, seu lugar de partida. A assistência técnica tem um papel muito importante, pois as comunidades precisam ser mobilizadas, estimuladas e receber orientações técnicas e inovadoras, que direcionem para o sucesso produtivo com qualidade e organização, até a consolidação de mercado”.**

“A gente não vai ficar aqui para sempre. Aqui na própria terra eles têm seu lugar e podem tirar o seu próprio alimento”.

Gilcidi dos Santos
53 anos, Agricultora



**Técnico em agropecuária
une conhecimento científico
à ancestralidade e revoluciona
forma de produção
de comunidade quilombola**

Mateus Rodrigues



A Comunidade Quilombola de Queimada Nova, localizada no município de Morro do Chapéu, Território Chapada Diamantina, traz em suas raízes a valorização da ancestralidade e dos saberes tradicionais. Fundada por Durval de Brito, que tinha 13 filhos e vivia na comunidade de Pedra da Mesa, também na Chapada Diamantina, iniciou tendo como principal atividade a agricultura.

É em Queimada Nova que um dos descendentes de Durval, o **técnico em agropecuária** e estudante de Ciências Agrárias, **Mateus Rodrigues, 29 anos**, representa o futuro, sem deixar de valorizar a ancestralidade e as raízes, que são reconhecidas como nessa bela homenagem, que deu origem ao nome da escola da comunidade: Escola Durval de Brito.

“Seu Durval de Brito é o meu bisavô. Eu estudei nessa escola e, desde sempre, morei aqui. Só saí para fazer o Curso Técnico em Agropecuária, em Morro do Chapéu. Mas, para falar a verdade, é aqui que eu nasci e me criei e não pretendo sair daqui tão cedo”, conta Mateus.

Genildo de Brito, agricultor e pai de Mateus, conta que seu pai era o filho mais velho dos filhos de Durval e que a família sempre se sustentou da agricultura familiar. Ele valorizou a busca do filho pelos estudos e foi com a agricultura que a sua família apoiou a decisão de Mateus. *“Então, a gente viu o interesse de Mateus pelos estudos e ficamos trabalhando daqui para manter ele lá e Deus foi abençoando”*.

“Eu tenho que agradecer bastante, pois foram eles que me incentivaram e me ajudaram com os recursos da roça”, ressalta Mateus. A família de Mateus cultiva, para o consumo e para a comercialização, produtos como mamona, milho, feijão e melão, além de criar animais.



→ Partindo da teoria para a prática

Depois de concluir o curso, Mateus trabalhou um período no município de Luís Eduardo Magalhães, até que surgiu a oportunidade de retornar para a sua comunidade e atuar na mesma escola onde estudou, realizando atividades com os estudantes sobre as vivências da comunidade. *“Eu trabalhava com crianças de 4 até 8 anos contando a história da comunidade, mostrando a árvore genealógica e quem era parente de quem. E trabalhava com uma galerinha mais jovem à tarde, quando a gente partia para a prática, fazendo hortas, viveiros e cisternas, dentro da escola mesmo”*, lembra Mateus.

Foi por meio dessa dedicação à comunidade que Mateus deu mais um passo no caminho do aprendizado profissional. Em 2016, ele foi selecionado para atuar como Agente Comunitário Rural (ACR) da Associação dos Produtores Remanescentes do Quilombo Queimada Nova, no âmbito do Projeto do Governo do Estado, Bahia Produtiva.



“Ser ACR para mim foi uma experiência nova. Eu aprendi muito. Foram conhecimentos para a vida. Participei de muitas formações com vários agrônomos especialistas em avicultura e a gente pode levar esses conhecimentos para a comunidade. Porque a gente trabalhava com a galinha caipira solta no fundo do quintal. A gente não sabia como alimentar, como tratar doenças e a época de tirar do criatório. Então, com a assistência técnica, a gente percebeu que a forma como a gente criava, ao invés de dar lucro, dava prejuízo”, explica Mateus.

A atuação de Mateus integra as ações do projeto de fortalecimento da criação de galinhas caipiras na comunidade, acessado pela Associação de Queimada Nova via edital do Bahia Produtiva. Com a ação, foram **investidos R\$ 430 mil** na construção de galinheiros rústicos, aquisição de equipamentos e no serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), prestada, por meio de contrato, pela equipe técnica do Centro de Formação e Organização Comunitária (Ceforc). Foi por meio do acompanhamento e das formações realizadas pela equipe do Ceforc que o jovem ACR se capacitou para repassar os conhecimentos necessários para beneficiários e beneficiárias do projeto.

“Com o tempo, a gente foi mudando o sistema de criação e modificando a raça ao introduzir o uso da chocadeira. O projeto nos ensinou também a utilizar os restos de pés de milho, mandioca e melancia como ração alternativa para as galinhas”, explica Mateus.

R\$ 430 mil

Investimento via **edital**
do Bahia Produtiva

Além dos investimentos na criação de galinhas caipiras, a Associação também conseguiu acessar o edital do Bahia Produtiva voltado, especificamente, para comunidades quilombolas. Os recursos, da ordem de **R\$ 511 mil**, foram direcionados à construção de uma casa de farinha e de uma cozinha comunitária totalmente equipadas. Foi então que Mateus colocou mais uma vez os seus conhecimentos em prática e intensificou o trabalho para o fortalecimento da mandiocultura na região.

“Um fator importante foi o manejo do solo para a questão da mandioca, porque a gente não tinha o costume de subsolar (descompactação do solo vermelho, característico na região, com a utilização do maquinário entregue via Bahia Produtiva). A gente achava que o plantio da mandioca era uma coisa mais rústica, que de qualquer jeito ia produzir. Mas não. Depois que a gente subsolou e irrigou, a gente viu que deu certo: a produção foi duas vezes melhor”, enfatiza Mateus.



Comunidade satisfeita

As mulheres quilombolas da Queimada Nova, que são maioria na atividade da agricultura familiar, reconhecem o papel desempenhado por Mateus. Entre elas está a agricultora **Evani dos Santos, 60 anos**, uma das grandes vendedoras de ovos da região, chegando a vender até 12 dúzias de ovos de uma só vez. *“Mateus é o meu anjo da guarda. Ele ajuda muito e qualquer coisa que acontece eu chamo por ele. Com o Bahia Produtiva, eu aprendi muita coisa que eu não sabia, a fazer cobertura no galinheiro, limpeza do ninho da forma correta. Aprender com os jovens é bom demais. A gente vai se renovando ouvindo deles”.*

A presidente da Associação, **Maria Jesus Macedo, 60 anos**, mais conhecida como dona Lili, também comemora os aprendizados obtidos com o ACR. *“Mateus sempre vem nos dando esse suporte, visitando os galinheiros, observando como estão sendo tratados os animais. Então, tanto do ACR como do Ceforc, nós estamos sendo bem assistidos e as galinhas já geram renda para a comunidade. Os ovos são vendidos dentro da própria comunidade, para fazer biscoitos, bolos e salgados. Isso é muito valioso”.*

A roda da economia está girando de tal forma na comunidade que a produtora de biscoitos, **Marilene de Jesus, 53 anos**, que também tem o acompanhamento do ACR, aguarda ansiosamente a entrega da cozinha comunitária para poder ampliar a sua produção de biscoitos, com os derivados da mandioca. *“Hoje, a gente produz em um espaço muito pequeno na sede da Associação. Quando a cozinha for inaugurada, com geladeira, armário e toda a estrutura, vai ser um sonho realizado na nossa comunidade, porque a gente vai conseguir produzir mais e ter uma renda a mais para a gente, com certeza.”*



“Aprender com os jovens é bom demais. A gente vai se renovando ouvindo deles”.

Evani dos Santos
uma das agricultoras atendidas por Mateus

Em busca de novos conhecimentos

Os conhecimentos adquiridos por Mateus, a partir da atividade como o ACR, deram ainda mais impulso ao jovem. Em 2020, ele ingressou na Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB), no Curso de Ciências Agrárias. *“Hoje, estou indo para o 6º semestre do curso. Com fé em Deus, quero fazer um mestrado depois”.*

Na universidade, Mateus já colhe conhecimentos importantes para a sua comunidade e também leva para o ambiente universitário mais informações sobre as suas vivências na comunidade. *“Eu consigo pegar muito da parte teórica na universidade, porque, no campo, a gente trabalha muito na prática e esquece a teoria. Agora, eu já faço roçagem, adubação e manejo de terra diferentes, com uma queimada superficial, da forma correta. Estou até pensando em fazer meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre a história da minha comunidade e a história da Caatinga. Quero juntar os dois porque é bom levar*

os conhecimentos e as experiências que eu tenho em casa para a universidade e tirar, muitas vezes, o preconceito de quem é da cidade de achar que a gente do interior é ‘lascado’”.

Quem comemora também essas conquistas é o seu irmão, **Marley Brito, 26 anos**.

“Com ele estudando e conseguindo as coisas, a gente pode aprender também daqui. Na criação de galinhas mesmo, ele ensinou muito e, hoje, já conseguimos ter uma renda.”

Marley Brito
26 anos, agricultor



Planejamento de novos projetos

No futuro, além do mestrado, Mateus quer qualificar a sua criação de animais e investir no cultivo orgânico, de base agroecológica. *“Eu quero fazer uma área orgânica certificada, sem agrotóxicos. Temos uma área permanente de preservação da Caatinga e eu quero reflorestar uma área com jurema, leucena, aroeira e outras árvores da Caatinga. Estou trazendo essa visão agroecológica da faculdade e não estamos mais mexendo na estrutura física do solo, estamos valorizando o que tem na propriedade e fazendo compostagem. Eu já fiz uma de quase dois metros que foi a coisa mais linda do mundo. Dei para as beneficiárias produzirem hortaliças. Hoje, a gente não perde mais nada na nossa terra”*, comemora Mateus.

Todo esse conhecimento retornando à Queimada Nova é motivo de alegria para dona Lili.

“Ele e outros jovens daqui da comunidade, que estão na faculdade, estão levando o nome do quilombo mais além. Estão buscando cursar suas faculdades e voltar para nos ajudar e isso é gratificante, porque eles são o futuro do quilombo”.

Maria Jesus Macedo (Lili)
presidente da Associação de Nova Queimada



**Contribuir para chegar
água de qualidade
em comunidades rurais
é propósito de gerente
de Central de Águas**

Poliana Brandão

Levar a água para comunidades rurais da Bahia se tornou um propósito de vida para a engenheira sanitária e ambiental, **Poliana Brandão, 32 anos**. Nascida em Salvador, Poliana, após completar o Ensino Médio, deixou a capital baiana para estudar na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), em Cruz das Almas.

Apesar de gostar de áreas como a da Saúde, Matemática e Química, ela não se arrependeu, tanto que seguiu na área acadêmica e cursou mestrado em Saneamento Ambiental. *“Gosto e acredito muito nessa profissão. É uma engenharia mais humana, mais social. Pelo menos, é o que eu tento levar para o que faço, da forma como atuo”*, conta Poliana.

E foi no seu mestrado que ela passou a ter mais contato com o saneamento rural e com os investimentos do Governo do Estado nas Centrais de Associações Comunitárias de Jacobina e Seabra. Há duas décadas as Centrais promovem o abastecimento de água potável no meio rural baiano, com o diferencial de ser uma política pública de saneamento rural com gestão compartilhada com as associações beneficiadas.

“Eu estive em algumas comunidades da Central de Seabra, trabalhando mais com a questão do consumo de água. Aí, depois do mestrado, surgiu essa vaga para começar a estruturar a Central de Caetitê”, lembra Poliana. Em seguida, concorreu à vaga de gerente-geral da Central das Associações Comunitárias de Caetitê, fundada no ano de 2020, a partir de convênio firmado com o Projeto Bahia Produtiva.



A Central de Associações Comunitárias de Caetité já recebeu financiamento de mais de **R\$ 3,5 milhões**, por meio do Bahia Produtiva. Os recursos foram aplicados na manutenção, administração, controle de qualidade da água e operação dos sistemas de abastecimento, implantados em parceria com a Companhia de Engenharia Hídrica e de Saneamento da Bahia (CERB), vinculada à Secretaria de Infraestrutura Hídrica e Saneamento (SIHS).

R\$ 3,5 milhões

Investimentos feitos na Central de Associações Comunitárias de Caetité, por meio do Projeto Bahia Produtiva

“Eu acredito nesse trabalho, tanto como pessoa, quanto como engenheira sanitária. Eu acredito que o saneamento rural tem que ir por esse caminho, porque é através das associações locais, junto com a equipe, que conseguimos manter os sistemas de abastecimento funcionando bem e atendendo todo mundo”, declara Poliana.

A engenheira coordena, atualmente, os três setores da Central de Caetité: manutenção, social e o administrativo. Cada setor tem a sua importância. A manutenção realiza os ajustes técnicos nos sistemas de abastecimento. A parte social realiza o acompanhamento junto às associações locais, para resolver questões ligadas à gestão dos sistemas e o setor administrativo, que compreende também a parte comercial, recebe as leituras dos hidrômetros de todos os sistemas e emite as contas que vão para pagamento dos usuários nas comunidades.



E não para por aí. Poliana tem relação direta com o Conselho de Gestão e o Conselho Fiscal da Central, formados e aprovados em assembleia geral composta pelos representantes de todas as associações locais beneficiadas. A gestão de pessoas se soma ainda ao acompanhamento técnico dos 21 municípios atendidos pela Central de Caetité, nos territórios Sertão Produtivo, Bacia do Paramirim, Sudoeste Baiano e Velho Chico, em trechos (entre Ituaçu e Paratinga) que chegam a mais de **400 quilômetros**.

400 km

Extensão territorial coberta pelo **acompanhamento técnico** da Central de Caetité

Para a jovem **Katiene Nunes, 21 anos**, que trabalha na área comercial da Central, o trabalho é gratificante.

“Eu me sinto prestigiada, porque eu vejo que muitas pessoas necessitam de água na zona rural daqui de Caetité, por isso acho tão importante o papel da Central”.

Katiene Nunes
21 anos, trabalha na área comercial da Central

→ Dedicção e satisfação pelo que faz

A engenheira sanitária conta que sua rotina é intensa, mas é gratificante. *“Eu gosto muito da parte de campo, então, eu viajo também e vejo como as obras estão. Gosto de conhecer os representantes das associações e de conhecer a comunidade. É puxado, mas é bacana, porque cada dia estou em um lugar e o trabalho me move muito. Minha terapeuta disse que eu gosto da adrenalina que o trabalho me proporciona”*, brinca Poliana.

A correria da engenheira tem o reconhecimento de funcionários da Central e presidentes das associações. O presidente da Associação Comunitária de Caldeiras e Adjacências, **Lucas de Sousa, 40 anos**, do município de Caldeiras, conta que tem contato direto com a gestora quando precisa resolver algum assunto relacionado ao sistema de abastecimento de água que funciona no município.

→ Como funciona

Para chegar a comunidades como as de Caldeiras, que possui **218 ligações domiciliares**, primeiro, a associação ou comunidade que esteja com a documentação regularizada deve manifestar, de forma registrada, o interesse, para contar com os serviços de fornecimento de água da Central. Depois, é preciso que a lei autorizativa seja aprovada no município, para que a Central inicie o processo de implantação do sistema.

R\$ 10,00

Taxa cobrada pela Central por 10 mil litros de água, enquanto uma tarifa normal custa R\$ 14,00 por 6 mil litros

“É só ligar ou mandar mensagem que Poliana está sempre atenta nos ajudando.

O sistema de abastecimento aqui para Caldeiras foi muito bom”.

Lucas de Sousa

presidente da Associação Comunitária de Caldeiras e Adjacências

Depois de definido qual sistema será construído e forem finalizadas as obras por parte da CERB, a equipe da Central das Associações se reúne com representantes da associação para tirar dúvidas e iniciar o processo de cadastro, com a mobilização da comunidade. Depois de efetivado o cadastro, é realizada uma assembleia, em que a associação decide quem será o operador do sistema e quais taxas estarão contidas na conta.

“O valor a ser pago vai variar muito, porque é uma gestão compartilhada e isso vai ser decidido pela comunidade, em assembleia. Entra um valor de tarifa de água, que é o que vem para a Central, mas pode entrar também o repasse do operador e a taxa da associação, que ajuda a associação a se manter. Mas é um valor que nem se compara a um custo normal de uso da água. Hoje, uma tarifa normal é de quase R\$ 14,00 para seis mil litros de água. A taxa da Central é de R\$ 10,00 por 10 mil litros de água”, explica Poliana.

Nesse processo, é responsabilidade do operador realizar o controle de todo o sistema, incluindo a entrega da leitura dos hidrômetros e o contato direto com a Central, para a resolução de problemas. *“Eu faço a leitura do cloro duas vezes por semana e trabalho na rede todos os dias, corrigindo vazamento. Também faço coleta de água para análise da Central de pontos no início, meio e fim da rede e minha renda é conforme os números registrados nos hidrômetros ligados. Dá um valor, em média, de R\$ 1.200,00 por mês, que já ajuda na renda da minha família, eu, minha mulher e duas filhas”*, esclarece o operador do sistema de Caldeiras, **Mário Sérgio Silva, 43 anos**.

O operador lembra como era o abastecimento da comunidade antes da Central. *“Era ruim, porque a água saía do poço direto, não tinha reservatório nenhum. Faltava água todos os dias, porque não dava para abastecer a rua e não tinham hidrômetros nas casas. Hoje está bem melhor”*.

A agricultora e agente de saúde, Jucélia Lopes, 42 anos, explica o que mudou com o abastecimento de água proveniente da Central. *“Todos os dias têm água e, com a Central, não tem mais aquela questão de julgar quem está usando a água de forma desnecessária. Porque, antes, como a água não era paga, tinha gente que molhava a plantação de forma abundante. Eu sempre tive a consciência de usar de forma mais regrada.”*

Os depoimentos positivos alegram Poliana. *“A sensação é a melhor. Eu estava passando em uma comunidade, esses dias, e sentei com eles, que falaram que, em lugares que nunca chegou água, está chegando. Isso é de arrepiar. É bem bacana ter esse retorno”*.



Mas, para Poliana, ainda há muito o que avançar para garantir o abastecimento de água de qualidade para comunidades rurais. “*Tem questões na parte técnica, do controle e da qualidade da água que a gente ainda precisa implementar. Além disso, está sendo construída uma sede própria da Central, com os recursos do Bahia Produtiva. Até o final de 2022, teremos 73 sistemas instalados, totalizando 10.673 ligações em 225 localidades rurais do estado da Bahia*”.

Por meio do Bahia Produtiva, o Governo do Estado já investiu mais de **58,9 milhões de dólares** na gestão das Centrais de Associações Comunitárias de Jacobina, Seabra e Caetité. Os recursos garantiram o atendimento a cerca de **129 mil pessoas** de **230 comunidades** da zona rural, que passaram a ter água nas torneiras de suas casas.

58,9 milhões de dólares

Recurso investido pelo Governo do Estado, por meio do Projeto Bahia Produtiva, na **gestão das Centrais de Associações Comunitárias** de Jacobina, Seabra e Caetité



FIA - AGRICULTURA FAMILIAR

TERRA;

DE RENDA;

ESTABILIDADE;

ENDIVIDORIZMO;

Lidera BP incentiva
jovem a se desenvolver
enquanto liderança na
sua comunidade rural

Fabrício Teixeira

Um incentivo pode fazer a diferença no desenvolvimento de aptidões e na tomada de decisão, especialmente, de jovens que estão em processo de formação. No caso de **Fabrício Teixeira, 24 anos**, filho de agricultor e agricultora familiar, do município de **Ibiassucê**, Território de Identidade **Sertão Produtivo**, o Lidera BP – Formação e Desenvolvimento de Jovens Líderes do Projeto Bahia Produtiva foi o impulso de que ele precisava para promover as mudanças necessárias na sua vida e de sua comunidade.

“Os conteúdos do Lidera BP que mais me marcaram foram associativismo, cooperativismo e marketing. Eu pude perceber a importância do trabalho coletivo e que, quando você está em um meio em que as pessoas se unem para trabalhar por uma mesma causa, o objetivo se torna mais fácil [de alcançar]. E o Lidera BP foi como olhar para a minha história, e de tantos jovens, e falar: ‘você pode liderar a sua comunidade, você pode trazer coisas novas para a sua comunidade através dos seus estudos’. Eu não tinha dimensão de como as coisas poderiam acontecer. Mas, após o Lidera BP, eu tenho mais ou menos um caminho, um mapa conceitual para que eu possa seguir na comunidade e realizar os nossos objetivos”, comemora Fabrício.

O jovem lembra que o convite para participar do curso on-line do Bahia Produtiva veio em uma reunião da Associação de Desenvolvimento Comunitário da Comunidade BonSucesso, onde mora. O chamado veio, mais especificamente, do tesoureiro **Gerson Rodrigues, 42 anos**. *“Lidera BP foi uma novidade para mim. Eu me lembro que as inscrições venceriam naquele dia, às 00h, e essa reunião acabou já eram 21h. Lembro que fiquei com medo de não dar tempo de fazer a inscrição, porque, inclusive, eu tinha trabalhos da faculdade para fazer. Mas foi aí que o Lidera BP entrou na minha vida”, relembra Fabrício.*



O **Lidera BP** é um programa de capacitação de jovens lideranças de comunidades rurais beneficiadas pelo Governo do Estado, por meio do projeto Bahia Produtiva. A capacitação, com duração de quatro meses (80 horas), desenvolveu competências empreendedoras de 31 jovens em sua primeira turma.

Organizado em cinco módulos (Cooperativismo e Associativismo, Empreendedorismo, Finanças e Tributação para as Cooperativas, Gestão de Marketing e Vendas, Liderança Transformadora) e um estágio supervisionado, o Lidera BP acendeu a chama da busca pela inovação, planejamento, gestão e novos mercados em jovens como Fabrício, que cursava, naquele momento, o curso de Geografia na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Caetité.

A identificação com o programa já veio no primeiro encontro, quando conseguiu se enxergar em outros jovens líderes que viviam histórias de vida parecidas com a dele, voltada à agricultura familiar. A partir daí, não mediu esforços para participar da capacitação on-line. *“Eu não perdia uma aula. Tinha dia que a internet não funcionava por estar em dia de chuva, aí eu ligava os dados móveis. Quando não tinha crédito, eu pedia à secretária de onde eu trabalho para ligar o dela. Foi um curso que eu valorizei demais. Fazia todas as atividades, interagia. Eu lembro que o pessoal do Bahia Produtiva já me procurava no início da aula, pedia para eu abrir a câmera e isso já era um reconhecimento de que minha presença era importante”, explica Fabrício.*

A intensa participação e interesse renderam a Fabrício o lugar de destaque na primeira turma do Lidera BP e a premiação foi a viagem para a Naturaltech 2022, a maior feira de produtos naturais da América Latina, realizada em São Paulo, em junho de 2022. Ele seguiu na comitiva formada por representantes de 18 cooperativas da agricultura familiar da Bahia.



“A Naturaltech foi uma coisa impressionante. Eu nunca havia tido contato com tantas marcas, tantos produtos orgânicos ao mesmo tempo. E quando eu vi que o Bahia Produtiva levou um estande com produtos de lugares próximos a mim, daqui da região, eu enxerguei a minha comunidade ali e me fez pensar que é possível um dia ir para a Naturaltech. Quem sabe um dia eu possa levar não só o meu produto, mas a minha cultura e a minha história para esse espaço. Esse é o sentimento que eu vou carregar para a vida toda”, narra Fabrício.

“Eu pude perceber a importância do trabalho coletivo e que, quando você está em um meio em que as pessoas se unem para trabalhar por uma mesma causa, o objetivo se torna mais fácil [de alcançar].

E o Lidera BP foi como olhar para a minha história e de tantos jovens e falasse: ‘você pode liderar a sua comunidade, você pode trazer coisas novas para a sua comunidade através dos seus estudos’”.

Fabrício Teixeira

24 anos, filho de agricultores familiares, jovem do Lidera BP

Lição de casa

Esse destaque que Fabrício conquistou no Lidera BP tem origem na sua formação, desde a infância, quando aprendeu a importância da agricultura familiar, no contato com o trabalho dos pais agricultores da comunidade de Bonsucesso.

“A gente sempre viveu da agricultura familiar. Desde os três anos eu já ia para a roça do meu pai, onde ele plantava mandioca com minha mãe. Meu pai fazia um lugarzinho para a gente ficar brincando enquanto ele trabalhava. É um orgulho muito grande poder falar isso porque eles são a minha base, eles que se esforçaram para poderem manter a gente estudando e, hoje, eu tenho a satisfação de ter conseguido chegar em uma universidade pública e me formar”, celebra Fabrício.

A mãe de Fabrício, **Maria Aparecida Teixeira, 45 anos**, emociona-se com as vitórias do filho. *“Para mim, é um orgulho muito grande, que não cabe nem dentro do peito. Só de falar eu já me emociono. São poucos jovens da idade dele que fazem o que ele faz. Ele é muito dedicado em tudo, porque tudo o que pedem a ele, ele está pronto para ajudar. Na época da faculdade, teve dia que eu levantava às cinco horas da manhã e ele ainda estava estudando”,* conta a mãe “coruja”.

“Para mim, é um orgulho muito grande, que não cabe nem dentro do peito. Só de falar eu já me emociono.”

Maria Aparecida Teixeira
45 anos, mãe de Fabrício



A vivência de Fabrício com o campo direcionou o jovem a estudar para poder contribuir com a sua comunidade. *“A opção pela Geografia, com certeza, teve relação com a agricultura familiar porque, na época do ensino médio, quando eu percebi que gostava de Geografia, teve um trabalho voltado para a nossa realidade e eu fiz relacionado com o que meus pais faziam, e eu sempre me encantei com as mudanças climáticas, com o relevo. Aqui mesmo na comunidade quando cai a primeira chuva, já dá para perceber as flores começando a brotar. Então, foi assim que eu meti as caras, fui para o curso e deu tudo certo”,* conta Fabrício.

Conhecimento repassado

O jovem concluiu, em setembro de 2022, a graduação em Geografia. Logo em seguida, Fabrício já foi chamado a atuar como professor para transmitir os conhecimentos nas aulas de um curso pré-vestibular do Estado, no município de **Ibiassucê**.

Consciente do seu papel enquanto professor, Fabrício já atua como mobilizador de jovens da região. *“Eu tenho um grupo com 70 adolescentes que eu sou o mobilizador. A gente senta para falar de política pública para adolescente, para reivindicar mudanças aqui dentro do município. É um trabalho de formiguinha e eu penso que, através dessas orientações e das possibilidades que a gente mostra para eles é que a gente consegue pensar em um futuro melhor, em que a qualidade de vida prevaleça”.*

Essa qualidade de vida já está sendo alcançada na comunidade de Bonsucesso, por meio do projeto Bahia Produtiva. Na comunidade, um total de **R\$ 535 mil está sendo investido em Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER)**, prestada pela Cooperativa de Trabalho, Assessoria Técnica e Educacional para o desenvol-

vimento da Agricultura Familiar (Cootraf), e na implantação de uma casa de farinha totalmente equipada, que atenderá diretamente a **106 famílias** da Associação de Bonsucesso.

Para o pai de Fabrício, **Joaquim Aparecido, 51 anos**, esse novo equipamento vai melhorar a vida da família. *“Essa casa de farinha vai ser muito boa para nós, porque, no passado, a gente produzia, mas não tinha para quem vender. Agora, eu vou aumentar a plantação de mandioca, porque não vou perder mais farinha”.*

R\$ 535 mil

Investimento realizado, por meio do Projeto Bahia Produtiva, em Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), e na implantação de uma casa de farinha, **atendendo diretamente 106 famílias da Associação de Bonsucesso**



Além dos equipamentos modernos e da nova casa de farinha, o tesoureiro Gerson Rodrigues, que é um dos incentivadores de Fabrício, ressalta a importância da assistência técnica para as famílias da comunidade. **“A assistência técnica nos trouxe conhecimento. Hoje, a gente tem mais consciência daquilo que estamos fazendo. A gente trabalha agora mais na área cultivada, sabe segurar mais a água no terreno, adubar a terra e usar cal para evitar o cupim da terra. Então, isso tem facilitado e feito as pessoas acreditarem na agricultura familiar, com o apoio do Bahia Produtiva”.**

Para Gerson e demais agricultores e agricultoras de BonSucesso, o reconhecimento pela liderança de Fabrício comprova que o conhecimento é o principal instrumento para trazer bons resultados na agricultura familiar. **“O sentimento em ver Fabrício sendo reconhecido é de muita alegria e felicidade, ainda mais porque ele merece isso. Ele é diferenciado na comunidade, porque tem respeito por todo mundo, tem um carinho especial pelas pessoas e o jeito dele tratar as pessoas é diferente. Ele sempre dá um jeito para servir à comunidade e nós sempre procuramos ele porque nós precisamos de pessoas que tenham esse conhecimento e essa boa vontade que ele tem.”**

Com algumas realizações já na bagagem, como o diploma de Geografia e o trabalho como professor, o que Fabrício mais deseja é não parar de estudar. **“Eu sempre penso em dar continuidade. Eu tenho muitos objetivos, tenho vontade de me especializar nos meus estudos e buscar aquilo que vi de bom como modelo para a minha comunidade. Eu já fiz a minha inscrição no Mestrado, quero fazer Doutorado, e quero passar em um concurso para professor do Estado. Eu quero deixar um legado por todos os conhecimentos que eu aprendi. Nas minhas aulas, eu sempre trago a realidade do rural para que os jovens possam se identificar com a sua cultura, com o seu modo de viver. Então, eu sempre faço uma ponte nos conteúdos para ensinar uma Geografia que faz parte do nosso cotidiano”**, ressalta o jovem professor.



SERVIÇOS TERRITORIAIS DE APOIO À AGRICULTURA FAMILIAR (SETAFS)

SETAF LITORAL NORTE (ALAGOINHAS)

Rua Padre Godinho, 156 - Santa Terezinha
CEP: 48011-320 Tels (75) 3541-7521 / 3423-4219

SETAF VALE DO JQUIRIÇÁ (AMARGOSA)

Rua Deraldo Bulhões de Souza, 404 - Centro
CEP: 45300-000 Tel (75) 3634-2382

SETAF BACIA DO RIO CORRENTE (BARREIRAS)

Av. Aylon Macedo, 670 - Ed. Porto Brasil - 3o Andar - Boa Vista
CEP: 47806-180 Tel (77) 3611-4658

SETAF VELHO CHICO (BOM JESUS DA LAPA)

Rua Hermes de Lima, 245 - São Gotardo
CEP: 47600-000 Tel (77) 3481-5111

SETAF SERTÃO PRODUTIVO (CAETITÉ)

Praça Rodrigues Lima, 230 - Centro
CEP: 46400-000 Tel (77) 3454-2022

SETAF METROPOLITANO DE SALVADOR (SALVADOR)

Av. Luiz Viana Filho, Conjunto Seplan - CAB
CEP: 41745-001 Tel (71) 3115-3940

SETAF RECÔNCAVO (CRUZ DAS ALMAS)

Praça Gerald Mayer Suedick, 01 - Centro
CEP: 44380-000 Tel (75) 3621-1711

SETAF COSTA DO DESCOBRIMENTO (EUNÁPOLIS)

Rua da Independência, 187 - Edgar Trancoso
CEP: 45820-573 Tel (73) 3281-6735

SETAF PORTAL DO SERTÃO (FEIRA DE SANTANA)

Rua Senador Quintino, 523 - Olhos D'Água
CEP: 44003-615 Tels (75) 3622-0825 / 3622-5311

SETAF IRECÊ (IRECÊ)

Av. Raimundo Bonfim, 512 - Loteamento Coopirecê
CEP: 44900-000 Tels (74) 3641-3931 / 3641-2245

SETAF PIEMONTE DO PARAGUAÇU (ITABERABA)

Av. Rio Branco, 569 - Centro
CEP: 46880-000 Tel (75) 3251-3039

SETAF LITORAL SUL (ITABUNA)

Av. Soares Pinheiro, 705 - Centro
CEP: 45601-097 Tels (73) 3616-1571 / 3212-2688

SETAF MÉDIO SUDOESTE DA BAHIA (ITAPETINGA)

Av. Presidente Kennedy, s/n - Centro
CEP: 45700-000 Tel (77) 3262-2637

SETAF PIEMONTE DA DIAMANTINA (JACOBINA)

Av. Orlando Oliveira Pires, 800 - Centro
CEP: 44700-000 Tels (74) 3621-3059 / 3621-3920

SETAF MÉDIO RIO DAS CONTAS (JEQUIÉ)

Av. José Moreira Sobrinho, 325 - Jequezinho
CEP: 45200-000 Tel (73) 3525-7752

SETAF SERTÃO DO SÃO FRANCISCO (JUAZEIRO)

Rua Engenheiro Geraldo Viana, 07 - Country Club
CEP: 48903-020 Tels (74) 3611-3933 / 3612-0664

SETAF BACIA DO PARAMIRIM (MACAÚBAS)

Rua Dr. Manuel Vitorino, 9943, 1o e 2o Andar - Centro
CEP: 46500-000 Tels (77) 3473-1421 / 3473-1422

SETAF ITAPARICA (PAULO AFONSO)

Rua Juscelino Kubitschek, 185A - Perpétuo Socorro
CEP: 48603-240 Tel (75) 3281-2962

SETAF BACIA DO JACUÍPE (RIACHÃO DO JACUÍPE)

Rua Alexandre Figueiredo, 98
CEP: 44640-000 Tel (75) 3264-2468

SETAF SEMIÁRIDO NORDESTE II (RIBEIRA DO POMBAL)

Rua Dr. Oliveira Brito, 344 - Centro
CEP: 48400-000 Tel (75) 3276-3772

SETAF BACIA DO RIO CORRENTE (SANTA MARIA DA VITÓRIA)

Rodovia Santa Maria da Vitória - KM 0
CEP: 47640-000 Tel (77) 3483-1466

SETAF METROPOLITANO DE SALVADOR (SALVADOR)

Av. Luiz Viana Filho, Conjunto Seplan, - CAB
CEP: 41745-001 Tel (71) 3115-3940

SETAF CHAPADA DIAMANTINA (SEABRA)

Av. Manoel Fabrício, s/n - Centro
CEP: 46900-000 Tel (75) 3331-1069

SETAF PIEMONTE NORTE DO ITAPICURÚ (SENHOR DO BONFIM)

Av. Agricultura s/n - Cleriolândia
CEP: 48970-000 Tel (74) 3541-7521

SETAF SISAL (SERRINHA)

Rua Joaquim Hortelino, 117 - Centro
CEP: 48700-000 Tel (75) 3261-2026

SETAF EXTREMO SUL (TEIXEIRA DE FREITAS)

Av. Presidente Getúlio Vargas, 5263 A 2o andar, sala 201 - Redenção
CEP: 45985-200 Tel (73) 3263-0181

SETAF VALE DO JQUIRIÇÁ (AMARGOSA)

Rua Deraldo Bulhões de Souza, 404 - Centro
CEP: 45300-000 Tel (75) 3634-2382

SETAF BAIXO SUL (VALENÇA)

Rua Guilhermina Góes, 42 - Centro
CEP: 45400-000 Tel (75) 3641-2732

SETAF SUDOESTE BAIANO (VITÓRIA DA CONQUISTA)

Av. Deraldo Mendes, 1383 - Urbis II
CEP: 45051-010 Tels (77) 3424-1166 / 3421-8026

ESPECIALISTAS TEMÁTICOS

ESPECIALISTA EM AQUICULTURA E PESCA

Alexandre José de Araujo Macedo

ESPECIALISTA EM MANDIOCULTURA

André Luis Lordelo Silva

ESPECIALISTA EM CAPRINOS E OVINOS

Carina Moreira Cezimbra

ESPECIALISTA EM BOVINOCULTURA DE LEITE

José Antônio Magalhães de Araujo

ESPECIALISTA EM APICULTURA E MELIPONICULTURA

Ana Carla da Silva Bonin

ESPECIALISTA EM FRUTICULTURA

Marcos Raimundo Pitangueira

ESPECIALISTA EM OLEAGINOSAS

Taís Nunes de Almeida

ESPECIALISTA EM SUBPROJETOS SOCIOAMBIENTAIS

Greice Póvoas de Carvalho

ESPECIALISTAS EM AGROINDÚSTRIA

Rafael Rebelo de Matos
Meirelaine Rios de Almeida Mendes

EQUIPE PROJETO BAHIA PRODUTIVA

COORDENADOR GERAL

Fernando Cabral

COORDENADOR DE ANÁLISE E ACOMPANHAMENTO

Gilberto Andrade

COORDENADORA DE APOIO AOS ESCRITÓRIOS TERRITORIAIS

Dora Helena Passos

COORDENADORA DE MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO

Egla Ray Costa

COORDENADORA DE CAPACITAÇÃO

Elira de Andrade

COORDENADOR DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL

Wecclei Ferraz

COORDENADOR DE INTELIGÊNCIA DE MERCADO

Aldir Parisi

COORDENADOR DE ACOMPANHAMENTO DO COMPONENTE DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA / CERB

Andrevan Santana

COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO

Sílvia Costa

ASSESSOR ESPECIAL DA DIRETORIA DA CAR

Ivan Fontes

ASSESSORA DE AQUISIÇÕES

Nara Muiños

ASSESSORA FINANCEIRA

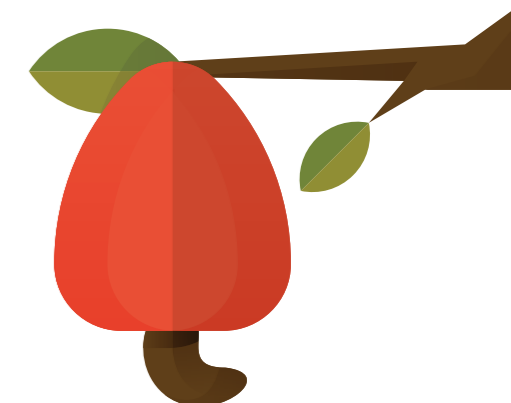
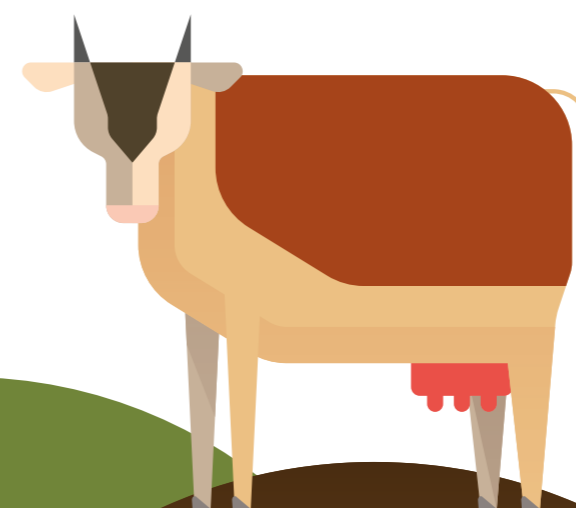
Maria Juçara Monteiro

ASSESSOR DE ACOMPANHAMENTO

Antonio Berenguer

ASSESSORA DE ACOMPANHAMENTO DO COMPONENTE DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA / CERB

Maria Auxiliadora Cavalcanti

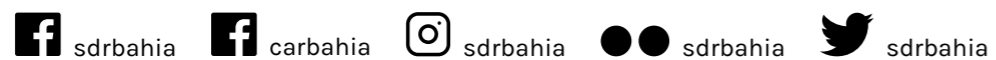




SDR - Secretaria de Desenvolvimento Rural
CAR - Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional

Sede do Projeto Bahia Produtiva
Av. Luiz Viana Filho, 250 Conjunto Seplan, CAB
CEP: 41745-001, Salvador-Bahia / Tel: (71) 3115-3941

Sites: www.sdr.ba.gov.br | www.car.ba.gov.br



Produzida pela Assessoria de Comunicação da CAR/SDR











ISSN 2764-9814
 9 772764 981406